

Agradecimentos

A concretização do meu estágio só foi possível com a colaboração e orientação de várias pessoas. Deixo, neste espaço, os meus maiores agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a sua realização.

- Ao Professor Orientador António Monteiro, pela transmissão de experiências e pela sistemática ajuda na produção de documentos fiáveis e enriquecedores que tornaram todo o processo mais eficaz;
- À Professora Orientadora Clarinda Pomar, pela transmissão de conhecimentos, diretrizes, normas e “ingredientes” para que pudesse “cozinhar” as aulas da forma mais adequada à realidade em que estava envolvido;
- Ao Professor Cooperante Sérgio Magalhães pela enorme disponibilidade com que me transmitiu em diversos momentos “dicas” fulcrais para melhorar enquanto professor, pela forma bastante profissional como me recebeu nas suas turmas, pela capacidade que demonstrou em perceber as nossas dificuldade ao mais ífimo pormenor e pela amizade e espírito de camaradagem que tratou o nosso núcleo de estágio;
- Aos meus colegas do núcleo de estágio, pela forma como trabalhámos ao longo do ano, em equipa, sempre com superior interesse da escola e dos seus alunos;
- A todos os professores, funcionários e direção da escola, pela compreensão e ajuda prestada em diversos momentos ao longo do ano letivo;
- Aos alunos das minhas turmas, pela oportunidade que tive em contribuir para a sua formação, da mesma forma que contribuíram para a minha;
- E finalmente à minha família, por todo o apoio e confiança prestada ao longo destes anos de formação.

A todos, muito obrigado!

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Diogo Emanuel da Rocha Monteiro na Escola Básica Conde de Vilalva

Resumo

Este relatório visa essencialmente proceder à reflexão crítica da minha prática de ensino supervisionada, realizada na Escola Básica Conde de Vilalva, ao longo do ano letivo 2012/2013. Esta prática assume-se como o culminar duma formação académica em que devemos colocar em prática os ensinamentos que nos foram transmitidos, em prol dos nossos alunos, honrando sempre a instituição que representamos. Neste sentido, esta reflexão pretende exaltar de forma clara todo o trabalho que desenvolvi, referindo as dificuldades, aprendizagens e experiências vivenciadas. Em relação às dimensões do professor, farei referência ao desenvolvimento do ensino (relatório da 1.^a etapa, plano anual de turma, metodologia de avaliação, etc.), ao trabalho que desenvolvi junto do departamento de educação física e da comunidade, e ao meu projeto de investigação. As conclusões e a experiência adquirida sobre a avaliação e as decisões ao nível da quantidade de matérias prioritárias a desenvolver foram patamares importantes que alcancei.

Palavras-chave: reflexão crítica; prática de ensino supervisionada; formação de professores; educação física; ensino básico, ensino secundário

Report of Supervised Teaching Practice conducted by Diogo Emanuel da Rocha Monteiro at Conde de Vilalva Basic School in Évora

Abstract

This report is intended primarily to carry out the critical reflection of my supervised teaching practice, held at the School of Conde Vilalva, throughout the academic year 2012/2013. This practice assumes itself as the culmination of an academic background in which we put into practice the teachings that was passed in, on behalf of our students, always honoring the institution we represent. In this sense, this reflection aims to exalt clearly all the work I have done, mentioning the difficulties, and learning experiences. Regarding the dimensions of the teacher , i will refer to the development of education (report first stage, annual plan for class , evaluation methodology , etc. .) , the work I have done with the physical education department and the community , and my research project. The findings and experience on the evaluation and decisions in terms of number of key issues to develop significant levels that were reached.

Keywords: critical reflection; supervised teaching practice; teacher training; physical education; basic education, secondary education.

Índice Geral

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Índice Geral.....	VI
Índice de Quadros.....	VII
Índice de Figuras.....	VIII
Índice de Anexos.....	IX
Lista de Abreviaturas.....	X
1. Introdução.....	1
2. O Professor de Educação Física.....	5
3. Contextualização da Prática.....	8
3.1. Expetativas Iniciais.....	8
3.2. Caracterização da Escola.....	9
3.3. Caracterização das Turmas de Estágio.....	12
3.3.1. Turma do 5.º Ano.....	12
3.3.2. Turma do 7.º Ano.....	13
4. Desenvolvimento do Ensino e Aprendizagem.....	14
4.1. Avaliação Diagnóstica.....	14
4.2. Planeamento Anual.....	18
4.3. Metodologia de Avaliação.....	26
4.3.1. Avaliação Sumativa.....	31
4.4. Condução do Ensino.....	34
4.4.1. Dimensão Instrução.....	35
4.4.2. Dimensão Organização.....	39
4.4.3. Dimensão Disciplina.....	44
4.4.4. Dimensão Clima Relacional.....	46
4.5. Observação no Ensino Secundário.....	48
5. Participação na Escola e Relação com a Comunidade.....	60
5.1. Participação nas Atividades do Grupo de Educação Física.....	60
5.2. Corta-Mato/Jogos Tradicionais Vs Modernos.....	62
5.3. BTT/Dança.....	66
6. Desenvolvimento profissional.....	70
6.1. Importância de ser Professor Investigador.....	70
6.2. A Investigação-Ação: A motivação dos alunos na aulas de Educação Física).....	72
6.2.1. Introdução.....	72
6.2.2. Objetivos.....	74
6.2.3. Metodologia.....	74
6.2.3.1. Participantes.....	74
6.2.3.2. Desenho do estudo.....	75
6.2.3.3. Programa de Intervenção.....	75
6.2.4. Resultados e Discussão.....	76
6.2.5. Conclusões.....	80
7. Conclusões.....	81
8. Bibliografia.....	84
9. Anexos.....	97

Índice de Quadros

Quadro 1 – Número de alunos em cada um dos ciclos de ensino do agrupamento de escolas nº 4 de Évora	9
Quadro 2 - Distribuição de alunos pelos ciclos de ensino da escola.....	10
Quadro 3 - Distribuição de alunos pelos anos.....	10
Quadro 4 – Dados do Agrupamento n.º 4 de Évora.....	10
Quadro 5 – Atividades Físicas Sujeitas a Avaliação	31
Quadro 6 - Forma de Atribuição dos Níveis em Relação as Atividades Físicas.....	32
Quadro 7 - Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos.....	32
Quadro 8 - Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias.....	32
Quadro 9 - Resultados da Turma de 7.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, na Aptidão Física.....	33
Quadro 10 - Resultados da Turma de 7.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos.....	33
Quadro 11 - Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias.....	33
Quadro 12: Participação nas atividades desenvolvidas pelo grupo de E.F. da Escola.....	61

Índice de Figuras

Fig. 1 - Pormenor do Plano Anual de Turma da turma 5.ºA.....	24
Fig. 2 – Pormenor de Plano de Aula (Aula n.º 46 e 47, 5.ºA)	25
Fig. 3 - Pormenor de Plano de Aula (Aula n.º 48, 5.ºA)	25
Fig. 4 - Pormenor de um plano de aula (aula nº35,turma 5.ºA).....	39
Fig. 5 – Pormenor de um plano de aula (aula nº45,turma 5.ºA).....	41
Fig. 6 – Pormenor de um plano de aula (aula nº43,turma 7.ºA).....	41
Fig. 7– Pormenor de um plano de aula (aula nº53,turma 5.ºA).....	42
Fig. 8 – Pormenor de um plano de aula (aula nº75,turma 7.ºA).....	43
Fig. 9 - Disciplina que mais gosta – Turma observada	50
Fig. 10 – Modalidade que mais gosta – Turma observada.....	50
Fig. 11 – Matérias menos preferida – Turma observada	51
Fig. 12 – Modalidades como Federado – Turma observada	51
Fig. 13 - Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção.....	78
Fig. 14 – Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção.....	80
Fig. 15 - Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção.....	82

Índice de Anexos

Anexo I – Pormenor da Metodologia das Grelhas de Avaliação Sumativa e Formativa.....	88
Anexo II – Pormenor da Metodologia das Grelhas de Avaliação Formativa	89
Anexo III – Exemplo da Metodologia da Autoavaliação por matéria.....	90
Anexo IV – Exemplo da Metodologia da Autoavaliação Geral	91
Anexo V - Grelha Final de Avaliação da Turma 5.º A.....	92
Anexo VI - Grelha Final de Avaliação da Turma 7.º A.....	93
Anexo VII - Observação n.º1 – 08 de Abril.....	94
Anexo VIII - Observação n.º2 – 10 de Abril.....	95
Anexo IX - Observação n.º3 – 22 de Abril.....	96
Anexo X – Observação n.º4 – 24 de Abril.....	97
Anexo XI – Questionário Implementado no Trabalho de Investigação.....	98
Anexo XII – Exemplo de Plano de Aula.....	105
Anexo XIII – Exemplo de Relatório de Aula.....	109
Anexo XIV – Exemplo de Quadro Resumo Avaliação Inicial do 5.º A.....	112
Anexo XV – Exemplo de Calendarização de Etapas 5.º A.....	113

Índice de Abreviaturas

P.E.S. – Prática de Ensino Supervisionada

E.F. – Educação Física

B.T.T. – Bicicleta Todo Terreno

P.N.E.F. – Plano Nacional de Educação Física

C.E.B. – Ciclo do Ensino Básico

1. Introdução

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.), realizada na Escola Básica Conde de Vilalva, inerente ao Mestrado em Ensino de Educação Física (E.F.) nos Ensinos Básicos e Secundários da Universidade de Évora, está implícita a realização de um relatório que pretende descrever e refletir acerca de todo o trabalho desenvolvido durante o ano letivo. A minha lecionação esteve relacionada com duas turmas, uma delas partilhada com um colega, sendo que uma delas era de 5.º Ano (a partilhada) e outra de 7.º. Este Relatório da P.E.S. tentará exaltar de forma clara e objetiva todos os “caminhos” que percorri ao longo do processo, refletindo ao mesmo tempo sobre as dificuldades, as dúvidas, as soluções que tomei e também aquilo que mudaria fruto da experiência que alcancei no decorrer do mesmo.

Antes de começar a descrever aquilo que pretendo partilhar e aclamar com este documento, sinto-me na obrigação de afirmar que aquilo que aprendi ao longo deste último ano foi deveras o mais importante em toda a minha formação académica: experiência prática. Ao longo dos anos anteriores fomos confrontados com dados teóricos que nos explicavam numa forma muito subjetiva aquilo que verdadeiramente se passa na realidade, não querendo como isto insinuar que não é importante, claro que o é pois confere-nos um conhecimento bastante necessário aquando da passagem para a parte prática, mas sem dúvida que passar pelas vivências de ser professor, de tornar as nossas aprendizagens significativas, de resolver problemas reais que se conjugam com a nossa personalidade, transforma-nos em futuros profissionais mais conscientes e preparados para enfrentar as responsabilidades que acarreta a digna profissão docente.

Assim sendo, começarei por apresentar uma pequena reflexão daquilo que considero ser um professor, mais especificamente, um professor de educação física. Partindo do passado desta profissão, efetuarei uma breve descrição daquilo que penso ser as suas funções sociais, quais as suas responsabilidades enquanto modelo para os seus alunos, qual a importância da disciplina na sociedade, qual a importância de ser professor reflexivo, pesquisador assíduo e autocrítico, de que forma poderão ser o mais eficazes

possível, assim como o que devem ser para conseguirem cativar os seus alunos, serão algumas das temáticas que abordarei neste ponto.

Seguindo a estrutura do relatório, começarei por efetuar uma pequena contextualização da experiência prática que vivi, proclamando quais eram as minhas expectativas iniciais (medos, dúvidas, angústias, vontades, etc.), caracterizando a escola onde realizei o estágio (atendendo ao projeto educativo, às suas diretrizes pedagógicas e a pequenos dados estatísticos), assim como as duas turmas em que lecionei (composição das turmas, proveniência geográfica, hábitos desportivos, interesses, problemas de saúde e dificuldades dos alunos).

Posteriormente, atentarei essencialmente na primeira etapa do processo de planeamento – a avaliação inicial, em que procurarei explicar de forma simples e clara os processos que eu e o meu núcleo de estágio desencadearam para tornar a mesma o mais eficaz possível, não omitindo de forma alguma os erros e as dúvidas que se foram despoletando, pois estou certo que da reflexão acerca desses erros é que “nasce” o conhecimento. É neste ponto que farei também o paralelismo entre os resultados iniciais e os finais, sublinhando dessa maneira a evolução existente nos meus alunos.

Depois, focarei a minha atenção nos aspetos relacionados com os planos anuais das turmas, evidenciando a sua importância no trabalho do professor (permite ao professor tornar o processo de aprendizagem como um todo e não a soma de diversas parcelas), explicando o modelo de lecionação que utilizei e as suas vantagens, assim como de que forma esteve presente em contextos práticos. Nesta fase, refletirei ainda sobre algumas experiências que vivenciei, dúvidas e até questões que levantei que, no meu entender, são temas que não têm uma resposta definida (no ensino nada pode ser dado como certo, é necessário adaptar os nossos conhecimentos à realidade com que somos confrontados. Deste modo, esquematizarei também algumas das estratégias que tentei sempre adotar ao longo do ano letivo.

Continuando, chega o momento de falar sobre a avaliação, a dimensão mais subjetiva e complexa do trabalho do professor. Exaltarei a forma como relacionei a avaliação formativa e sumativa, o que fui reajustando ao longo das etapas de ensino, mostrarei exemplos de grelhas de registo de ambas as avaliações, assim como de que forma realizei a auto e heteroavaliação (grelhas

elaboradas pelos núcleos de estágio da escola). Senti ainda a necessidade de explicar de que forma tentei tornar o processo de avaliação o menos subjetivo possível, obtendo desse modo dados concretos e elucidativos do nível de aprendizagem dos alunos para poder orientar o processo de aprendizagem dos mesmos.

No próximo ponto, ponto 4.4 farei uma análise aos princípios da eficácia pedagógica, refletindo acerca das quatro dimensões (instrução, organização, disciplina e clima relacional), sublinhando o que fui melhorando ao longo do ano, estratégias que adotei para ir de encontro aos princípios (exemplos de planos de aulas), o que não consegui atingir e o que deveria ter feito.

Para terminar este conjunto de temáticas acerca do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, exaltarei a importância, as mais-valias, os objetivos, as estratégias e as conclusões da observação que realizei numa turma do ensino secundário (nível de ensino que não lectionei).

Prosseguindo, no ponto chega a altura de analisar ao pormenor a minha participação nas atividades do grupo de E.F., enaltecendo primeiramente todas as atividades em que participei (e conseqüentemente a as experiências que ganhei com isso) e posteriormente analisando e refletindo ao pormenor (objetivos, contactos necessários, pontos fracos e fortes da atividade e sugestões de melhoramento), aquelas que idealizei, dinamizei e organizei em conjunto com o meu núcleo de estágio, mais propriamente a atividade do cortamato e do BTT e danças.

No que diz respeito ao ponto seguinte- ponto 6, vou abordar a temática da investigação no ensino, assim como a sua importância na carreira de um professor reflexivo, consciente e eficaz na sua leccionação. No seguimento deste ponto, explicarei de forma resumida aquilo em que consistiu o meu projeto de investigação, que realizei na minha turma de 7.º Ano, apresentando o tema, algumas considerações bibliográficas, estratégias implementadas e apresentação e discussão dos resultados (confrontação dos resultados iniciais com os finais).

No penúltimo ponto do relatório, apresentarei uma conclusão sob a forma de síntese, onde destacarei a importância de todo o processo enquanto futuro profissional, prestativas futuras, importância de continuar o processo de

aprendizagem ao longo de toda a vida profissional, pontos altos e baixo do ano letivo e as principais dificuldades que enfrentei.

Com este relatório espero conseguir transmitir tudo aquilo que realizei neste último ano e explicar duma forma clara os variadíssimos processos pelo qual passei nesta minha primeira experiência (quase) profissional.

2. O Professor de Educação Física

Por estes tempos, existem na sociedade pessoas que não conseguem vislumbrar o verdadeiro significado de ser Professor de E.F. Aqueles “professores das cambalhotas e das corridas” são com alguma frequência vistos, como aqueles que têm a função de fazer descomprimir os alunos das aulas científicas (matemática, física, etc.). Talvez não se enganem muito já que por vezes, somos mesmo obrigados a transformar a aula num ambiente relaxante, tranquilo e com um clima bastante positivo. Talvez este legado com que nos deparemos seja fundamentado pela forma como a disciplina foi “desvirtuada em décadas anteriores por docentes que não possuíam formação didática e pedagógica suficiente para tal, que optavam por transmitir apenas os conhecimentos frutos da sua experiência e gosto pessoal.

Felizmente, para mim e para os alunos, que a formação de professores de educação física sofreu um grande avanço, tornando-se no presente como das mais exigentes, que obriga os futuros professores a deter de variadíssimos conhecimentos em várias áreas, que nos dota de competências extremamente úteis e eficazes no que concerne à eficácia pedagógica, isto é, no verdadeiro sucesso dos nossos alunos. Durante este meu ano de estágio, percebi por diversas vezes a razão pela qual foi importante frequentar unidades curriculares como Educação e Valores ou Comunicação em Contexto Escolar, uma vez que me conferiram competências que me permitiram estabelecer um tipo de contato com os alunos e colegas, certamente diferente se não existissem. É lógico que tudo isto é coerente e faz sentido pois a função do professor não se esgota na transmissão de conhecimentos da nossa área disciplinar, mas também em funções da ordem social, que nos incumbem de transmitir valores éticos e morais como o respeito pelo outro, o companheirismo, a cooperação, a solidariedade, o respeito pelas regras, a amizade, etc., que podem vir a ser os valores da sociedade futura, no fundo, aquela que estamos a formar neste preciso momento.

Voltando às funções da E. F., não podemos omitir talvez aquela que no presente faz mais sentido e aquela pela qual a disciplina tem ganho mais apoiantes e respeito, o combate ao sedentarismo. São vários os fatores que levam os alunos a serem cada vez mais sedentários, embora muitas delas não

sejam desculpa para tal. Desde muito cedo que as crianças são compensadas pela ausência dos pais com consolas de jogos, canais de televisão por cabo ou mesmo internet acessível sem controlo parental, o que os “amarra” constantemente ao sofá e cadeira em detrimento duma ida ao parque, dum passeio de bicicleta, duma corrida, etc. Assim, para muitos dos alunos que constituem as turmas, a aula de E. F. é o único momento da semana que realizam atividade física, razão esta pela qual o professor deve potenciar ao máximo o tempo de empenhamento motor, garantindo sempre que esse tempo tem o máximo de qualidade. Esta qualidade além de conferir diversas experiências motoras aos alunos, aumentando-lhe o “leque” de padrões motores, poderá indiscutivelmente, desenvolver o gosto pela prática desportiva, levando-o até a iniciar um percurso desportivo extracurricular, atingindo outra das grandes funções da educação. Ainda dentro das funções da E. F., talvez a menos trabalhada nas aulas mas nada impescindível, o conhecimento do nosso corpo, do nosso organismo e das suas reações à atividade física, ou seja, ensinar aos alunos o porquê de “suar”, o porquê do coração bater mais rápido quando corremos, o porquê de respirarmos mais vezes quando estamos a fazer desporto, etc. Foi com surpresa que detetei em alguns alunos de 7.º o desconhecimento e a falta de curiosidade em saber a razão e a importância de produzirmos suor durante o esforço físico, acabando por despender momentos de algumas aulas a falar sobre este tipo de assuntos (Gaspar, 2009).

Para que o professor possa ter qualidade na sua profissão, torna-se fundamental reunir algumas qualidades. Aos olhos dos meus alunos das turmas onde realizei o estágio, um bom professor de E. F. é aquele que exige bastante dos alunos, potenciando assim as suas aprendizagens, aquele que demonstra possuir mais estratégias didáticas de ensino, aquele que “sabe mais sobre a disciplina” e o que é mais simpático, afável e “fixe”. Estas características foram descortinadas graças ao projeto de investigação que desenvolvi na minha turma de 7.º ano, onde procurei descobrir uma forma de motivar os alunos. Por estas quatro características consegue-se ter uma noção daquilo que os alunos esperam do professor sendo que para as deter é necessário permanecer-se atualizado e na vanguarda dos novos conhecimentos científicos, ou seja, ser um investigador assíduo nato, um curioso por natureza e interessado em procurar novos conhecimentos, novas estratégias de

aprendizagem, e novos conhecimentos didático-pedagógicos, com o objetivo rentabilizar esse novo conhecimento nas suas funções de professor (Alarcão, 2000).

Este ano de estágio foi muito proveitoso no que a novos conhecimentos diz respeito, foi um “fonte” inesgotável de conhecimento gentilmente partilhado por Orientadores, Professores Cooperantes, Professores da escola, colegas de estágio e até mesmo os alunos. O facto de estarmos integrados no seio da escola numa forma completamente total, permitiu-nos vivenciar alguns dos problemas recorrentes da prática profissional que foram resolvidos em conjunto com professores experientes que me conferiram imensas ferramentas para que no futuro seja apenas eu a resolve-los.

3. Contextualização da Prática

3.1. Expetativas Iniciais

Desde que comecei a frequentar este mestrado, tanto eu como os meus colegas fomos preparados de forma a corresponder o melhor possível às exigências da P.E.S. Ao longo de todo o primeiro ano, recebemos, dos nossos professores, imensos ensinamentos, várias “ferramentas”, em várias áreas disciplinares, com o objetivo de alargarmos a nossa capacidade intelectual.

Este foi um ano bastante preenchido, com várias unidades curriculares, muitas das quais com íntima relação à P.E.S., ou seja, muito do que era exigido seria mais tarde aproveitado ao longo do estágio (de forma direta ou indireta).

Passado este ano, chegou-se o momento prático, o culminar de 4 anos de formação académica (incluindo o 1.º ciclo), em que ia por à prova aquilo que tinha aprendido. A ansiedade foi grande pois voltar a uma escola depois de ter sido aluno há tão pouco tempo era no mínimo “diferente”, afinal ia transmitir conhecimentos que tinha aos alunos, ao mesmo tempo que estava a aprender a ensinar e eram estes dois lados “da moeda” que causavam alguns medos e incertezas. Será que vou conseguir aprender e ensinar ao mesmo tempo? Será que vou saber responder às perguntas dos meus alunos, isto é, terei os conhecimentos suficientes e a clareza necessária para explicar os conteúdos? Como deverá ser a minha atitude? Descontraído ou um pouco mais autoritário para garantir o respeito por parte deles? Estas foram alguns dos medos que tinha, no entanto e em conversa com outros colegas que já tinham passado pelo mesmo fui-me apercebendo que estas dúvidas são comuns a quase todos não fosse esta uma nova etapa, uma nova fase até aqui desconhecida.

Acordei comigo mesmo que iria aproveitar ao máximo esta experiência para aprender o máximo possível de modo a preparar-me o melhor possível para a vida profissional que se avizinha. Esta preparação teria que ser uma mistura da experiência ganha através do Orientador da Universidade, do Professor Cooperante da Escola onde realizei a P.E.S., dos Professores do Grupo de E. F. da Escola e também dos meus colegas do núcleo de estágio.

A primeira semana serviu essencialmente para acertar alguns pormenores e diretrizes tanto com o Orientador da Universidade como com o Professor Cooperante e conhecer a escola. A primeira impressão da escola e dos professores que a constituíam foi bastante agradável pelo que grande parte da ansiedade desapareceu pois sabia que existiam imensas “fontes” das quais poderia “beber” conhecimento.

3.2. Caraterização da Escola

A Escola Básica Conde de Vilalva, em Évora, fica localizada um pouco distante do centro da cidade, cerca de 1,5Km, num bairro eminentemente habitacional, da freguesia do Bacelo. A escola está vocacionada para receber os alunos provenientes desta freguesia e das freguesias rurais que constituem o agrupamento. A população escolar é, obviamente, bastante heterogénea, quer quanto à origem quer quanto ao contexto sociocultural. Esta Escola integra alunos oriundos de várias freguesias, entre as quais gostaríamos de destacar a Nossa Senhora de Machede, São Miguel de Machede, Graça do Divor, Azaruja e Penedo de Ouro.

No que concerne ao ano letivo que passou, a Escola foi frequentada, em regime diurno por 595 alunos, os quais se encontravam distribuídos da seguinte forma pelos ciclos de ensino:

Quadro 1: Número de alunos em cada um dos ciclos de ensino do agrupamento de escolas nº 4 de Évora

	<i>Pré-Escolar</i>	<i>1º Ciclo</i>	<i>2º Ciclo</i>	<i>3º Ciclo</i>
Alunos	289	529	267	297

Quadro 2: Número de turmas em cada um dos ciclos de ensino do agrupamento de escolas nº 4 de Évora

	Pré-Escolar	1º Ciclo	2º e 3º Ciclos
Turmas	15	26	27

Quadro 3: Número de turmas em cada um dos anos de ensino do agrupamento de escolas nº 4 de Évora

	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
Turmas	5	7	4	6	5

Quadro 4: Número de alunos, professores, inclusive de educação física e de funcionários da Escola Básica Conde de Vilalva

	Número de Alunos	Número de Professores	Número de Professores de Educação Física	Número de Funcionários
Escola Básica Conde de Vilalva	594	76	6	34

No que diz respeito aos quadros anteriores, facilmente verificarmos que a Escola Básica Conde de Vilalva, é constituída por 595 alunos, 76 professores e 34 funcionários. De entre estes professores, 6 são de educação física. Em relação à organização dos alunos, existem 2 ciclos na escola (2.º e 3.º) que se dividem em 28 turmas.

No que diz respeito aos projetos, e objetivos, o agrupamento propõe-se no seu projeto educativo (2013):

- ✓ *Fomentar a qualidade do ensino prestado*

- ✓ *Assegurar a igualdade de oportunidades*
- ✓ *Formar gerações de cidadãos esclarecidos que com o seu Projecto de Vida intervenham na comunidade onde estão inseridos*
- ✓ *Capacitar alunos a tornarem-se cidadãos e profissionais competentes para enfrentar os desafios de um mundo em constante mutação*
- ✓ *Participar activamente do processo de melhoria da qualidade educacional da região e do País.*

A educação e formação das crianças e dos jovens é um imperativo de todas as sociedades. O nível de educação e de formação de um povo é a “mola” impulsionadora do seu desenvolvimento.

No sentido de tornar mais estruturada a missão da escola e os seus valores, procuraram definir linhas orientadoras consubstanciadas em quatro dimensões:

- 1.ª - Dimensão – Promoção no Agrupamento, de uma cultura de excelência*
- 2.ª - Dimensão - Promoção da educação para a cidadania, cultura e valores*
- 3.ª – Dimensão - Promoção da educação para a sustentabilidade*
- 4.ª – Dimensão - Promoção da Educação para a Saúde*

A escola dispõe de dezanove salas de aula (ensino geral), quinze salas específicas ; salas destinadas aos Cursos de Educação e Formação), uma sala de informática e uma Biblioteca / Centro de Recursos; possui, ainda, um pavilhão gimnodesportivo. Além disso, tem gabinetes de apoio aos Departamentos Curriculares, Serviços Técnico-Pedagógicos, Diretores de Turma, Secretaria e Direção.

Em relação aos recursos de E. F., dispomos de 2 espaços cobertos (um deles mais destinado às ginásticas e o outro aos jogos desportivos coletivos) e 3 espaços exteriores (pista de atletismo, caixa de areia, campo de jogos, campo de voleibol e um círculo de lançamento do peso).

3.3. Caracterização das Turmas de Estágio

3.3.1. Turma do 5.º Ano

Esta era uma turma composta por 28 alunos, 16 dos quais do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

Relativamente à vida desportiva destas crianças, constou-se, no início do ano, que os alunos desta turma adoram acima de tudo 2 modalidades, o Futebol (rapazes) e a Dança (raparigas). Por outro lado, as opiniões destes divergem imenso no que diz respeito às modalidades menos apreciadas (várias modalidades mencionadas). Analisando a quantidade de alunos que pratica alguma modalidade desportiva, percecionámos que quase metade destes afirma que o faz. Quanto ao Desporto Federado apenas existiam 4 alunos nesta condição, o que pode ser explicado pela idade precoce em que estes alunos se encontram. No que diz respeito ao Desporto Escolar, este ainda não causava muito impacto na vida destas crianças, pois apenas 2 alunos estavam inseridos no mesmo, o que contribui para que estas tenham uma vida pouco ativa, já que 14 alunos praticavam menos de três vezes de Atividade Física por semana. Consequentemente, a maioria das crianças tinha uma ideia ajustada no que concerne à importância da E.F., pois reconheciam a sua pertinência ao nível da saúde, assumiam que com esta descobrem o que são hábitos de vida saudáveis e afirmavam que aprendem coisas interessantes sobre as variadíssimas matérias. Quanto aos hábitos alimentares, todos os alunos afirmaram que tomavam sempre o pequeno-almoço. O número de refeições realizadas diariamente pelos alunos era sempre uma questão alarmante, porém nesta turma não era assim tão preocupante quanto isso, pois havia muitos alunos a consumirem um número razoável de refeições. Por último, de frisar que nem todos os alunos revelaram saber o que era uma refeição saudável.

3.3.2. Turma do 7.º Ano

Esta era uma turma composta por 19 alunos, 13 dos quais do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

Era constituída, quase na totalidade, por alunos que residem próximo da escola, porém, mesmo assim, muitos deles vão de carro para aulas, ao contrário de alguns, que de forma saudável e económica o faziam a pé. Depois, também se verificava que a maioria dos alunos estudam sozinhos e preferem que assim o seja. Quanto às disciplinas favoritas, a E. F. estava entre as eleitas e no que concerne às disciplinas onde os alunos têm mais dificuldades, a Matemática surgiu como a mais destacada. Relativamente à vida desportiva destas crianças, constatava-se que esta turma era extremamente eclética (várias modalidades praticadas), aparecendo entre as modalidades a mais preferida, o Futebol (6 alunos), seguida do Andebol, Natação, Atletismo e Basquetebol com 3 alunos cada. Em contrapartida, a modalidades menos apreciadas também era o Futebol, mas a maioria não tinha, ou seja, gostavam de todas. Analisando a quantidade de alunos que pratica alguma modalidade desportiva, mais de metade dos alunos não praticava nenhuma atividade física e os que os faziam recorriam a clubes e não à escola. No que diz respeito ao Desporto Escolar, nenhum dos alunos que praticava atividade física o fazia recorrendo à escola. Relativamente à quantidade de vezes que praticavam atividade física por semana, a maior parte da turma assumia que o fazia menos de 3 vezes. A maioria das crianças tinha uma ideia ajustada no que diz respeito à importância da E.F., pois reconheciam a sua pertinência ao nível da saúde, assumindo que com esta descobriam o que são hábitos de vida saudáveis e afirmavam que aprendem coisas interessantes sobre as variadíssimas matérias. Quanto aos hábitos alimentares, todos os alunos afirmavam que tomam sempre o pequeno-almoço e o faziam antes de irem para a Escola, o que revela a importância que davam a este, e que o faziam acompanhados dos familiares. O número de refeições realizadas diariamente pelos alunos também foi uma questão alarmante, visto que apenas alguns tinham a noção de que deviam comer várias vezes ao dia (a maior parte dos alunos apenas fazia 4 refeições).

4. Desenvolvimento do Ensino e Aprendizagem

4.1. Avaliação Diagnóstica

“O processo de avaliação inicial tem, assim, por objetivos fundamentais, diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento”

(Lídia Carvalho, 1994, p. 138)

O processo de Avaliação Inicial influencia a tomada de decisões pedagógicas, isto é, perceber quais as aprendizagens que poderão vir a realizar com a ajuda do professor e dos colegas, na aula de E. F.

Logo, convém mencionar que a Avaliação Inicial possibilita a definição daquelas que são as matérias prioritárias (matérias em que os alunos, generalizando, têm mais dificuldades serão lecionadas num maior número de aulas – distribuição do número de aulas efetivas pelas diferentes matérias), o que também depende obviamente da rotação de espaços (embora o professor deva ter cada vez mais a capacidade de se adaptar e fazer adaptar os seus alunos a espaços um pouco menos próprios para fomentar determinado tipo de aprendizagens) e, viabiliza a formação de grupos homogêneos de nível por matéria se assim o professor o achar pertinente.

Como proclama Gardner (1995), frisado por Bratfische (2003, p.2), “a avaliação inicial permite ao docente perceber quais as competências mais desenvolvidas em cada um dos alunos e refletir sobre aquelas que ainda surgem como dificuldades/entraves”. Isto é, o professor fica capaz de situar de forma mais ajustada, uma estratégia que estimule, oriente e guie os alunos no caminho do sucesso.

Seguidamente, não devemos menosprezar, já que isso seria de todo incorreto, todas as outras dimensões implícitas em cada um dos alunos, isto é, mesmo falando em E. F., também devemos e podemos incidir a nossa atenção nos aspetos cognitivos, afetivos e psicomotores, excluindo, por completo, a ideia de que apenas o domínio motor nos interessa.

Para terminar, com o intuito de suscitar alguma reflexão quanto à problemática das avaliações (tanto a inicial, como a formativa e a sumativa), gostaria de enunciar a seguinte citação de Sant’ Anna (sem data), a qual

também foi referida por Bratfische (2003, p.8): “há professores que se orgulham de serem excessivamente exigentes, outros, ao contrário, de só atribuírem notas altas (facilitismo). Dever-se-iam orgulhar, isto sim, de serem competentes e humanos nas classificações/avaliações que atribuem/concretizam”. E para serem considerados competentes, de acordo com Fialho e Fernandes (2011, p.4), “os professores têm de munir a sua escola (cada uma em particular) de autonomia para tomarem decisões de acordo com a sua realidade e as finalidades previstas no currículo nacional” (atender a ambos). Isto é, como afirma Roldão (1999), citado por Fialho e Fernandes (2011, p.6), cada escola deve ter o seu próprio currículo, o qual é “definido como o conjunto de aprendizagens que cabe à escola garantir e organizar, sendo considerado socialmente necessário num dado tempo e contexto”. Portanto, as decisões de que falávamos, devem prender-se com a seleção das estratégias pedagógicas mais apuradas. Para isto mesmo, os resultados da avaliação inicial têm um imprescindível contributo (permitem aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem), para além, como referido em várias situações anteriormente, de se destinarem a garantir que o aluno tem sucesso nesta disciplina (uma implicará sempre a outra!). Concordamos com Fialho e Fernandes (2011, p.10) quando afirmam que as escolas devem estar mais orientadas para a avaliação para as aprendizagens e não para a avaliação das aprendizagens.

Segundo Carvalho (1994, p.138.), a Avaliação Inicial deve essencialmente respeitar os seguintes princípios:

“Confrontar os alunos com todas as matérias de E. F. selecionadas (pelo Departamento de E. F., ou pelo Programa Nacional de Educação Física (P.N.E.F.), se não existir nenhum documento orientador na Escola). O Departamento de E. F. deve possuir este tipo de documentação, pois aquilo que vem no P.N.E.F. está bastante desfasado da realidade (qualquer que seja o currículo existente na escola, este deve ser centrado na realidade da mesma, sendo construído ou reconstruído de forma dinâmica – com a colaboração de todos os interessados)”

Devemos ter em consideração, que por vezes o diagnóstico pode estar errado, pois o aluno pode estar desmotivado, pode estar com problemas pessoais que o perturbam, pode estar a ser constrangido por um fator externo,

Também Carvalho (1994, pág. 139 a 140) considerou sobre a Avaliação Inicial, que esta abarca alguns objetivos fundamentais:

“ Conhecer os alunos em atividade física, rever aprendizagens anteriores e recuperar a aptidão física, avaliar o nível inicial dos alunos e identificar alunos “críticos” e matérias prioritárias”.

No que diz respeito à forma como realizei a avaliação inicial, isto é, à metodologia utilizada, o meu núcleo de estágio optou por conferir algumas alterações e adicionar alguns parâmetros ao protocolo já existente na escola, pois este apresentava imensas lacunas (simplesmente não definia como efetuar alguns procedimentos). Já para não falar, que aquilo que existia, nem sempre se ajustava à realidade da Escola, isto é, quem produziu este Protocolo limitou-se a ter em conta, quase na totalidade, o que vem descrito no P.N.E.F., relativamente aos critérios de êxito. Quanto aos outros aspetos que foram definidos por este, nomeadamente, os exercícios critério e a forma de consumir o prognóstico, confessamos que na altura ainda não nos considerávamos capazes de os criticar ou reformular. Assim, tendo em conta que este Protocolo da Avaliação Inicial não definia a metodologia e os símbolos com que consumámos os registos nas grelhas de avaliação, os critérios de registo de observação (significado de cada um dos símbolos de registo) e os critérios de definição dos níveis de ensino (útil para diagnosticar as competências gerais dos alunos e para formar grupos por níveis: Não Introdutório, Introdutório, Elementar e Avançado, nós fizemo-lo, apresentando um proposta, a qual foi produzida com o auxílio do nosso orientador na escola e alguns professores do Departamento. Níveis estes que correspondem ao seguinte:

- “ • «Introdução», onde se incluíram as habilidades, técnicas e conhecimentos que representam a aptidão específica ou preparação de base («fundamentos»);
- «Elementar», nível onde se discriminam os conteúdos constituintes do domínio (mestria) da matéria nos seus elementos principais e já com caráter mais formal, relativamente à modalidade da Cultura Física a que se referem;

- «Avançado», que estabelece os conteúdos e formas de participação nas actividades típicas da matéria, correspondentes ao nível superior, que poderá ser atingido no quadro da disciplina de Educação Física. (Por isso mesmo, este nível surge como programa alternativo no todo ou em parte)».

A forma como definimos os critérios para definir os grupos de nível dos alunos foi muito exigente, ou seja, depois de passar por todo o processo facilmente admitimos que fomos muito exigentes, obrigando os alunos a não poderem ter nenhuma falha para manterem o nível em que estão a ser avaliados. Por exemplo, quando eram avaliados 4 critérios de um determinado nível de uma determinada matéria, o aluno não poderia ter um parâmetro negativo (diga-se “Não Faz” ou “Nunca”), senão baixava para o nível inferior (se estávamos a avaliar o nível elementar, o aluno passava para o nível introdutório). De referir também que optei por utilizar também o nível não introdutório pois muitos dos alunos não apresentam aprendizagens suficientes para estarem no nível introdutório.

Assim, depois de realizar todas as avaliações em ambas as turmas, 5.º e 7.º, houve a necessidade de agrupar toda a informação obtida em tabelas resumo que me davam uma ideia geral de todo o panorama, ou seja, perceber quais as dificuldades e quais as matérias com mais facilidades. Além das matérias, também realizei a avaliação da aptidão física (através dos testes do Fitnessgram) e dos conhecimentos (através da realização de um teste diagnóstico). Este teste diagnóstico foi uma das inovações que o meu núcleo de estágio implementou na escola, uma vez que até à data não existiam registos de tal preocupação, revelando-se ser muito importante para nós, enquanto professores, pois foi uma forma de perceber como deveríamos atuar durante as aulas para trabalhar esta dimensão da educação física muitas vezes esquecida pelos professores.

Fruto dos resultados da avaliação inicial, definimos que as matérias prioritárias na turma de 5.º Ano foram Ginástica de Solo e Jogos Pré-Desportivos e na turma de 7.º Ano foram Ginástica de Solo, Atletismo e Badminton. Esta foi outra das aprendizagens que só no final do ano consegui constatar: não é viável definir mais do que 2 matérias prioritárias pois torna-se muito difícil alcançar os objetivos a que nos propomos quando definimos uma

matéria como tal, ou seja, fazer com que todos os alunos evoluam, sabendo que é das matérias em que existe maior dificuldades ou que existe uma maior discrepância entre a realidade e o que é preconizado nos P.N.E.F.

Sob a forma de síntese, gostaria ainda de referir que este foi um processo muito enriquecedor pois dotou-me de “ferramentas” essenciais para que num futuro próximo possa implementar todas estas diretrizes, alterando tudo aquilo que considero pertinente, em relação ao que realizei neste ano letivo, pois derivado de todas as reflexões que já efetuei sobre o assunto, percebi, entendi e descobri alternativas que melhoram todo o processo e consequentemente a aprendizagem dos alunos.

4.2. Planeamento Anual

“Muitos professores só concebem a ideia e necessidade de planeamento e preparação do ensino unicamente em relação com a aula. Esta – cada aula – surge isoladamente no centro das suas reflexões, desligada de uma visão do ensino como totalidade contínua e sistémica. A conceção isolada das aulas não deixa «somar» os efeitos, nem alcançar um resultado satisfatório global do ensino”

(Bento, 2003, p.65)

Então, o Plano Anual de Turma (P.A.T.) é o “1.º passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo” (Bento, 2003, p.65).

Duma forma mais explícita, o P.A.T. deve: assumir a pretensão de determinados alunos alcançarem determinados objetivos no final do ano, atribuir muita importância ao planeamento de unidades de ensino e definir objetivos a alcançar em cada uma delas (pouco objetivos, mais os essenciais e os alcançáveis), distribuir matérias por aulas, definir as funções didáticas de cada aula, perceber que todas as aulas integram o processo total (dentro de uma unidade didática devo obedecer a uma estrutura didático-metodológica

semelhante), pressupor que devemos avaliar e reavaliar constantemente o processo, abarcar todas as áreas, estabelecer aspetos fulcrais no ensino (valência pedagógica – por exemplo, um aluno que faz uma roda, tem uma maior probabilidade de conseguir fazer o pino) e demonstrar que nos preocupamos com a motivação dos nossos alunos (tornar as aprendizagens significativas).

Para que se consiga ir de encontro a todas estas características, o nosso planeamento das aulas deve ser o mais flexível possível, isto é, ir adaptando numa forma sistemática as nossas diretrizes com o intuito de ir atualizando/redefinindo os nossos objetivos, sempre com superior interesse no sucesso dos alunos. Desse modo, só o modelo de planeamento por etapas encaixa na perfeição no pretendido.

Tendo como referência Rosado (s/d), o Modelo por Etapas proclama o seguinte: uma etapa corresponde a um período de tempo em que se procuram alcançar determinados objetivos, os conteúdos estão muito dispersos temporalmente, requer uma Avaliação Inicial e exige a elaboração do P.A.T., as aprendizagens no domínio motor estão tendencialmente distribuídas, hierarquiza matérias (em que as prioritárias correspondem a grandes debilidades) e objetivos, aulas politemáticas, pressupõe a existência das tais unidades didáticas, respeita o princípio da inclusividade e da diferenciação, depende, para reajustar e de momentos de avaliação (formativa e sumativa).

Assim, o P.A.T. tem como referência o Projeto de E.F. da escola, os resultados da Avaliação Inicial, os P.N.E.F. e a metodologia do Modelo por Etapas.

É muito importante considerar, o referido no P.N.E.F. do 3.º Ciclo do Ensino Básico (C.E.B.) (Bom et al., 2001, p.6-7) porque retirámos deste os objetivos intermédios e finais (mesmo que alguns tenham sido adaptados), quanto aos três níveis em que estão especificados os conteúdos de cada uma das matérias.

São imensas as finalidades pedagógicas decorrentes da realização do plano anual de turma. Para Bento (2003), a conceção deste plano, permite ao Professor “ (...) ter uma perspetiva bem clara acerca daquilo que todos os seus alunos devem saber poder na sua disciplina no final do ano letivo.”

Este é um objetivo ou uma finalidade bem clara do que se procura com este tipo de planeamento: o que devem os alunos adquirir ao longo do ano letivo. No entanto, não basta definir quais os objetivos a alcançar, é necessário também descrever quais as estratégias que pretendemos utilizar como via de alcançar o sucesso dos alunos. Tal como Bento (2003, p.66) esclarece acerca de; “(...)esboçar noções acerca da via ou método geral da sua realização, noções sobre a organização correspondente do ensino, quanto à diferenciação de metas ou níveis de desenvolvimento...e conseqüentemente, acerca de linhas didático-metodológicas fundamentais.)”.

Outra das grandes finalidades de plano prende-se com o facto de alcançar o princípio da especificidade isto é, “(...)todos os alunos devem ter oportunidade de lhes serem aplicados processos e estratégias distintas, em função das suas possibilidades pessoais, para conseguirem evoluir nas competências prioritárias das matérias de cada ano” (Bento, 2003, p. 67).

Ou seja, aquando da realização deste plano, o Professor tem que ter sempre presente que a sua turma representa um conjunto muito diversificado de alunos e por este facto não podemos promover um ensino massivo para todos sem fazer distinção entre as suas características. Estas características, estão presentes nos alunos de acordo com as suas vivências anteriores, com a sua personalidade, com a sua família, etc., e deste modo cabe ao Professor conseguir conciliar, tanto quanto possível e tanto quanto necessário, todas as suas “armas” em virtude dos seus alunos.

O facto de planearmos a longo prazo, como é no caso do P.A.T. dá-nos a possibilidade de prever os vários momentos de aprendizagem ao longo do ano, tornando estes momentos muito mais conscientes e coerentes entre si, ao invés de uma planificação isolada, sem uma íntima relação entre si. “As características, as leis, princípios e a essência do ensino não admitem a ideia de planejar isoladamente as ações pedagógicas (...). No ensino trata-se de traçar e realizar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um período lato de tempo (...).” (Bento, 2003, p. 65 e 66).

Duma forma bastante sintética, explicarei de seguida, a forma como operacionalizei todo o processo, mostrando a forma como introduzi todas estas diretrizes no meu planeamento das aulas.

Plano Anual de Turma - 5.º A (Ano Letivo 2012/2013)																				
Períodos	1.º Período (14.09 a 14.12)			2.º Período (03.01 a 15.03)			3.º Período (02.04 a 07.06)													
Etapas	1.ª Etapa		2.ª Etapa			3.ª Etapa			4.ª Etapa											
Função Didática	Avaliação Inicial		Aprendizagem e Desenvolvimento			Desenvolvimento e Aplicação			Consolidação											
Meses	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho										
Datas	14.09 a 24.10		29.10 a 21.11		26.11 a 12.12		07.01 a 30.01		04.02 a 27.02		04.03 a 03.04		08.04 a 24.04		29.04 a 20.05		22.05 a 12.06			
Unidades de Ensino	1.ª U.E.		1.ª U.E.		2.ª U.E.		3.ª U.E.		1.ª U.E.		2.ª U.E.		3.ª U.E.		1.ª U.E.		2.ª U.E.			
N.º Semanas	6		4		3		4		3		3		4		4		4			
Espaços	P1/P2/G1/G2		G2/P2/G1/P1		G2/P2/G1/P1		G2/P2/G1/P1		G2/P2/G1/P1		G1/P2/G2		G2/P2/G1		G1/G2/P2/P1		G1/G2/P2/P1			
Matérias	Fitnessgram Gin. Solo Gin. Rítmica Gin. Aparelhos (todos os aparelhos) Atletismo (corridas, saltos e lançamentos) Futebol Jogos Pré-Desportivos Voleibol Raquetes A. Rítmicas e Expressivas Conhecimentos		Jogos Pré-Desportivos Voleibol Atletismo (Velocidade, Corrida de Precisão e Lançamento da Bola) Gin. Aparelhos A. Rit. e Expres. Gin. Solo Luta		J. Pré-Desportivos Raquetes Luta Gin. Solo e Aparelhos Atletismo (Corrida Contínua, Salto em Comprimento, Lançamento da Bola e Velocidade) Gin. Rítmica Futebol		Gin. Rítmica Luta Gin. Solo Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Salto em Altura, Salto em Comprimento, Lançamento da Bola e Velocidade) Futebol Voleibol Gin. Aparelhos A. Rit. e Expres. Conhecimentos		Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Salto em Altura, Salto em Comprimento e Lang. Bola) Voleibol A. Rit. e Expres. Conhecimento		Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Corrida Contínua e Lang. Bola e Velocidade) Futebol Voleibol A. Rit. e Expres. Conhecimentos		A. Rit. e Expres. Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Gin. Rítmica		A. Rit. e Expres. Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Futebol Voleibol Atletismo (Saltos em Altura e Comprimento, Velocidade)		Fitnessgram Gin. Solo Gin. Rítmica Gin. Aparelhos (tudo, menos Barra Fixa) Atletismo (tudo)		Fitnessgram Gin. Solo Gin. Rítmica Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Futebol Voleibol Raquetes A. Rit. e Expres. Conhecimentos	
Objetivos	Avaliar a aptidão Física de todos os alunos; Diagnosticar competências e dificuldades nos alunos; Rever algumas matérias e fomentar aprendizagens; Criar rotinas; Ponderar estratégias de		Objetivos Intermediários da 2.ª Etapa: Definidos no Plano Anual de Turma						Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Plano Anual de Turma				Objetivos Finais: Definidos no Plano Anual de Turma							

Fig. 1: Pormenor do Plano Anual de Turma da turma 5.ºA

Se atentarmos com atenção para a figura acima, verificamos que tal como referido acima, as unidades de ensino em que dividi as etapas apresentam uma estrutura didático-metodológica semelhante (círculos amarelos e vermelhos), o que faz com que cada aula pertença a todo o processo, por outras palavras, levar à letra a expressão “o todo é muito mais do que a soma das partes”. Com esta visão, o professor tem a facilidade de tornar o processo de aprendizagem coerente e ajustado pedagogicamente aos alunos.

Aula n.º 46 e 47	Data: 21.01.2013	Duração: 90'	Instalações: G1	Materiais: 3 Bolas para Bola ao Círculo, 14 Bolas de Futsal, Rádio, 24 Pinos, 6 Arcos, 12 Cones e 14 Coletes.
Ano/Turma: 5.ªA N.º Alunos: 28	<i>Níveis de Desempenho:</i> A. R. Expressivas – NI e I Jogos Pré-Desportivos – E e A Futebol – NI e I	Matérias e n.º aula (por etapa): A. R. Expressivas – 3.ª Aula (2.ª nesta Etapa) Jogos Pré-Desportivos – 9.ª Aula (6.ª nesta Etapa) Futebol – 2.ª Aula (1.ª nesta Etapa)		
Etapa (Funções Didáticas): 2.ª Etapa – Desenvolvimento e Aprendizagem Avaliação Formativa nos Jogos Pré-Desportivos	Conteúdos <u>A. R. Expressivas</u> NI – Desloca-se por todo o espaço; Percorre várias direções, sentidos e zonas; usa ações locomotoras e não locomotoras I – Realiza uma posição de equilíbrio/estátua após o meu sinal; movimentos ajustados à música (ao ritmo) <u>Jogos Pré-Desportivos</u> E – Recepção; Enquadramento Ofensivo; Passe; Criação de Linhas de passe A – Defesa H-H <u>Futebol</u> NI – passe; recepção; condução de bola I – passa a colega desmarcado; penetração		Objetivos de Aprendizagem <u>A. R. Expressivas</u> NI – Ocupar todo o espaço, percorrer várias direções, sentidos e zonas e, usar ações locomotoras e não locomotoras I – Realizar uma posição de equilíbrio/estátua após o meu sinal; adequar/ajustar movimentos à música (ao ritmo) <u>Jogos Pré-Desportivos</u> E – Receber e passar a bola oportunamente, promover um enquadramento ofensivo ajustado ao contexto de jogo e criar linhas de passe A – Defender H-H <u>Futebol</u> NI – Passar, receber e conduzir a bola I – Passar a colega desmarcado e penetrar nos espaços vitais adversários	

Fig. 2 – Pormenor de Plano de Aula (Aula n.º 46 e 47, 5.ªA)

Aula n.º 48	Data: 23.01.2013	Duração: 45'	Instalações: G1	Materiais: Rádio, Bancos suecos, arcos, bolas de basquetebol, 7 bolas de Futsal, pinos, cones, 12 barreiras de atletismo e 2 varas.
Ano/Turma: 5.ªA N.º Alunos: 28	<i>Níveis de Desempenho:</i> A. R. Expressivas – NI e I Velocidade – I e NI Futebol – NI e I	Matérias e n.º aula (por etapa): A. R. Expressivas – 4.ª Aula (3.ª nesta Etapa) Velocidade – 3.ª Aula (2.ª nesta Etapa) Futebol – 3.ª Aula (2.ª nesta Etapa)		
Etapa (Funções Didáticas): 2.ª Etapa – Desenvolvimento e Aprendizagem Avaliação Formativa na Velocidade	Conteúdos <u>A. R. Expressivas</u> NI – Desloca-se por todo o espaço; Percorre várias direções, sentidos e zonas; usa ações locomotoras e não locomotoras I – Realiza uma posição de equilíbrio/estátua após o meu sinal; movimentos ajustados à música (ao ritmo) <u>Velocidade</u> N – adianta 1 pé na partida; realiza os apoios com a parte anterior do pé I – termina sem desaceleração <u>Futebol</u> NI – passe; recepção; condução de bola I – passa a colega desmarcado; penetração		Objetivos de Aprendizagem <u>A. R. Expressivas</u> NI – Ocupar todo o espaço, percorrer várias direções, sentidos e zonas e, usar ações locomotoras e não locomotoras I – Realizar uma posição de equilíbrio/estátua após o meu sinal e adequar/ajustar movimentos à música (ao ritmo) <u>Velocidade</u> NI – adiantar 1 pé na partida e realizar os apoios com a parte anterior do pé I – terminar sem desacelerar <u>Futebol</u> NI – Passar, receber e conduzir a bola I – Passar a colega desmarcado e penetrar nos espaços vitais adversários	

Fig. 3 - Pormenor de Plano de Aula (Aula n.º 48, 5.ªA)

As figuras acima, são 2 exemplos de planos de aula, pertencentes à mesma unidade didática que como se pode verificar apresentam conteúdos e objetivos de aprendizagem semelhantes. Ao mesmo tempo, são aulas politemáticas (na mesma aula é abordada mais do que uma matéria), que permitem que os alunos estejam constantemente motivados (aumenta significativamente a variabilidade das tarefas), assim como faz com que a prática dos alunos seja distribuída ao longo do ano e não massiva, isto é, o

aluno tem a oportunidade de experienciar as várias matérias em vários momentos do ano e não num determinado mês, voltando desse modo a praticar apenas no ano letivo seguinte (aumentando os níveis de retenção graças à prática distribuída).

Assumindo desde já que esta é a forma indicada para abordar o planeamento anual da turma (entenda-se o modelo de planeamento por etapas), assumo, fruto da experiência que alcancei neste ano letivo que em determinadas matérias, talvez os alunos evoluíssem mais se planeasse aulas monotemáticas, ou seja, o professor tem que apresentar uma sensibilidade evidente em perceber a forma como os alunos evoluem mais, não ficando agarrado às diretrizes que considera mais oportunas. Refiro um exemplo prático: por diversas vezes, durante as aulas, tinha planeado abordar 3 matérias (normalmente quando assim é, recorrendo a estações de trabalho, ou trabalhando uma matéria distinta apenas no aquecimento), no entanto, durante o decorrer da mesma senti que os alunos estavam muito envolvidos na tarefa. Seria credível parar a tarefa imediatamente mesmo sentindo que os alunos estavam prestes a alcançar os objetivos que tinha previsto para a sessão? No meu entender não até porque o experienciei. Em matérias como os jogos desportivos coletivos, os alunos necessitam de algum tempo de habituação à tarefa pelo que deve ser dado um tempo considerado para a mesma. Com tudo isto apenas quero sublinhar que um bom professor é aquele que tem uma sensibilidade apurada, que consegue adaptar os seus conhecimentos científicos à realidade que tem na sua frente, ou seja, é um professor flexível que tanto pode planear aulas politemáticas, sendo estas as preferíveis (com tudo o que isso implica – variabilidade sistemática de tarefas, etc.), como ajustar essa mesma “filosofia” a sessões um pouco mais centradas numa determinada matéria (exercícios mais densos, com poucas variações). Nem sempre estas escolhas são as mais acertadas mas esta problemática é algo que o professor vai sabendo resolver ao longo da sua carreira e da sua experiência.

Outra das dificuldades que senti ao longo do planeamento foi a definição dos objetivos que me propus alcançar nas determinadas etapas. A verdade é que desde início, fruto da minha inexperiência, sempre fui demasiado ambicioso, pensando sempre que os alunos conseguiriam atingir muitos

objetivos, elevando demasiado as expectativas em relação aos mesmos (por vezes ficava desiludido com os alunos e comigo próprio, pensando que talvez seria por minha causa que não o conseguiam). Admito que passei por uma fase que estava sem ideias para fazer com que os alunos ultrapassassem algumas das barreiras que possuíam, foi uma fase em que me faltavam “ferramentas”, tarefas específicas e adequadas às dificuldades dos alunos, nesta ou naquela matéria, mas graças a algumas “dicas” do Professor Cooperante, senti que conseguia ensinar os meus alunos, e assim, ao mesmo tempo que diminui na ambição por alcançar muitos objetivos em pouco tempo, refleti e pensei que mais valia ensinar menos mas bem do que tentar cumprir com tudo o que tinha planeado e nada ficar bem consolidado.

Aquando do momento da realização dos planos anuais de turma, defini um conjunto de estratégias que me propus seguir para potenciar ao máximo a minha eficácia enquanto professor, das quais destaco as seguintes:

- Tentar sempre motivar os alunos em todas as tarefas, adequando os exercícios às suas competências
- Procurar criar e implementar rotinas de trabalhos, as quais seguirão todas as nossas aulas até ao fim do ano letivo
- Ter consciência de que o principal objetivo é fomentar aprendizagens (procurando meios de obter a informação de retorno) e não, unicamente, “lançar” as tarefas a realizar pelos alunos
- Garantir que me afasto, por momentos, das tarefas, pois quando se observa mais de longe, obtemos uma ideia mais concreta da realidade. Quem se envolve demasiado nas tarefas, não consegue controlar tudo com a devida perspicácia. Temos de observar e perceber onde devemos centrar as nossas energias
- Reconhecer que somos um modelo para os nossos alunos, como tal devemos ser exemplares e nunca contradizer as regras que impomos (são para todos, até para o professor)
- Manter uma estrutura de aula semelhante, para reduzir ao máximo os tempos de instrução, organização e transição
- Nunca partir do princípio que os alunos sabem, demonstrando sempre o que é para fazer, exceto se tiver mesmo a certeza que eles sabem (Ex.

Peço para fazerem a ponte, logo devo demonstrar ou pedir para que alguém demonstre)

- Sempre que necessário, recapitular o que aconteceu na aula passada.
- Procurar tratar os alunos sempre pelos nomes
- Garantir uma posição, mesmo que em circulação, onde consigamos controlar a maioria dos alunos
- Quando se utilizam estações, deve-se centrar a atenção, principalmente, naquelas onde os alunos têm mais dificuldades (estar sempre por perto), mantendo as outras, sempre, sobre controlo visual. Mais esporadicamente, circular pelas várias estações
- Planear antecipadamente os grupos de alunos que se vai utilizar na aula (patente nos Planos de Aula), para garantir o princípio da diferenciação
- Dinamizar a formação dos grupos, dentro da aula, de forma rápida e perspicaz, para não perder muito tempo com isto
- Em todas as aulas efetuar um balanço, para perceber o que podemos ou devemos melhorar (aceitar, se credíveis, as sugestões dos alunos – processo participado)
- Garantir que os alunos têm muito tempo de prática e muito tempo de empenhamento motor específico (preferencialmente, muito tempo potencial de aprendizagem) – aulas ajustadas às competências dos alunos e à especificidade das matérias
- Planear e dinamizar aulas politemáticas
- Apenas utilizar, quando estritamente necessário, exercícios analíticos, pois são imensamente desmotivantes, o que pode suscitar comportamentos de desvio
- Explicar a utilidade de cada uma das tarefas, quanto aos objetivos que propomos para cada uma das matérias (processo de aprendizagem consciente)
- Relembrar sistematicamente algumas regras, as quais, indispensavelmente, os alunos têm de cumprir.

4.3. Metodologia de Avaliação

“Avaliação é a recolha (técnicas de avaliação) sistemática de informação (sujeito e objeto de avaliação) sobre a qual se possa formar um juízo de valor (de acordo com critérios, devidamente fundamentados) que facilite a tomada de decisões (função da avaliação).”

(Peralta, 2002, p.27)

Tal como refere a citação acima, a palavra avaliação abrange inúmeros conceitos que nos levam a tomar uma decisão. Antes de mais gostaria de realçar aqui o que está patente na *Infopédia* (Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora – consulta online): avaliar é “determinar a valia ou o valor de”, é “apreciar o merecimento de”, é “reconhecer a grandeza, a força ou a intensidade de”, é “calcular; ...”. Efetivamente, por esta descrição não conseguimos mencionar tudo aquilo que pretendemos (com perspicácia), porém serve com um bom ponto de partida para as reflexões que se seguem.

Desta forma, devemos perceber que avaliar garante a aproximação entre o educador e o educando, acarretando um processo em que poderá ou não ocorrer mudança e em que obrigatoriamente, terão sempre de ocorrer melhorias.

Portanto, adaptando um pouco uma afirmação exaltada por Depresbiteris (1989), citada por Bratfische (2003, p. 2) “o verdadeiro valor da avaliação não está diretamente ligado às classificações atribuídas ou à precisão dos resultados, mas ao facto de que esta avaliação pode vir a conscientizar melhor os envolvidos (professor e alunos)”. Pois, como defende Luckesi (1998), citado por Bratfische (2003, p. 2) de forma oportuna, “a avaliação deve ser um instrumento fornecedor de informações significativas para a aprendizagem dos alunos, auxiliando-os no seu crescimento e desenvolvimento”.

Porém, também consideramos pertinente realçar que nem sempre assim foi em Educação Física, pois no passado (infelizmente ainda se constata no presente, de acordo com o feedback que temos ouvido de alguns docentes)

apenas se determinava se os alunos estavam aptos ou não, isto é, apenas classificavam para “rotular” as crianças (Quem tem sucesso? Quem não tem?). Logo, estamos a referir que a avaliação é uma necessidade, ao enunciar que esta, após consultar a obra de Olímpio Bento (1998), é um incómodo necessário, o qual suportará tudo aquilo que for decidido no âmbito do ensino e das aprendizagens dos alunos.

Como tal, considerando a componente mais prática deste(s) procedimento(s), para o professor conseguir determinar tudo isto, tem de desenvolver a sua capacidade de observação, ou seja, tem que se tornar sensível a todos os pormenores fulcrais. E se o aluno também é consciente de todo o processo (a própria legislação exalta que os critérios de avaliação sejam divulgados objetivamente aos alunos), assim como das suas diferenças/particularidades, como desejável, também deve ter o direito de se auto-avaliar.

Assim sendo, imprescindivelmente, as tarefas centrais do professor são o planeamento e a avaliação em que *esta* última além de implicar uma reprodução mental, deve ser registada por escrito. Como tal, segundo Bento (1998, p.175), “a reflexão posterior à aula, o controlo e análise do processo de ensino e do rendimento dos alunos, constituem um domínio no qual se passa em revista a sua planificação e realização (análise e avaliação do ensino são mesmo indispensáveis).

Bento (1998, p. 180), efetivamente, tem ideias bastante louváveis, como por exemplo, ao assumir que esta “análise e avaliação do ensino devem-se orientar por dois sentidos dominantes: definição do estado alcançado (o que está bem?) e precisão dos planos do professor, sobretudo da aula seguinte (O que deve ser melhorado?).”

Neste mesmo sentido, também devemos considerar dois tipos de análise/avaliação, a do produto e a do processo. A primeira considera os resultados obtidos pelos alunos (Os objetivos foram alcançados?), enquanto a segunda debruça-se sobre os vários parâmetros que constituem o processo ensino-aprendizagem (Os exercícios contemplavam os níveis de todos os alunos? Conseguimos gerar as oportunidades de aprendizagem pretendidas? Adotei as melhores estratégias na formação de grupos? Etc.). Como tal, reconhecendo que ambas as análises/avaliações se complementam, não

devemos descurar uma em benefício da outra. Pois, segundo Bento (1998, pág. 189), o lógico seria que “o objetivo de toda a educação consistisse em ajudar os alunos a identificar-se com o que aprendem e com o processo de aprendizagem”. E se assim o julgarmos, coerentemente, somos obrigados a visar a consecução dos objetivos a que nos propusemos e a tornar os alunos em “sujeitos ativos num processo de comunicação e entendimento”.

Para tal, Bento (1998, pág. 190) também afirmou que o importante enquanto professor, “independentemente da sua conceção de ensino e de educação é o seguinte: decidir clara e exatamente aquilo que para ele é importante e aquilo que procura, escolher o tipo de observação e documentação que poderá fornecer mais dados naquele sentido, documentar os dados mais significativos, (...)”

No mesmo sentido, isto é, para que fique esclarecida a metodologia que apliquei, também necessitamos de nos debruçar sobre duas perspetivas de avaliação, nomeadamente a analítica e a holística. Sucintamente, a primeira divide as competências e acredita que cada uma delas pode ser avaliada sem que necessitemos de ter em conta as outras, ou seja, o resultado final surge da soma de todas as competências que foram avaliadas (observação em exercícios analíticos, onde, por exemplo, apenas integramos um gesto daquela matéria, como pode ser o caso do passe – exercício critério: alunos frente a frente fazem passe de ombro). Por outro lado, com muito mais lógica e pertinência, aparece a holística, a qual defende que uma competência “é uma construção complexa e integrada de conhecimentos, capacidades, procedimentos e atitudes”, ou seja, o aluno deve ser avaliado numa situação de jogo formal ou noutra muito aproximada, pois o importante é que o aluno saiba aplicar as competências que detém numa circunstância em que esta realmente é aplicável e útil (Peralta, 2002).

Eu sou grande defensor da perspetiva holística e centrei quase todas as minhas práticas na mesma, contudo também reconheço que em alguns casos ou em situações de dúvida, inevitavelmente, tenho de recorrer à perspetiva analítica, principalmente quando os alunos têm mesmo muitas dificuldades. Agora, imprescindivelmente, também não posso menosprezar outros 2 grandes instrumentos de avaliação, como é o caso da Auto e Heteroavaliação, pois ambos nos demonstram se os alunos são conhecedores dos critérios de

avaliação e dos objetivos da tarefa, ou seja, consigo com estes perceber se o aluno tem autonomia e tornamo-lo responsável pelo processo de aprendizagem (também).

Na disciplina de E. F., um dos processos mais complicados é sem dúvida alguma o processo de avaliação. Ao invés de outras disciplinas como matemática ou português em que os alunos realizam testes sumativos, onde os professores conseguem ter dados concretos daquilo que os alunos são capazes de realizar, em E. F., o professor vê-se confrontado com o facto de ter que avaliar os alunos em momentos de prática (na área das atividades físicas), isto é, em tempo real, o que dificulta imenso a sua tarefa pois concordamos que avaliar 30 alunos ao mesmo tempo (por exemplo a jogar basquetebol) é uma tarefa praticamente impossível. Assim sendo é necessário encontrar estratégias, diretrizes, planos e formas de ser o menos subjetivo possível e mais pragmático, ou seja, não deixar que o processo de avaliação seja algo “não palpável” e torná-lo claro e imparcial.

Foi neste ponto que tanto eu como o meu núcleo de estágio resolvemos adotar uma estratégia para facilitar esse registo. Numa perspetiva prematura, tinha a intenção de realizar apenas avaliações sumativas aos conteúdos abordados depois de 3, 4 aulas, no entanto logo percebi que o tempo era muito escasso, além de ser incoerente avaliar os alunos apenas num preciso momento, numa determinada aula. A solução passaria então por avaliar mais vezes, talvez até em todas as aulas mas menos conteúdos, isto é, repartir os conteúdos que tinha como intenção avaliar na avaliação sumativa em pequenas parcelas, tornando-a em assim em várias avaliações formativas (pequenos registos que me retirariam pouco tempo à minha função principal – ENSINAR!).

Com isto não quero dizer que descartei por completo a avaliação sumativa pois esta serviu nomeadamente para retirar dúvidas em relação a este ou aquele aluno (os registos que fui adquirindo ao longo das aulas pareceu-me ser insuficiente) ou em casos de faltas ou doença dos mesmos.

Neste sentido apresentarei em anexo (anexos V, VI) exemplos da forma como fui conduzindo o processo de avaliação, admitindo que ao longo do ano fui adaptando e corrigindo muitas formas de registo, assim como alterando ideias erradas que possuía no início do ano letivo.

Portanto, as grelhas de avaliação sumativa serviram de base para formar as grelhas de avaliação formativa, para tal bastou selecionar um ou dois critérios de avaliação e dividi-los em subcritérios que se consideraram pertinente. Depois, para além disto, como cada uma das grelhas será destinada apenas a um grupo de alunos, aqueles que não interessam avaliar naquela aula serão tapados recorrendo a uma cor preta, isto, porque cada uma das grelhas se destina a avaliar apenas um nível e caso estejam muitos alunos nesse nível, apenas serão selecionados alguns dos alunos abrangidos pelo mesmo, tendo sempre em conta que os grupos se formam considerando as dificuldades ou competências de cada um, isto é, juntamos aqueles que têm mais ou menos as mesmas dificuldades (esta metodologia também foi aplicada nas sumativas).

Apesar de regra geral tentar sempre seguir estas estratégias, existiam aulas em que aconteceram coisas que não estavam planeadas, ou um aluno que supostamente não estava a avaliar teve uma aprendizagem bastante significativa, ou consegui verificar que alguns alunos tinham atingido objetivos que apenas estavam destinados à aula seguinte. Por tudo isto, mais uma vez refiro a importância que é estar dentro do processo como um todo, sabendo sempre aquilo que quero avaliar, aquilo que vou futuramente avaliar, ou seja, estar consciente dos objetivos a alcançar, por forma a conseguir ser o mais justo e coerente possível.

Agora, imprescindivelmente, também não posso menosprezar outros 2 grandes instrumentos de avaliação, como é o caso da Auto e Heteroavaliação, pois ambos nos demonstram se os alunos são conhecedores dos critérios de avaliação e dos objetivos da tarefa, ou seja, conseguimos com estes percebermos se o aluno tem autonomia e tornamo-lo responsável pelo processo de aprendizagem (também).

No anexo III apresento o documento de exemplo que formulámos para cada uma das matérias (badminton neste caso) e no anexo IV outro da autoavaliação geral, aquele que apliquei no final de cada período. Na construção dessas fichas tive como preocupação inserir os critérios de êxito e utilizei uma forma de registo facilmente compreensível pelos alunos.

Em relação às fichas de heteroavaliação, devo referir que estas não foram aplicadas na turma de 5.º Ano uma vez que constatámos que apesar de

serem muito críticos uns com os outros, não dominam a linguagem técnica (implícita a cada uma das diferentes matérias). Por outro lado, também acreditamos que, nestas idades, estes precisam é de vivenciar inúmeras situações práticas potenciando ao máximo o tempo de atividade motora.

Em relação às outras áreas, gostava de referir o seguinte:

- no que diz respeito aos conhecimentos, realizei um teste escrito em cada uma das turmas no 2.º e no 3.º Período, tendo o cuidado de realizar uma aula teórica antes de cada teste (no caso do 5.º Ano, o meu colega também realizou uma), ao mesmo tempo que abordávamos os conteúdos do teste ao longo das aulas, fazendo questões acerca das alterações do corpo ao exercício, das regras das matérias, etc.

- já em relação à aptidão física, no final de cada etapa realizámos os testes do Fitnessgram, com o intuito de me ir apercebendo dos seus níveis e poder planear os momentos de trabalho para as etapas seguintes.

Nos anexos V e IV apresento as grelhas sumativas finais de ambas as turmas.

4.3.1. Avaliação Sumativa

No que diz respeito à forma de elaboração das grelhas de registo de avaliação sumativa, além daquilo que já referi no ponto anterior, considero pertinente exclamar a forma como chegámos ao nível dos alunos no final de cada período, mais concretamente em relação às matérias.

Assim, seguindo os critérios de avaliação da escola para o 5.º ano (por exemplo), atentemos para a tabela seguinte para percebermos como é que as atividades físicas são divididas por grupos.

Quadro 5: Atividades Físicas Sujeitas a Avaliação

5.º Ano	
A.F. Sujeitas a Avaliação	
▪ Grupo A	Jogos, Futebol e Voleibol
▪ Grupo B	Ginástica de Solo, Ginástica de aparelhos e Ginástica Rítmica
▪ Grupo C	Atletismo, Luta, Atividades Rítmicas e Expressivas e Raquetas

Quadro 6: Forma de Atribuição dos Níveis em Relação as Atividades Físicas

5.º Ano

Nível	
2	O aluno não cumpre o nível Introdução em pelo menos uma matéria de cada um dos grupos A; B e C.
3	O aluno cumpre no mínimo o nível Introdução de três matérias diferentes, sendo cada uma de cada um dos grupos A; B e C.
4	O aluno cumpre no mínimo o nível Introdução em duas matérias diferentes e o nível Elementar em outra matéria, sendo cada uma de cada um dos grupos A; B e C.
5	O aluno cumpre no mínimo o nível Introdução em uma matéria e o nível Elementar em outras duas matérias, sendo cada uma de cada um dos grupos A; B e C.

Depois de observar os quadros anteriores facilmente percebemos quais os critérios que definem ao nível do aluno no final do período (apenas em relação às matérias). Exemplo: um aluno que esteja apenas no nível introdução no futebol, na ginástica de aparelhos e no atletismo terá o nível 3. Em relação às percentagens que cada uma das três áreas da E.F. vale na nota final do aluno, podemos novamente observar os anexos V e IV.

Considero agora pertinente confrontar os resultados da avaliação inicial com os resultados da última etapa, para uma melhor compreensão daquilo que foi a evolução dos alunos das duas turmas, na aptidão física, nos conhecimentos e nas atividades desportivas.

Quadro 7: Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, na Aptidão Física

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, na Aptidão Física								
1.ª Etapa					4.ª Etapa			
N.º de alunos	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
	0	4	8	16	0	1	4	23

Quadro 8: Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos								
1.ª Etapa					4.ª Etapa			
N.º de alunos	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
	5	9	12	2	4	10	12	2

Quadro 9: Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias									
1.ª Etapa					4.ª Etapa				
N.º de alunos	Nível NI	Nível I	Nível E	Nível A	Nível NI	Nível I	Nível PE	Nível E	Nível A
	115	98	30	15	16	201	26	14	23

Legenda: NI-Não introdutório; I-Introdutório; PE-Parte elementar; E-Elementar; A-Avançado

Quadro 10: Resultados da Turma de 7.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, na Aptidão Física

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, na Aptidão Física								
1.ª Etapa					4.ª Etapa			
N.º de alunos	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
	0	4	10	5	0	2	10	6

Quadro 11: Resultados da Turma de 7.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nos Conhecimentos								
1.ª Etapa					4.ª Etapa			
N.º de alunos	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
	7	8	5	0	0	5	8	5

Quadro 12: Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias

Resultados da Turma de 5.º Ano, na 1.ª e 4.ª etapa, nas Matérias									
1.ª Etapa					4.ª Etapa				
N.º de alunos	Nível NI	Nível I	Nível E	Nível A	Nível NI	Nível I	Nível PE	Nível E	Nível A
	122	52	0	0	36	63	44	26	1

Legenda: NI-Não introdutório; I-Introdutório; PE-Parte elementar; E-Elementar; A-Avançado

Apresentados que estão os resultados nas 3 dimensões em que os alunos foram avaliados, em ambas as turmas que lecionei, torna-se pertinente refletir acerca de alguns factos que a eles estão associados. Tal como já referi anteriormente, devido ao facto de termos cometido o erro (derivado da nossa inexperiência) de ser muito exigentes durante a avaliação inicial, era esperado

que os resultados no final do ano tivessem uma grande evolução em relação ao início, embora apenas tivéssemos definido níveis intermédios (parte do introdutório, parte do elementar e parte do avançado) no entanto, nos posso admitir que essa evolução apenas tenha acontecido pela forma diferente com que encarámos a avaliação, pois as aprendizagens que os alunos alcançaram fruto do nosso trabalho e da nossa dedicação ao longo do ano também tiveram influência.

Falando da turma de 5.º Ano, na aptidão física sublinha-se a passagem de 16 para 23 alunos no nível 5 e a passagem de 4 alunos para 0 no nível 3. Já nos conhecimentos, passámos de 5 para 4 negativas.

Em relação à turma de 7.º Ano, na aptidão física enaltece-se que passámos de 4 para 2 alunos no nível 3, e 5 para 6 no nível 5. No que diz respeito aos conhecimentos, passámos de 7 para nenhuma negativa.

Em relação aos níveis das matérias, se verificarmos o total de alunos que “migraram” do nível “Não Introdutório” para os níveis “Parte do Elementar” e “Avançado”, facilmente percebemos a evolução que ocorreu ao longo das aulas.

4.4. Condução do Ensino

“Os professores mais eficazes distinguem-se pela capacidade que revelam em: gerir o tempo de aula disponibilizando mais tempo para a participação motora em situações específicas; proporcionar uma instrução de maior qualidade científica e técnica(...) explicitada com demonstrações frequentes e por apoiar a prática dos alunos com intervenções de FB focadas nos aspectos críticos do desempenho.(...) em conseguirem obter dos alunos um maior empenhamento motor e cognitivo durante as aulas.”

(Carreiro da Costa, 1995, p.128).

Tal como refere Carreiro da Costa, existem alguns fatores que determinam a eficácia pedagógica de um professor, isto é, a capacidade do professor proporcionar aos seus alunos a possibilidade de terem sucesso/evolúem nas atividades físicas e desportivas, explorando ao máximo

as suas capacidades individuais. Estes fatores estão relacionados nomeadamente com a capacidade de “construir” a sua aula ao longo do tempo da forma mais eficiente, com a capacidade de instruir os alunos com um grande rigor científico e técnico, ao mesmo tempo que adapta essa linguagem às características de quem aprende a capacidade de exemplificar as tarefas pedidas e realizar intervenções pedagógicas (feedback) assertivas e com qualidade, e com a capacidade de “espremer” ao máximo todas as capacidades motoras e cognitivas dos seus alunos ao longo das sessões.

Neste sentido, ao longo dos próximos pontos irei refletir acerca de todo o processo por que passei, evidenciando aspetos mais positivos, ou seja, que consegui alcançar numa forma bastante satisfatória, assim como os aspetos que apresentei mais dificuldades em atingir. Além de mencionar todos os aspetos, tentarei esmiuçar quais as razões para o facto de não ter conseguido alcançar determinadas diretrizes orientadoras a que me tinha proposto, tal como mudanças que efetuará se voltasse a repetir todo o processo.

Nesta análise crítica da minha condução do ensino irei utilizar uma sistematização baseada nas dimensões do ensino propostas por Siedentop (data): dimensão instrução, organização, disciplina e clima relacional.

4.4.1. Dimensão Instrução

O momento inicial de cada aula torna-se fulcral para que esta corra da forma planeada, ou seja, a forma como apresentamos os conteúdos e os objetivos da sessão decide certamente a predisposição dos alunos para a participação na aula. Neste sentido, e falando agora mais propriamente da minha realidade, desde o início do estágio, esta foi uma dimensão em que investi bastante por saber de antemão (graças a conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação académica) que as primeiras impressões que os alunos adquirem do professor são normalmente difíceis de alterar, isto é, no caso de serem negativas, será com muito esforço que o professor poderá alterar esse sentimento (Costa, 1995).

Assim sendo, nesta dimensão em que se introduzem, apresentam, acompanham e avaliam as atividades de aprendizagem, existem algumas referências normativas que tentei seguir ao longo de todo o ano. Consegui implementar com grande facilidade certas “regras”, outras tive de me esforçar para tentar promover, sabendo sempre que nem sempre resultam pois as características dos alunos são muito variáveis e o segredo de uma boa leção está em saber adaptar a nossa forma de agir e de apresentar os conteúdos de acordo com os nossos alunos, sempre com o objetivo de rentabilizar ao máximo as suas capacidades.

No que respeita à introdução das atividades, tive estratégias diferentes para cada uma das turmas que lecionei. Enquanto no 5.º ano para garantir que os alunos estavam atentos e concentrados, tinha em atenção vários aspetos: a disposição dos bancos onde estavam sentados, rotinas iniciais que os fazia sentarem-se por ordem numérica, dirigir-me a eles apenas quando existia silêncio (não levantar a voz para falar mais alto, embora por vezes o fizesse involuntariamente), comunicar com um tom de voz baixo nos momentos de maior “brincadeira”, entre outros. Já com a turma de 7.º ano, as estratégias eram outras: questionar a forma como correu a aula anterior, comentar de forma informal algum tipo de informação da atualidade (maioritariamente desportiva), desfiar os alunos para tentarem saber quais os conteúdos que iríamos abordar na aula, entre outros. A maior dificuldade prendeu-se essencialmente com género feminino que neste caso apresentava alguma timidez, no entanto, ao longo das sessões consegui encontrar formas para que tivessem um papel relevante nesta fase (pesquisa acerca dos seus gostos, experiências anteriores, graus de relacionamento na turma, etc.). Visto que as idades dos alunos são diferentes, as estratégias também o têm de ser uma vez que os seus gostos, as suas dificuldades e, no fundo, as suas características diferem consoante o seu ano de escolaridade.

Depois de realizar as informações iniciais, no que respeita ao questionamento que efetuava como forma de perceber se a mensagem tinha sido recebida pelos alunos (garantindo no fundo que os alunos conheciam os pontos fundamentais dos conteúdos da aula assim como concebiam uma imagem correta das tarefas a realizar recorrendo à demonstração), a sua participação voluntária também variou consoante as turmas, sendo que a turma

do 5.º ano apresentava mais dificuldades em se exprimir de forma voluntária (a sua idade condiciona-os bastante). Tentar adequar ao máximo a minha linguagem aos alunos e conferir reforços positivos aos que se exprimiam foi a minha principal estratégia.

É claro que estes momentos de informação eram tão reduzidos quanto possível e tão longos quanto necessários.

Já no decorrer das tarefas, torna-se fundamental que os alunos percebam e entendam a “unidade” da aula e o contributo de cada fase e de cada tarefa para os objetivos da mesma. Neste sentido, e em ambas as turmas, optei por estabelecer um curto período antes de cada tarefa para explicar quais os objetivos específicos assim como é que esses objetivos seriam fundamentais para os objetivos finais da aula. Por exemplo: numa progressão para o salto de eixo, os alunos começavam por se dirigir ao aparelho e realizar afastamento de pernas e só depois realizavam o salto. Explicava de forma clara (recorrendo até à execução de colegas da turma) a importância que tinha o exercício anterior para realizar o salto completo; com o objetivo de trabalhar o passe no voleibol, explicava aos alunos a importância de realizarem exercícios individuais (toques de sustentação, toques contra a parede, toque de sustentação com a bola a bater uma vez no solo, etc.). Mesmo em exercícios a pares, submetia os alunos a trabalharem o passe sentados para sentirem a dificuldade que é não se conseguirem mover tão rápido como de pé (voltando à situação inicial para notarem a evolução). Nesta linha, levava ainda os alunos a sentirem por si só que estão a adquirir padrões motores fulcrais para a sua evolução desportiva, da mesma forma que focava de forma clara e precisa quando é que estavam a ter sucesso ou insucesso no exercício, discriminando por vezes algumas pistas no caso dos alunos que ainda não realizavam corretamente as ações. Exemplo: “aluno x pensa na forma como estás a colocar os braços quando recibes a bola. Como é que achas que consegues dar mais impulsão na bola? Com eles fletidos ou totalmente estendidos? Experimenta uma de cada vez e depois diz-me o que sentiste.”

Falando agora da fase de acompanhamento das atividades de aprendizagem propriamente dito e sabendo que é fundamental garantir o controlo da atividade de toda a turma, começava por preparar bem a aula

(plano de aula) nesse sentido, ou seja, refletia aquando da escolha do espaço, da escolha temporal das tarefas, dos grupos de nível dos alunos e dos momentos de transição entre tarefas. Exemplificando mais concretamente seria um pouco complicado controlar uma turma dividida em mais do que 4 tarefas em simultâneo no caso da ginástica de aparelhos ou 3 no caso do basquetebol, do mesmo modo que tive o cuidado de ao longo das aulas circular sempre perifericamente pelo espaço para que todos os alunos estivessem no meu campo visual, podendo assim oferecer aos alunos informações atualizadas sobre a forma como estão a aprender, isto é, receberem constantemente informações de retorno descritivo e prescritivo, com o máximo de qualidade (assim como conferir ciclos de feedback para que “atualizar” o desempenho do aluno. Surge aqui outra preocupação que deve estar sempre presente que é o equilíbrio que deve existir entre o feedback individual e em grupo. O que senti ao longo do ano é que existem alunos em evoluem mais com o feedback individual e outros com o coletivo, no entanto, penso que esta escolha está muito ligada ao tipo de matérias que se está a abordar, isto é, no basquetebol (por exemplo) torna-se mais fácil rentabilizar as informações para o grupo ou até mesmo para a turma enquanto que na ginástica a divergência de erros de execução é maior, podendo o professor “desperdiçar” mais tempo em explicações.

Desde o início do ano, tanto numa turma como noutra, tive o cuidado de fomentar rotinas que os alunos cumprissem ao longo das aulas. Entre eles estavam a ajuda na arrumação de material que era efetuada pelos alunos em simultâneo com o professor (além de os tornar conscientes e responsáveis pela estima do material, criava espírito de solidariedade e companheirismo entre os próprios alunos e com o professor). Na turma de 7.º ano, esta ajuda não ficava por aqui pois aquando das realizações das tarefas, por vezes, colocava alunos a “avaliar” os colegas. Esta opção ao mesmo tempo que me “auxiliava” também os fazia perceber as dificuldades dos colegas que por vezes eram os seus próprios obstáculos.

Todas as tarefas que proponha aos alunos eram tarefas o mais dinâmicas possíveis para que o seu índice de motivação estivesse sempre elevado. Realizar tarefas com duas ou três variantes, realizar tarefas sempre com objetivos claros e desafiadores, realizar tarefas de cariz lúdico (mais na

turma de 5.º ano) e realizar tarefas com várias opções de execução (no caso dos desportos coletivos), foram algumas das estratégias que desenvolvi para garantir um tempo de empenhamento motor, e conseqüentemente um tempo de potencial de aprendizagem, bastante elevados.

4.4.2. Dimensão Organização

No que diz respeito à dimensão da gestão, a primeira estratégia que se deve implementar no início do ano é a rotinização das atividades organizativas da aula, garantindo que os alunos automatizem hábitos em todas as aulas (Onofre, 1995). Algumas das rotinas que implementei foram diferentes consoante a turma que estava a lecionar, no entanto, muitas delas eram idênticas: o local onde os alunos se colocavam quando chegavam ao local da aula (sentados nos bancos suecos, no caso dos ginásios), a forma como se disponham (por ordem numérica), a “reunião” antes, durante e depois das tarefas (em smi-círculo, à minha frente e por ordem numéricas da minha direita para a minha esquerda), a forma como indicava aos alunos a necessidade de se “reunirem” para um momento de informação, instrução ou de transição (braço no ar com os dedos fechados no caso do 5.º ano e o sinal sonoro seguido da palavra “junta” no 7.º ano).

Esquema	Crítérios de êxito/Variantes	Estratégias de Intervenção
ento)		Ao colocar todos os alunos em "meio-círculo", certifico-me que todos me vêm e que eu vejo todos. Esta é uma parte importante, pois é um momento solene que marca o início da aula e permite verificar o material dos alunos, ou seja, certificar-me que estão reunidas condições de prática com segurança.
as 2 metades do	Passados 5', direi aos alunos para se reunirem rapidamente no centro do campo (APITAR e ELEVAR UM DOS BRAÇOS COM O PUNHO FECHADO, o qual significa que os alunos têm 5 segundos para se colocarem em semicírculo à minha frente). Explicarei que agora, para conseguirem obter o ponto têm de realizar passes de modo a que toda a equipa toque na bola pelo menos uma vez.	<p>Informar sobre objetivos, ações motoras e critérios de êxito do exercício.</p> <p>-Pedir que cada uma das equipas de desloque para o campo onde vai jogar</p> <p>- Certificar-me que os alunos se estão a exercitar e utilizar frases de competitividade para os motivar ("quem é que vai fazer mais pontos?")</p>
uns dos outros e		Nesta fase serei eu a realizar este tipo de tarefa, no entanto, elucidarei

Fig. 4. Pormenor de um plano de aula (aula nº35,turma 5.ºA)

Na figura 4, podemos observar um exemplo da forma como estas rotinas eram planeadas e implementadas nas tarefas de aprendizagem.

Em relação ao papel dos alunos em termos organizativos, foi vincado desde o início do ano que a arrumação do material, tanto a meio como no final da aula iria ser efetuada pelos mesmos, embora nos alunos do 5.º ano essa função tenha existido de forma progressiva. Já a sua montagem requereu um maior número de aulas para conseguir rentabilizar o tempo (muitas vezes perdia imenso tempo a explicar aos alunos como era a disposição dos materiais). A certa altura do ano tentei que em algumas aulas fossem também os alunos a formar grupos de trabalho mas rapidamente percebi que ainda não tinham capacidade para tal e que era mais importante formar grupos de nível homogéneos. Estas opções conferiam aos alunos, um grande sentido de responsabilidade por alguns procedimentos organizativos, ao mesmo tempo que os tornava papéis relevantes da aula, aumentando desse modo a sua motivação.

Durante estes momentos de organização optava por realizar pequenas competições com os alunos, por exemplo, desafia-los para descobrir quem é que conseguia arrumar mais depressa 3 colchões (sempre com os cuidados de segurança, orientados por mim), fomentando o trabalho em equipa para arrumar material mais pesado, desafia-los a descobrir onde é que seria o local mais indicado para colocar um ou outro material, etc. Desta forma estava garantido um comportamento dinâmico por parte dos alunos, reduzindo o seu tempo ao mínimo indispensável.

Em relação à gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e da turma, começar por referir que desde o início do ano que os alunos foram alertados para a importância de chegarem à aula sempre 5 minutos depois do toque de entrada. O que acontece é que na escola os alunos eram impedidos de entrarem no balneário antes do toque, o que a meu ver, e dos meus colegas de estágio, não era o mais benéfico pois podiam rentabilizar melhor os últimos minutos do intervalo (já que muitos estavam 10 minutos à porta à espera do toque de entrada). Para os alunos que não cumpriam este acordo, era registado na folha de presença o seu atraso e ao 3 era marcada uma falta de presença

(acordado de acordo com o regulamento interno). Esta folha de presença era simples e eficaz pelo que perdia pouco tempo a efetuar o registo.

Durante a organização espacial da aula, era também necessário garantir que a segurança estava assegurada, sendo que evitar potenciais situações de risco era o mais aconselhado (“mais vale prevenir do que remediar”).

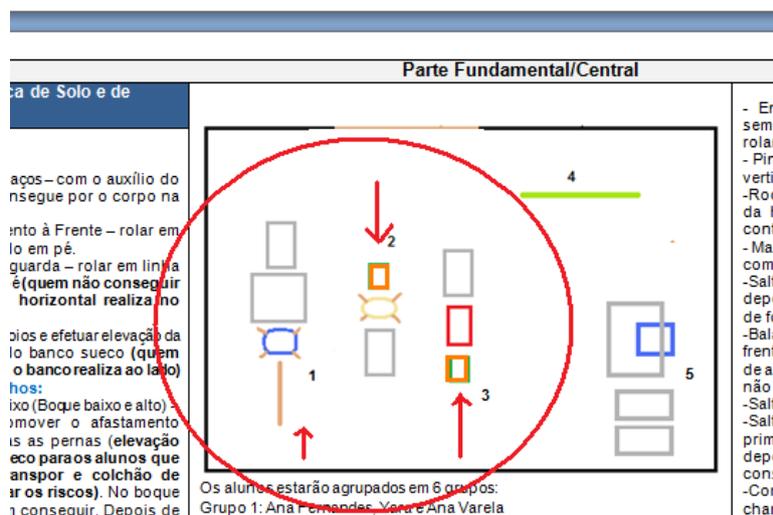


Fig. 5 – Pormenor de um plano de aula (aula nº45, turma 5.ªA)

Tal como se pode verificar na figura 5, uma forma de garantir que os alunos estão numa tarefa de ginástica de aparelhos, em estações, em segurança é alternar os sentidos da corrida de balanço, evitando cruzamentos perigosos aquando do regresso à fila de partida.

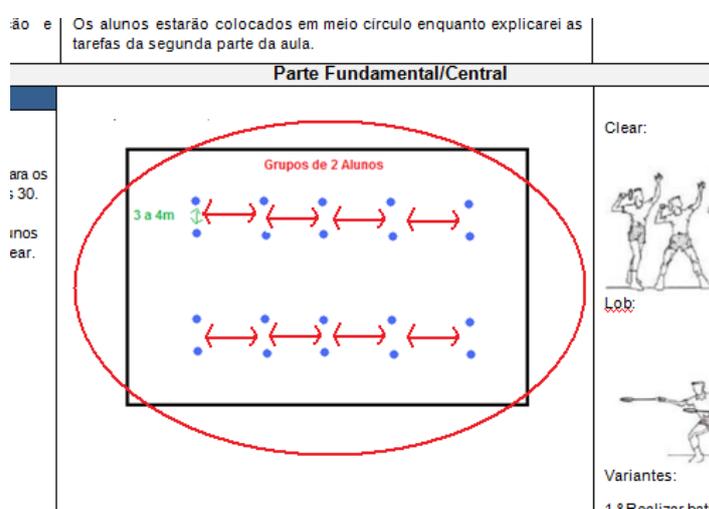


Fig. 6 – Pormenor de um plano de aula (aula nº43, turma 7.ªA)

Também na Fig. 6, verificamos que existiu o cuidado de se manter uma distância considerável entre os grupos de trabalho na matéria de badminton para evitar choques com as raquetes.

Para que não se perca demasiado tempo nas transições entre atividades, optei tantas vezes quantas possível por definir variantes das tarefas, isto é, conferir apenas pequenas alterações que não necessitassem de grandes mudanças espaciais e materiais. Além de irem de encontro aos objetivos delineados para a tarefa, causam o sentimento de alteração nos alunos que os motiva para a nova atividade.

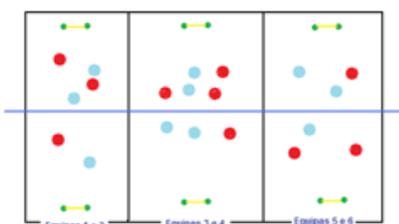
<p>balizas, com os cones ocupados. A posse de bola controlada, no mar o golo.</p>	<p>Na 1.ª tarefa, a turma será dividida em 6 equipas, 4 equipas de 3 elementos e 2 equipas de 4 elementos</p>  <p>Na primeira fase, a equipa que finalizar tendo os dois setores ocupados ganha 1 golo extra, ou seja, conta por 2.</p>	<p>Critérios de Exito:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar corretamente e oportunamente o passe e a receção; - Desmarcar-se oportunamente nos espaços vazios; - Realizar marcação individual ao seu adversário <p>Variantes: retirar as balizas e realizar o jogo line-soccer</p>
---	---	---

Fig. 7– Pormenor de um plano de aula (aula nº53,turma 5.ªA)

Na fig. 7 podemos verificar que quando se retiram as balizas do exercício e se colocam apenas pinos a fazer uma linha, perde-se pouco tempo com a alteração ao mesmo tempo que se trabalham novos objetivos (supressão do remate e existência de mais progressões com a bola controlada).

Do mesmo modo, é fundamental que a formação dos grupos de trabalho seja rapidamente efetuada (Onofre, 1995). Esta formação, de acordo com os grupos de nível, foi sempre planeada em casa, através dos planos de aula.

Todos os planos de aula elaborados por mim apresentavam esse cuidado com o objetivo de perder o menor tempo possível, potenciando o

tempo de empenhamento motor dos alunos.

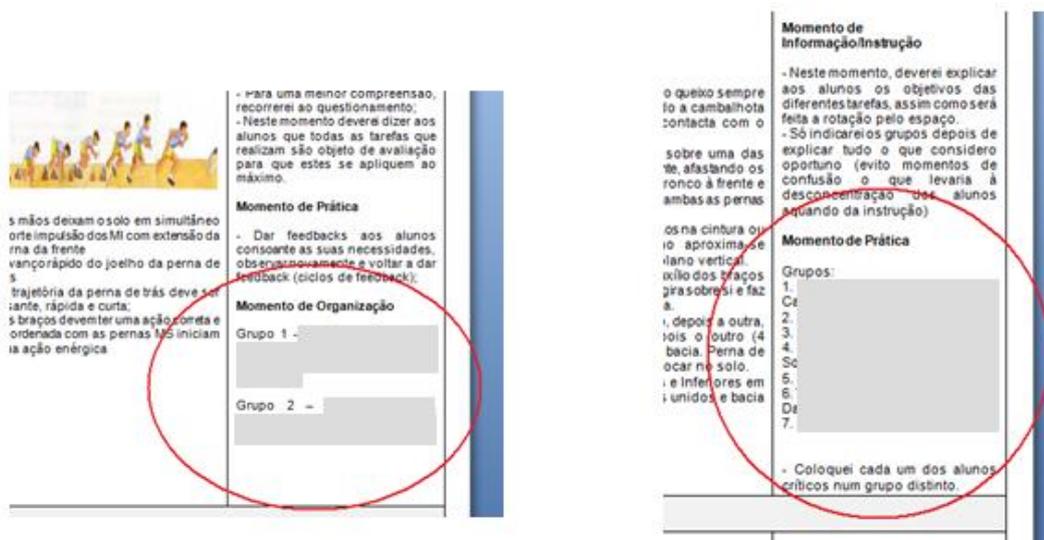


Fig. 8 – Pormenor de um plano de aula (aula nº75,turma 7.ºA)

Na fig. 8 verificamos de que forma era planeada a organização dos grupos de trabalho, atentando sempre numa forma que me permitisse uma rápida leitura e interpretação dos mesmos.

Para terminar esta dimensão, referir ainda que durante a nossa formação inicial fomos constantemente avisados para a importância da informação de retorno como meio de fazer sentir os alunos reconhecidos/valorizados pelos seus desempenhos nas tarefas de organização, isto é, quando fosse pedido algo ao alunos, por exemplo, ir arrumar este ou aquele material, ir buscar coletes, etc., conferir algum tipo de recompensa (Onofre, 1995). Nas idades em que trabalhei as recompensas tinham de ser diferentes. Enquanto no 5.º ano a recompensa passava por um brincadeira no final da aula ou uma forma de os tornar o centro da aula num ou noutro instante, no 7.º ano já passava por os deixar sair 1 minuto mais cedo enquanto os outros permaneciam ou mesmo deixar os alunos que se voluntariam para arrumar o material escolher uma matéria para trabalhar durante a parte final da aula seguinte.

4.4.3. Dimensão Disciplina

Em relação à disciplina que os alunos devem apresentar perante o professor existem muitas ideias e muitas estratégias para obter, umas mais controversas do que outras, no entanto penso que por muito que possamos aprender em termos teóricos, só passando pela prática, pelo terreno conseguimos ganhar experiência e estratégias para lidar com o tema o melhor possível e mesmo assim tenho a noção de que nunca irei conseguir saber lidar com todas as “ocorrências” que me serão apresentadas na minha carreira pois os alunos são todos diferentes, oriundos de meios socioeconómicos diferentes, etc. Mesmo assim, quanto mais me atualizar no que a este aspeto diz respeito melhor pois aumento as probabilidades de saber lidar melhor com os sucedidos.

Neste sentido, temos que confrontar desde já duas formas distintas de lidar com a disciplina: a prevenção e a remediação, ou seja, o que podemos fazer para prevenir comportamentos desviantes e o que devemos fazer quando estes estão a acontecer ou já aconteceram. Por minha vontade e de todos os professores, penso eu, deveríamos falar só em prevenção mas sou consciente o suficiente para perceber que esse é um objetivo inalcançável.

Uma das formas de prevenir comportamentos de desvio passava por manter os alunos sempre ocupados, isto é, reduzir ao máximo a existência de tempos “mortos” que os levasse a ter atitudes que não seriam esperadas (Onofre, 1995). No entanto, nem sempre foi possível suprimir esses tempos o que fez com que tenha sido aconselhado ao professor conferir tarefas de responsabilidade ao aluno, como por exemplo recolher material, buscar material, dispor o material para uma tarefa seguinte, etc.

Também no início do ano foi acordado com os alunos regras no sentido de garantir o respeito e condutas apropriadas tais como a forma como se dirigiam ao Professor e aos colegas, a necessidade de pedirem autorização para sair da aula ao professor responsável pela aula, o silêncio aquando dos momentos de informação e instrução, etc.

Em relação ao clima positivo que se deve apresentar no controlo da disciplina, devo confessar que foi um aspeto que me custou um pouco a assimilar visto que centrava muito a aula em mim e não nos alunos, ou seja,

existia da minha parte uma preocupação extrema em controlar os alunos ao máximo no sentido de conseguir dinamizar a minha aula tal como a tinha planeado. Fui corrigindo este aspeto ao longo das aulas, percebendo, através de diversas orientações do Professor Cooperante, que o nosso ensino deve ser o mais centrado nos alunos possível, de modo a que quando notamos alguns comportamentos desviantes a melhor solução não é repreende-los mas sim alterar algo na tarefa que os leve a alterar a sua forma de estar. Assim sendo, deixei de estar tão angustiado, preocupado e desiludido quando os alunos se mostravam mais “irrequietos”, para passar a assumir uma postura mais descontraída e segura, alterando pequenos detalhes ou mesmo mudar de tarefa, afastando-me do planeado quando necessário.

Terminando a parte da prevenção, quando definia que a organização da aula ia passar por dividir os alunos por estações com grupos de trabalho em cada uma, optava por nomear um “capitão” de cada conjunto que tinha a função de controlar os comportamentos de desvio dos colegas desse grupo. Este controlo era efetuado numa forma muito informal, em que não existiam repreensões, apenas chamadas de atenção para a necessidade de realizarem as tarefas. Sabendo que numa próxima aula seriam eles os “capitães” e que o professor registava no final da aula qual o grupo que foi melhor “capitaneado”, esta estratégia resultava muito bem, garantindo não só que os sentem que o docente reconhece/valoriza os comportamentos adequados, como também garante que os alunos não se envolvem em comportamentos inapropriados quando “aliciados” por colegas a fazê-lo.

Refletindo agora sobre a remediação da disciplina, considero que é uma tarefa muito complicada e ingrata que o professor tem de assumir. Por um lado, os alunos que apresentam comportamentos de desvio têm de ser, obviamente, repreendidos por tais atitudes, mas por outro sentir da parte dos alunos a tristeza de serem admoestados muitas vezes pelo seu professor “preferido”.

Desta forma, para contrariar tal dilema, uma das estratégias passa por garantir que os alunos sejam sinceros na análise dos seus comportamentos quando infringem as regras, isto é, tornarem-se o mais consciente possível para que entendam o papel do professor e evitem ao máximo repeti-lo.

Para terminar, no que diz respeito a eventuais “castigos” físicos, desde a minha formação inicial que, nós futuros professores, fomos devidamente

sensibilizados para esta problemática, sabendo das consequências que estas atitudes podem trazer no futuro dos alunos. Desde modo, seria impensável repreender algum aluno com um castigo do género “fizeste asneira por isso vais fazer 20 abdominais e 20 flexões!” ou “por a turma se portar mal, durante uma semana vamos trabalhar apenas ginástica de solo!” (matéria menos apreciada por uma das minha turmas). Além dos alunos passarem a associar essa matéria a um castigo, provoca nos alunos um sentimento de revolta enorme em que não seria nada rentável o tempo despendido a trabalhá-la.

4.4.4. Dimensão Clima Relacional

A primeira impressão que os alunos têm dos professores torna-se fulcral no futuro da relação entre docente e aluno. Os primeiros minutos são decisivos para criar boa ou má impressão, sendo que é necessário ter cuidado com a forma como nos apresentamos à turma (Façanha, 2012).

Para criar um bom ambiente que seja propício a novas aprendizagens é necessário suscitar a simpatia e a amizade entre os alunos, ou seja, todos os alunos da turma devem-se dar bem, tornando o clima da aula afável e sem problemas relacionais (Onofre, 1995). Uma estratégia eficaz que utilizei para alcançar esse objetivo foi a realização de pequenos jogos cooperativos (muitas vezes no final das aulas), como por exemplo o jogo da corda, corridas de estafetas, “o lencinho da botica”, etc. Além de fomentar o espírito de grupo e a amizade, acaba também por garantir alguma tolerância entre os alunos pois aprendem a lidar facilmente com a derrota saudável. Também durante as tarefas da aula, em que são trabalhadas as matérias, por vezes, garantem-se formas de trabalho cooperativo entre os alunos, isto é, atividades que necessitam da cooperação dos colegas para o seu sucesso. Exemplo: nos jogos desportivos coletivos é impossível ter sucesso sem os companheiros, desde que sejam garantidas as regras de cada modalidade.

Falando agora de relação entre o professor e os seus alunos, é esperado que a turma sinta de forma intensa que o professor gosta do que ensina, que tem paixão por aquilo que faz. Confesso que nos primeiros

momentos é difícil fazer passar esse sentimento pois estava demasiado preocupado com a construção da aula, no entanto, ao longo do tempo penso que consegui transmitir o gosto que tenho por desporto e por partilhar conhecimentos com os alunos. Além destes sentimentos, tentei suscitar sempre a confiança dos alunos em mim, isto é, dar-lhes provas de confiança que lhes permitisse sentir que me interessava por eles e que acreditava nas suas capacidades em superar os obstáculos. Outras das preocupações que tive permanentemente foi tratar todos os alunos por igual, respeitando todos de igual forma, interessando-me sempre pelos seus gostos, vontades e dificuldades. Este interesse está assente numa relação de liberdade que consiste em fazer ver aos alunos que não sou um juiz permanente durante as tarefas mas sim uma pessoa que está presente para os ajudar nas suas dificuldades.

Para terminar esta dimensão, vou fazer refletir acerca da relação que os alunos devem ter com as matérias de aprendizagem, confrontando com o que realmente aconteceu com a minha experiência. À partida é necessário conseguir que os alunos atribuam algum tipo de significado às propostas de aprendizagem para as quais não se sentem motivados, ou seja, tentar transformar atividades que os alunos não gostem em tarefas dinâmicas, motivadoras e eficazes. As matérias em que tive de procurar mais inovações foram sem dúvida na ginástica de solo e de aparelhos (em ambas as turmas), optando por intercalar essas tarefas com atividades que os alunos gostassem. Exemplo: quando utilizava o sistema de estações em ambas as ginásticas, colocava uma estação nas cordas e nos espaldares em que o objetivo dos alunos era subir o mais alto possível. Além de se divertirem e variarem das tarefas mais técnicas, sem notarem estavam a trabalhar a condição física, desenvolvendo a força dos membros inferiores. Esta estratégia permite aos alunos pensarem que nos dias da ginástica vão realizar uma das atividades que mais se divertem. Durante a realização destas estações, tive sempre o cuidado em pensar em variantes e objetivos distintos adequados ao nível de desempenho dos alunos.

A variabilidade das tarefas motoras assim como adequava as atividades aos níveis de desempenho motor dos alunos, tanto nas matérias individuais (ginástica) como nas matérias coletivas (futsal), era essencialmente garantida

pelas diversas tarefas que planeava. Apesar de ter em considerações esta variabilidade, tenho consciência que por vezes os alunos desmotivam quando não lhe são apresentados novos desafios, pelo que quando tento aumentar a complexidade nas tarefas dos alunos com mais dificuldades, garantia o apoio e a motivação necessária à sua superação.

No final de todas as aulas, exista um momento de diálogo com os alunos que me permitia ter a noção daquilo que os alunos tinham sentido durante a mesma, ou seja, permitia-me perceber aquilo que tinha de mudar ou reformular para as aulas seguintes. Também no final de cada período entreguei aos alunos uma folha onde os alunos podiam expressar/manifestar as suas opiniões, sendo elas negativas ou não para que pudesse construir o tipo de atividades que promovam sentimentos positivos.

4.5. Observação do Ensino Secundário

Foi pedido aos alunos estagiários que elaborassem um bloco de observações de aulas do outro ciclo de ensino diferente daquele que estavam a lecionar. Assim, sabendo que a única hipótese seria o Ensino Secundário e de acordo com os horários disponíveis, decidi observar uma turma de 12.º Ano da Escola Secundária André de Gouveia. Esta turma, pertencente ao curso tecnológico de desporto, estava a cargo do Professor Vítor Barbosa e “acolhia” dois colegas estagiários.

Ainda antes de me deslocar à escola, elaborei 4 grelhas distintas que pretendiam focar a minha observação para aspetos cruciais, de acordo com os objetivos que tinha inicialmente para esta análise. Nestas “ferramentas” tentei essencialmente perceber as diferenças existentes entre os diversos ciclos de ensino com que estou familiarizado.

No que concerne às características deste ciclo de ensino, nomeadamente ao nível de aspetos normativos apresentados nos P.N.E.F., sabemos que ao nível do 12.º ano, os alunos podem optar por escolher as matérias em que se pretendem aperfeiçoar, sem perder o caráter eclético que a disciplina exige, dando desse modo a oportunidade de vivenciarem novas experiências ao nível

de outras dimensões e áreas. (Por exemplo, matérias alternativas). Para garantir que o aluno continua a apresentar competências ecléticas, este é proposto a escolher duas matérias coletivas, uma das ginástica ou de atletismo, uma de dança e outras 2 à escolha. Neste sentido, as aulas são planeadas de acordo com as opções dos alunos assim como a sua avaliação incide sobre as mesmas. Uma vez que estão a desenvolver, a aperfeiçoar a matéria que mais se identificam, é de esperar que os seus níveis de empenho durante a sessão sejam elevados. Vou apresentar uma breve caracterização da turma em questão (hábitos, gostos e motivações dos alunos), um comentário sobre cada um dos temas observados nas aulas, como por exemplo dos comportamentos e das rotinas dos alunos, ou mesmo do tipo de tarefas que o professor apresenta para os mesmos, uma reflexão crítica acerca de todo o processo (eventuais surpresas de resultados e possíveis focos de estudo numa futura observação) e por último uma conclusão onde farei um resumo de todas as aprendizagens que “absorvi” e que me serão com certeza muito úteis na minha futura vida profissional.

Os dados que apresentarei de seguida foram-me facultados pelos estagiários da turma que realizei a observação. Esta turma era constituída por 21 alunos de 12º ano do Curso Tecnológico de Desporto, porém, apenas 19 têm a disciplina de E. F. Dos 19 alunos 15 são do sexo masculino e 4 do sexo feminino. A média de idade dos alunos é de 17,7 anos, sendo que o (s) aluno (s) mais velho (s) tem 20 anos e o/ os mais novo (s) tem 16 anos.

No que diz respeito à preferência da disciplina, 61% dos alunos selecionarem como disciplina que mais gostam a E. F., o que não é surpreendente pois é uma turma de Desporto.

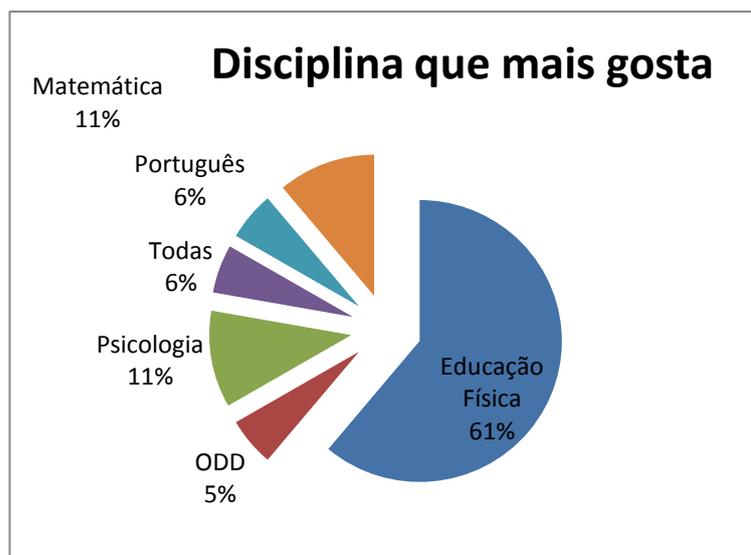


Fig. 9 - Disciplina que mais gosta – Turma observada

Em relação às matérias preferidas dos alunos, verificava-se que existiam gostos muito diversificados, porém ainda se notava alguma preferência pelo Futebol (28% ou 5 alunos).

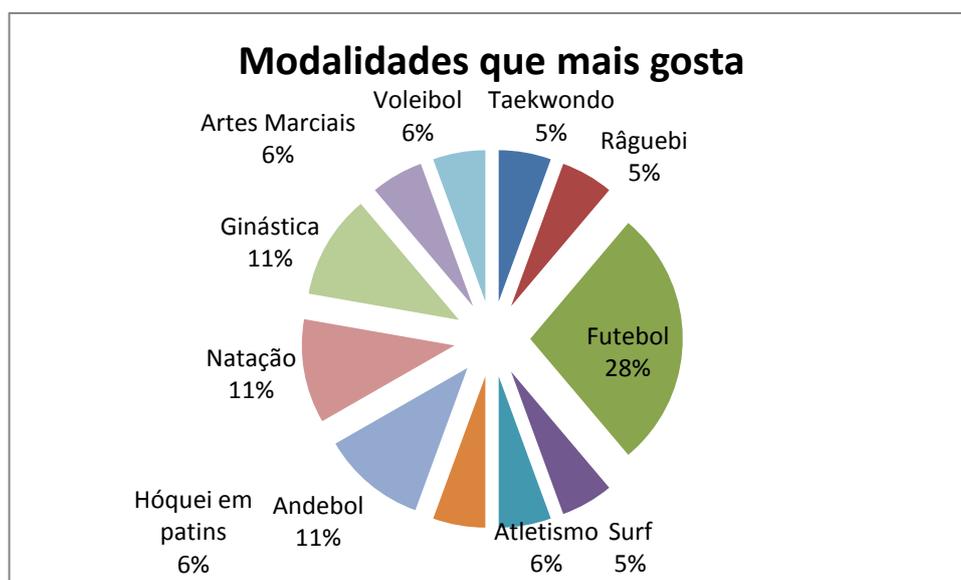


Fig. 10 – Modalidade que mais gosta – Turma observada

Também em relação às que menos gostavam, verificou-se uma grande variedade de escolhas.

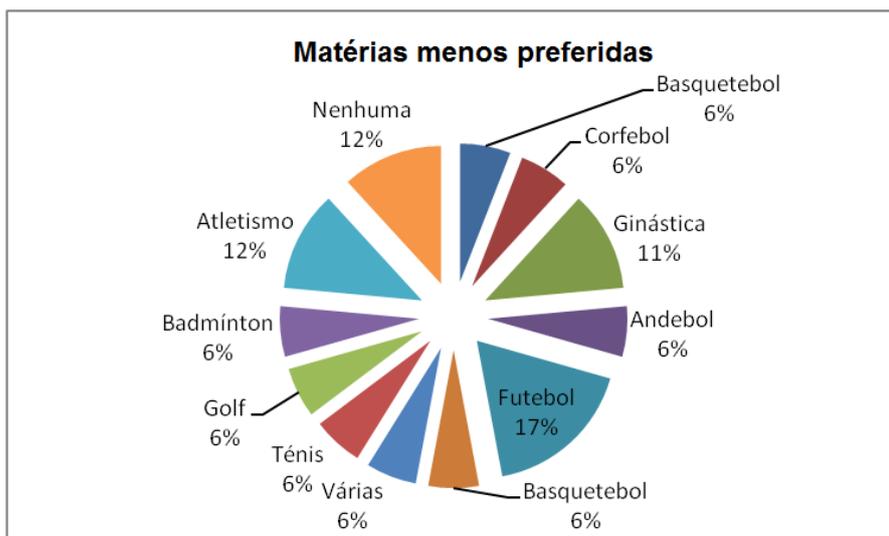


Fig. 11 –Matérias menos preferida – Turma observada

Soube-se também que muitos dos alunos da turma eram federados em algum desporto, (10 eram federados) o que também teve muita influência no desempenho dos alunos nas aulas.

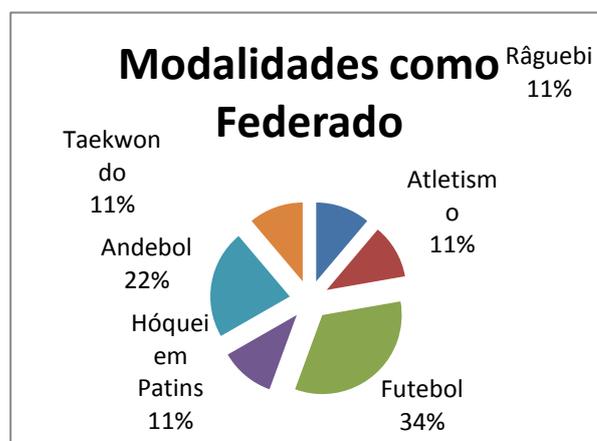


Fig. 12 – Modalidades como Federado – Turma observada

Em suma, podemos constatar que estamos perante uma turma que gosta de praticar desporto, alguns deles até fora do contexto escolar, pelo que seria de esperar que apresentasse um desempenho bastante razoável, assim como seria espectável que a sua motivação seja a desejada durante as sessões.

Comportamentos dos alunos

Analisando ao pormenor o comportamento dos alunos durante a aula, consegui retirar diversas informações preciosas que me permitem perceber melhor a realidade deste ciclo de ensino.

Começando por falar da assiduidade e da pontualidade dos alunos, percebi que é normal existirem faltas de presenças de alunos (nesta aula penas estavam 14), assim como existirem alunos na aula que pedem dispensa para não a realizarem, alegando má disposições, falta de equipamento, etc. Ainda em relação a este ponto, no que concerne à pontualidade esta não é garantida pelos alunos (4 alunos chegaram atrasados).

Em relação às atitudes apresentadas pelos alunos, verifiquei que no início da aula, durante a instrução inicial, todos estavam em silêncio e concentrados, o que representa já uma grande diferença em relação aos outros ciclos de ensino. Quando os alunos apresentam algum tipo de comportamento de desvio (muito raramente, já que quase nem existem conversas paralelas entre os alunos, e quando existem são sobre assuntos da aula), o professor apenas necessita de os chamar à atenção uma vez que rapidamente mudam o seu comportamento. Existe também uma proximidade com o professor no que diz respeito à facilidade com que expõem as suas dúvidas e dificuldades. Apesar dos rapazes serem muito competitivos entre eles próprios e de não se afastarem das raparigas na realização das mesmas, (prende-se com o facto das raparigas também apresentarem níveis de desempenho elevados) não tendem a alterar as regras como meio de vencer, pelo que nem têm a intenção de destabilizar a aula planeada pelo professor.

No que concerne aos interesses da turma, verifiquei que praticamente todos aparentavam estar motivados (à exceção do aquecimento), de mesmo modo em que existiam tarefas em que estavam mais motivados do que noutras (nas modalidades coletivas envolviam-se nas tarefas com mais satisfação e interesses). Ao contrário dos ciclos com que estou familiarizado, quando essa motivação não é evidente os alunos realizam da mesma forma as tarefas com grande empenho.

Rotinas dos Alunos

Falando agora das rotinas existentes na turma, salta à vista o facto de em todas as aulas os alunos agruparem-se da mesma forma (sentados de forma tranquila no banco suco à espera do momento de instrução e informação do professor, o que não se verifica de todo no 2.º e 3.º ciclo de ensino). Em relação ao material, são os alunos que sob a alçada do professor preparam as tarefas e arrumam o material no final da aula. Este aspeto está muito ligado com outro tema que irei falar mais à frente (autonomia). Quando o professor necessita de juntar os alunos basta enunciar “junta aqui”, pelo que não necessita de combinar sinais à semelhança do 2.º ciclo. Também os alongamentos são orientados por todos os alunos, seguindo a ordem da lista da turma (cada aula é um aluno diferente a propor os alongamentos).

Tipos de Linguagem

Atentemos agora no tipo de linguagem utilizado pelos alunos. Em relação ao respeito que apresentam pelo professor este está assegurado pois mesmo em jogos de competição o calão não é utilizado, no entanto em relação aos termos científicos nem sempre os utilizam, demonstrando desse modo o deficit de vocabulário associado à disciplina (é um pouco preocupante pois falamos de uma turma que está no último ano do curso tecnológico de desporto). Também o vocabulário que o professor utilizou com os alunos foi alvo da minha atenção pois esse é um dos aspetos que pensei ser necessariamente diferente de ciclo ara ciclo, e assim foi. Durante toda a aula o professor apresentou uma linguagem científica (com maior enfoque nos momentos de informação), não existindo linguagens diferenciadas para os alunos, ou seja, quando tinha de apresentar alguma clareza na instrução, o professor fazia-o para toda a turma (durante os momentos de prática, o professor reduzia o cariz científico com o intuito do “recetor” compreender melhor a mensagem. Já durante as repreensões aos alunos, notava-se da parte do professor a necessidade de manter uma certa integridade para que pudesse ganhar mais respeito pelos alunos (no 2.º e 3.º ciclo também é

importante, no entanto, é necessário não confundir o medo dos alunos com o respeito).

Caraterísticas das Tarefas

Outro dos aspetos que terá de ser irremediavelmente diferente de ciclo para ciclo é a forma como são apresentados os conteúdos, ou seja, as tarefas da aula. Assim, notou-se que o professor apresentou diversos cuidados ao nível da diferenciação do ensino, isto é, tarefas adequadas às verdadeiras necessidades dos alunos, chegando ao ponto de apresentar diferentes ações motoras para os alunos (também existe diferenciação nos outros ciclos mas aqui é mais evidente pois os padrões motores dos alunos estão praticamente desenvolvidos), ao nível das progressões pedagógicas (cuidados em relação à motivação dos alunos na execução destas) e ao nível da sua complexidade, ou seja, algumas tarefas foram necessariamente mais complexas do que outras, consoante o nível dos alunos e os objetivos das mesmas. Esta complexidade subia essencialmente ao nível das matérias coletivas, sendo que os alunos realizavam facilmente todas as tarefas propostas. Por último, também ao nível da intensidade em que as tarefas são visivelmente intensas (maior ênfase nas modalidades coletivas), levando os alunos a queixarem-se de alguma fadiga durante as mesmas (mais ao nível do aquecimento que também serviu para trabalhar a condição física). Em relação ao 2.º ciclo, mais propriamente à turma em que leciono, posso garantir que tal não acontece talvez devido à idade e à “energia” que os mesmos apresentam (nunca de queixam!). Esta intensidade também é garantida com o cuidado com que o professor estruturou a aula de tal modo que reduziu ao máximo os momentos de transição, instrução e informação.

Em síntese, pude verificar que as diferenças em relação a este parâmetro encontram-se essencialmente ao nível da complexidade das tarefas pois se os alunos apresentavam níveis superiores de competências necessitam de tarefas mais complexas para que possam evoluir na sua aprendizagem, ou seja, é preciso apresentar estímulos mais diversos e complexos para existir mudanças ao nível dos padrões motores dos alunos.

Níveis de participação dos rapazes e das raparigas

Outro dos parâmetros que me chamou à atenção foi a questão dos géneros. Será que os rapazes e as raparigas apresentam os mesmos gostos? E o professor demonstra alguma preocupação com essas diferenças? Estas são algumas das perguntas que efetuei antes de observar as aulas. Pois comecei por observar que genericamente raparigas aparentavam ter gostos e motivações diferentes das dos rapazes pelas tarefas, sendo que o professor apresentava tarefas indiferenciadas, em termos de género, e que as raparigas pareciam empenhar-se mais nas tarefas preferidas dos rapazes do que os rapazes nas preferidas das raparigas, demonstrando assim uma “flexibilidade” maior por parte do género feminino.

Atentando agora na atitude do professor, nas aulas observadas verifiquei que:

- Existiu sempre uma preocupação em motivar de igual modo os dois géneros;
- A sua linguagem diferia pouco entre os géneros;
- O princípio da diferenciação estava presente em todas as tarefas (tarefas adequadas a cada um);
- Todos os grupos de trabalho eram mistos;
- O professor apresentava tarefas mais complexas para os rapazes do que para as raparigas (pode não ser uma questão de género mas sim de competências relacionadas com a matéria em questão);
- O professor pretenda que os rapazes cooperem com as raparigas e vice-versa.

Com o decorrer das tarefas foi fácil perceber que os alunos não apresentavam desmotivação pelo envolvimento de ambos os géneros, no entanto, nos jogos coletivos, os rapazes tendem a excluir as raparigas (sobrevalorização por parte dos rapazes leva à desmotivação por parte das raparigas, embora gostem de se envolver nas tarefas com eles), pelo que se

depreende que preferiam trabalhar sem as mesmas. Ora, ao comparar com o 2.º e 3.º ciclo sinto que tal não acontece com tanta frequência, no entanto quando falamos de matérias que requerem contacto físico, verifica-se.

Autonomia

Talvez seja este o aspeto em que exista mais diferença entre os ciclos. Basta pensar na idade dos alunos numa turma de 5.º ano (que leciono) e nas preocupações que tenho de ter durante o planeamento da aula para perceber que alunos de 10 e 11 anos são muito menos autónomos que alunos de 17 anos. Seria impensável selecionar um aluno ao acaso de 5.º ano para orientar os alongamentos ou o aquecimento ao resto da turma (ainda não têm competências para tal). Assim decidi observar aspetos relacionados com isso mesmo.

No caso da aula que observei, (ver anexo IX) não foi nenhum aluno que orientou o aquecimento mas sei que é prática frequente o professor fazê-lo. Uma das vantagens dos alunos serem muito autónomos é facto de se conseguir lecionar ao mesmo tempo várias matérias, isto é, enquanto um grupo de alunos está a aperfeiçoar ou a desenvolver algum tipo de trabalho específico, o professor pode estar a desenvolver aprendizagens com alunos que apresentam mais dificuldades. Mesmo os alunos que se encontram sozinhos, pelo que observei, mantêm-se motivados e a dinamizar a tarefa de forma eficaz. Fazendo a ligação para o item anterior, verifica-se que os rapazes são um pouco mais autónomos do que as raparigas, no entanto quando falamos de problemas decorrentes da competição de uma tarefa, tiveram a necessidade de se dirigir ao professor para o resolver.

A autonomia por vezes até parece ser em demasia visto que os alunos estavam longos períodos longe da “alçada” do professor (alguns alunos que escolheram a ginástica acrobática para serem avaliados, estiveram cerca de 15 minutos sozinhos a aperfeiçoarem-se), ou seja, sem receber qualquer tipo de feedback. Depreendo que seja normal neste ciclo de ensino e nesta turma, no entanto seria impensável nas minhas turmas de ensino básico visto que os alunos necessitam constantemente de informações de retorno.

Concluindo, é grande a disparidade de autonomia entre os alunos dos 2 ciclos, no entanto penso ser normal, pois estamos a falar de 7 anos de diferenças, (5.º ao 12.º ano, por exemplo). Será necessário ao longo dos anos estimular os alunos para serem cada vez mais autónomos, conferindo consciência do seu próprio padrão motor de forma a reorganiza-lo sempre que seja preciso.

Nível de Desenvolvimento Motor

Em relação às características dos alunos, é lógico que deveram existir diferenças entre alunos de 10 anos e de 17. Diferenças, por exemplo, ao nível das competências.

Comparativamente aos outros níveis de ensino, a turma é bastante homogénea e apresenta competências elevadas (normal devido à idade e ao curso que frequentam). Deste modo, é perfeitamente lógico que a discrepância existente entre os níveis que são preconizados nos P.N.E.F. para o 12.º ano seja menor em relação ao ensino básico. Seguindo esta linha de conta depreende-se que os grupos de nível elaborados pelo professor são bastante homogéneos e que não existem alunos a ter dificuldades extremas em realizar as tarefas. Em relação a matérias, denota-se que existe uma maior homogeneidade nas modalidades coletivas e entre o género masculino.

No que concerne à atitude do professor em relação à turma, existe a preocupação de se focar nos alunos que demonstram um pouco mais de dificuldade (ainda que seja pouca a diferença) de modo a tentar que a turma seja cada vez mais homogénea, embora por vezes os integre todos na mesma tarefa (não respeitando o princípio da diferenciação).

Como forma de conclusão, observei de igual modo que os alunos com menos competências têm perfeita consciência disso, denotando-se tal facto pela forma como se encontravam motivados em tentar acompanhar os colegas nas modalidades coletivas (por exemplo).

Reações ao Feedback

O feedback é uma das principais formas de promover aprendizagens nos nossos alunos, deste modo, é importante perceber como, quando e qual o feedback que mais resulta. É claro que estas respostas dependem muito do tipo de tarefa, objetivos e conteúdos, no entanto, acredito que também serão influenciadas pela idade e competências dos alunos.

Neste sentido, consegui perceber que o feedback mais utilizado pelo professor e mais apreciado pelos alunos (no sentido de melhor as suas competências, pois é facilmente assimilado) é o feedback prescritivo, que tem maior resultado quando é conferido individualmente ao invés de coletivamente. Ao contrário dos outros ciclos, aqui os alunos respeitam muito a informação do professor pois denota-se muito em a intenção dos alunos em reajustar a sua resposta aos estímulos oriundos das tarefas. Também foi notório que, à semelhança dos outros ciclos, o professor tende a conferir mais feedback aos alunos menos competentes (com vista à sua evolução).

Ainda nesta aula foi visível que o professor raramente precisa de recorrer ao questionamento durante a instrução visto que os alunos estão concentrados e atentos durante a mesma. No 2.º ciclo, é necessário recorrer quase sempre pois existem sempre alguns alunos que estão distraídos.

Depois de observar as quatro sessões de 90 minutos existem diferenças que em lecionar numa turma de ensino secundário e numa de ensino básico. Essa diferença acentua-se se falarmos mais precisamente numa turma de 5.º ano (que eu leciono) e de uma turma de 12.º ano (que observei). Não retirando a grande importância dos conhecimentos do professor em termos de didática da educação física, que é fulcral, senti que também devemos ter noção de como se comportam em termos de aprendizagem, de como se relacionam e de como se envolvem os alunos nas várias fases da adolescência, ou seja, é como se tivesse que mudar o “chip” sempre que tivesse que mudar de uma turma para outra no mesmo dia de aulas pois a forma de ser e de aprender dos alunos é substancialmente variável. Exemplo prático: se com alunos de 5.º ano tenho de organizar uma tarefa de aquecimento ajustada aos conteúdos mas ao mesmo tempo lúdica para que se motivem, no 12.º ano, os alunos preferem

atividades vigorosas e com objetivo específicos. Estas diferenças talvez tenham alguma relação com o seu grau de maturidade.

Assim, considero que as principais diferenças que notei entre o ensino secundário e o ensino básico assentam essencialmente na autonomia dos alunos, no seu comportamento e nas caraterísticas das tarefas que o professor necessita de apresentar. Como já referi acima, alunos de 12.º ano tendem a apresentar níveis de autonomia superior, devido às suas maiores experiências e à sua maior maturidade. Não se pode exigir a um aluno de 5.º ano que realize um trabalho autónomo, sem supervisão pois além de não tirar proveito nenhum dele (não existem aprendizagens), não se sente motivado e capaz para o realizar. Em relação ao comportamento, este também tende a estar muito ligado com a sua maturidade, no entanto, neste caso específico, também está relacionado com o curso que frequentam pois apresentam um gosto pela disciplina superior à média. Por fim as tarefas terão que ser necessariamente mais complexas, intensas e diversificadas uma vez que estamos a falar de jovens com padrões motores já muito evoluídos (mais dificuldade em modificá-los) que necessitam de imensos estímulos na mesma tarefa.

Como professor estagiário do 2.º e 3.º ciclo senti que é era meu dever conferir o máximo de ferramentas e experiências aos alunos para que quando chegarem ao ensino secundário apresentem um vasto leque de vivências que lhes permita continuar a evoluir. Não é uma tarefa fácil pois estamos a assistir a uma sociedade cada vez mais sedentária que não gosta nem sente prazer em realizar desporto, no entanto, nós, professores de educação física, temos cerca de 135 minutos por semana para lhes fazer sentir essa necessidade de realizar atividade física. Não podemos desperdiçar esse tempo em vão, pois para muitos é o único que tem.

Em jeito de conclusão, gostaria de referir que este foi um trabalho produtivo, rentável e motivador pois é extremamente positivo estabelecermos relações entre as minhas aulas com alunos de 10 anos e as aulas dos meus colegas com alunos de 17. São imensas as diferenças entre as aulas ao mesmo tempo que são poucas, pois as aulas apresentam estruturas muito semelhantes, no entanto cada uma delas é ajustada à sua turma e aos seus

alunos. Antes de realizar as observações pensei que não iria ver nada de novo e interessante pois também já passei pelo ensino secundário e sei como são as aulas mas enganei-me pois nessa altura não as via como professor mas sim como aluno. Com a experiência deste ano, consigo facilmente perceber que lecionar em cada um dos ciclos diferentes nem tem nem maior nem menor dificuldade pois cada um deles tem as suas próprias características (dificuldades e facilidades), mesmo assim, poderá existir professores com um maior perfil para um deles, pois apresentam personalidades mais divertidas, mais extrovertidas, menos pacientes, mais sérios, etc.

Ao longo da minha carreira tentarei certamente ser o mais eclético e flexível possível de modo a reajustar sempre o meu comportamento da melhor forma, em virtude das aprendizagens e do sucesso dos meus alunos.

5. Participação na escola e relação com a comunidade

5.1. Participação nas atividades do grupo de educação física

Desde o início da P.E.S., nós, professores estagiários, recebemos diversas informações por parte da Universidade no sentido de assimilarmos para nós mesmos a responsabilidade que é pertencer a um grupo de E. F. Ao longo do ano, tanto eu como os meus colegas estagiários tivemos um papel muito relevante em todas as atividades propostas pelo grupo, participando ativamente tanto nas suas preparações, na sua dinamizações e nos seus balanços.

Abordando agora todas as atividades em que participei, apresentarei abaixo um quadro em que discriminarei as atividades e de que forma me envolvi nelas.

Quadro 11: Participação nas atividades desenvolvidas pelo grupo de E.F. da Escola

Modalidade	Data	Participação na Atividade
Maratona/Atletismo	16 Novembro	Nesta atividade que foi dinamizada pelo núcleo de estágio da minha escola, ao qual eu não pertencia, tive uma presença assídua na fase de dinamização, estando numa mesa de controlo da maratona a registar os tempos dos alunos.
Corta-Mato	5 Dezembro	Esta foi uma das atividades que o meu núcleo de estágio realizou. Desta forma, tive um papel principal na fase de preparação, dinamização e de balanço.
Torneio de Basquetebol	12 Dezembro	Neste torneio, estive essencialmente na fase de dinamização, visto que é uma atividade já realizada em anos anteriores na escola (a fase de preparação é simples e não requer muitos meios). Estive presente na mesa de registo dos jogos.
Corta-Mato Distrital	06 de Fevereiro	Neste evento, eu e o meu colega Pedro participámos ativamente na dinamização da prova regional. Esta foi uma atividade em que nós nos oferecemos para ajudar o nosso Professor Cooperante que tinha a seu cargo imensas responsabilidades.
Megakilómetro MegaSprinter MegaSalto MegaLançamento	21 e 22 Fevereiro	A minha participação nesta atividade esteve centrada essencialmente na fase de dinamização, tendo como tarefa colocar o material necessário nos locais das provas e registar as performances dos alunos no MegaSalto e no MegaSprinter.
Dia das Estafetas	13 Março	No dia das estafetas, estive essencialmente na fase de dinamização, tendo como função controlar o início das provas e a correta disposição dos atletas pela pista.
Torneio de Basquetebol	14 Março	À semelhança do torneio anterior, estive essencialmente na fase de dinamização. A diferença entre este torneio e o anterior está relacionada com os participantes (no primeiro foi para os alunos do 2.º Ciclo e no segundo para os alunos do 3.º ciclo).
B.T.T. percurso de campo	15 Março	Esta foi a segunda atividade que o meu núcleo de estágio realizou. Desta forma, tive um papel principal na fase de preparação, dinamização e de balanço.
Pentatlo/Atletismo	22 e 23 de Abril	A minha participação nesta atividade esteve centrada essencialmente na fase de dinamização, tendo como tarefa colocar o material necessário nos locais das provas e registar as performances dos alunos no salto em comprimento e no lançamento do peso.
Torneio de Futsal	5 e 12 Junho	À semelhança do torneio de basquetebol, estive essencialmente na fase de dinamização. Este torneio foi para os alunos do 2.º Ciclo e 3.º ciclo, pelo que a sua realização foi em 2 dias diferentes (dia 5 para o 2.º ciclo e dia 12 para o 3.º ciclo).

Como resumo, considero que foi muito enriquecedor participar duma forma bastante ativa em todas estas atividades realizadas pelo grupo, que considero de forma orgulhosa, do qual fiz parte. Sinto que serei capaz de me

integrar sem grandes dificuldades em qualquer grupo de E. F., podendo oferecer o meu contributo, sempre com uma abordagem humilde, com ideias inovadoras e criativas, melhorando assim a oferta de atividades que dispomos aos nossos alunos, sempre com o superior interesse dos mesmos, conferindo-lhes novas vivências e oportunidades para melhorarem diversas valências tanto ao nível físico, social como ético.

Encaro ainda esta presença no grupo de E. F., como um exemplo de camaradagem e união permanente, o que me permitiu saber o que é pertencer a um grupo que trabalha no mesmo sentido e com os mesmos objetivos, tendo sempre como superior interesse os nossos alunos, ou seja, tive uma primeira experiência muito positiva que me permitirá encarar futuras práticas profissionais com uma destreza bastante elevada. Considero que a 1.^a experiência que se tem revela-se fundamental para o futuro profissional, isto é, se for bastante positiva e enriquecedora é provável que as próximas o possam vir a ser também ou então conferem experiência suficiente para poder “lutar” para que assim o sejam.

5.2. Corta-mato e Jogos Tradicionais Vs Modernos

A primeira atividade realizada pelo meu núcleo de estágio foi o corta mato. Esta é uma atividade com diversos objetivos que enunciarei mais à frente, no entanto serve também para apurar os alunos da escola para o corta mato regional. Embora seja uma atividade já desenvolvida pela escola em anos anteriores, achámos, em conjunto com o Orientador da Universidade e o Professor Cooperante, que seria uma mais valia passarmos pela organização duma atividade como esta pois será normal ao longo da nossa carreira termos que organizar eventos idênticos, ficando o nosso núcleo a par de todos os processos do mesmo.

Visto que um dos grandes objetivos do nosso estágio foi conferir algo de novo e inovador à nossa escola, achámos que poderíamos integrar outro tipo de atividade no mesmo dia do corta-mato. Assim, e em conjunto com o Professor Cooperante surgiu a ideia de realizarmos alguns jogos tradicionais,

confrontando-os com jogos modernos, isto é, os alunos que participaram no corta mato tiveram a oportunidade de experienciar alguns jogos que os seus avós e pais brincavam na sua infância, assim como perceber que muitos dos jogos existentes atualmente são “descendentes” de jogos antigos (como é o caso do jogo do peão e do *bayblade*).

Duma forma mais sintética, apresentarei de seguida os objetivos gerais e específicos desta atividade.

OBJETIVOS GERAIS:

- Promover a saúde e o bem-estar;
- Proporcionar aos jovens a oportunidade de praticar Atletismo numa especialidade diferente daquelas que são abordadas nas aulas de E. F.;
- Adquirir padrões e hábitos desportivos;
- Respeitar as premissas inerentes à Atividade Física;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Favorecer o desenvolvimento de algumas das capacidades motoras, adaptando-as as exigências da prova;
- Favorecer a comunicação interpessoal;
- Criar laços de amizade e companheirismo;
- Promover o desenvolvimento da autonomia e autocontrolo;
- Promover o desenvolvimento da formação harmoniosa e multilateral dos jovens;
- Selecionar os alunos para representarem a nossa escola e participarem no Corta-Mato Escolar - Fase regional

Focando-me agora na fase mais prática de todo o processo, uma das grandes aprendizagens, fruto da organização desta atividade, prende-se com o tipo e quantidade de contactos que são necessários realizar. Desde Bombeiros (para assistir algum aluno lesionado), conselho executivo (para informar, requerer lanches e conferir algumas autorizações necessárias ao evento), proprietária dos terrenos anexos à escola para a realização do evento (para o pedido de autorização de utilização do espaço), polícia de segurança pública (para garantir a segurança do evento), alunos que possuíam alguns materiais que permitiam a realização dos jogos antigos e modernos, Direção Regional de

Educação do Alentejo (para a requisição de material de apoio ao evento e grelhas de registo dos atletas), etc.

Dois dias antes, sabendo aproximadamente quantos alunos iam participar na atividade, elaborámos os Dorsais (aproximadamente 400), os quais tinham cores diferentes, consoante os escalões a que correspondiam.

No dia que antecedeu a prova, preparámos as estacas, as fitas balizadoras, o pórtico, as bandeiras, os martelos, as mesas (para a entrega dos dorsais), e o megafone.

Para terminar este dia, tivemos que confirmar se estavam prontas a ser entregues, as fichas de participação, os certificados de participação, os diplomas para os 3 primeiros lugares de cada escalão e sexo, os Bombeiros e a força policial já tinham confirmado a sua presença, o lanche já tinha sido preparado pelas funcionárias da Escola, o programa era do conhecimento de todos os interessados, as fichas de avaliação estavam prontas a ser entregues a todos os alunos que participaram e toda a comunidade educativa estava “solidária” para com a nossa prova.

No que diz respeito ao dia propriamente dito, depois de colocar as fitas, dividimo-nos em pequenos grupos, onde eu e o José fomos preparar o local onde iríamos proceder à entrega dos dorsais e à inscrição dos alunos. Já o Pedro, o Professor Cooperante e o Professor Calado trataram de todo o resto do material no local das provas (insufláveis, bandeiras, mesas, cadeiras, megafone, etc.) e por irem colocar todo o material necessário aos jogos no outro lado da estrada. Depois de estarem todos preparados, indicámos-lhes o local da prova onde aí fizeram a volta de reconhecimento a andar.

Em relação às provas propriamente ditas, eu fiquei encarregue por introduzir os números dos dorsais no computador no final da chegada, enquanto o José ficou nos jogos tradicionais vs. Modernos, o Pedro na ponta de um dos percursos para garantir que os alunos não se enganavam, o Professor Sérgio a dar as partidas, o Professor Calado na agulha (local onde se procedia ao fecho e à abertura dos dois percursos), a Professora Paula, ficou comigo na mesa para registar em papel as chegadas, a Professora Ana a entregar as medalhas para os 3 primeiros e a Professora Helena a tirar as fotos. Toda esta fase correu sem problemas, tudo como tínhamos planeado.

Para terminar e como forma de reflexão, apresentarei os aspetos positivos e negativos, assim como algumas sugestões de melhoramento da atividade.

Aspetos Positivos

- Tudo foi devidamente pensado e planeado;
- Os alunos não tiveram grandes tempos de espera entre provas, pois puderam experimentar as tais atividades (jogos tradicionais e modernos);
- Todos tiveram oportunidade de experimentar os vários jogos,
- O percurso foi interessante, satisfaz todas as exigências de uma prova deste cariz, não surgiu nenhuma lesão (significativa).

Aspetos Negativos

- Durante a realização das provas do escalão de juniores, 3 dos alunos não cumpriram bem o percurso, por falta de concentração dos mesmos. Aliás, consideramos que os mesmos pretendiam ludibriar o sistema;
- Alguns alunos não tiveram o lanche logo depois de terminar as provas.

Sugestões de Melhoramento

Naturalmente que como em qualquer organização, existem sempre aspetos a melhorar, independentemente do grande apoio de todo o grupo de E.F. da escola, que se revelou preponderante no que à experiência diz respeito.

Tendo em conta os pontos negativos e positivos da nossa atividade, pensamos que deveria ser melhorada junto de toda a comunidade escolar uma maior sensibilização para a componente de jogos tradicionais. Por outro lado, também nos parece que como em qualquer atividade ou organização do género, será sempre motivo de competência organizativa a oficialização rápida

dos resultados finais, principalmente para os atletas que foram apurados para os Regionais dada a enorme expectativa por parte dos anteriores. Também um dos aspetos a melhorar na nossa opinião tem a ver com a colocação de um palanque para os premiados bem como insuflável de chegada e partida. No que à logística diz respeito, precisaríamos de muito mais voluntários para colocarmos em prática aquilo que inicialmente idealizávamos e que passava por ter um percurso mais enriquecido.

5.3. BTT/Dança

A segunda atividade realizada pelo meu núcleo de estágio foi o BTT/Dança. Esta é uma atividade com diversos objetivos que enunciarei mais à frente, no entanto serve também para que os alunos disfrutem das paisagens envolventes à sua escola e ao mesmo tempo confraternizar com colegas, professores e encarregados de educação. Embora seja uma atividade já desenvolvida pela escola em anos anteriores, achámos, em conjunto com o Orientador da Universidade e o Professor Cooperante, que seria uma mais valia conferir algo de novo e inovador à nossa escola.

Assim, e em conjunto com o Professor Cooperante surgiu a ideia de realizarmos uma aula de dança de zumba, numa propriedade turística que fica no itinerário do percurso de B.T.T. Esta aula tinha como objetivo reunir os alunos depois de um pequeno lanche, como forma de fomentar a prática da dança nos alunos (matéria que muitas das vezes não é abordada nas escolas e que não reúne consenso por parte dos alunos, embora seja bastante lúdica, animada e fundamental para o repertório motor dos mesmos).

Duma forma mais sintética, apresentarei de seguida os objetivos gerais e específicas desta atividade.

Objetivos Gerais:

- Promover, estimular e incentivar a utilização da bicicleta enquanto meio de transporte alternativo, não poluente, saudável e como instrumento lúdico-desportivo que permite o contato direto com a natureza, património e todo o meio envolvente da Escola.

- Promover o gosto pela prática desportiva ao ar livre
- Promover a integração da escola com a comunidade

Objetivos Específicos:

- Sensibilizar os alunos para a relação com o meio envolvente e freguesia.
- Contribuir para uma maior integração dos encarregados de educação e restante comunidade escolar.

Assumindo que tudo foi devidamente pensado e planeado, será indispensável realçar que a logística deste evento foi antecipadamente ponderada e experimentada, (o professor Sérgio Magalhães já organizou esta Atividade várias vezes, inclusive com a colaboração de estagiários de anos anteriores).

Assim, terminado o Projeto, devo salientar que o nosso intuito passou por implementar (inovação), daí pretendermos promover uma aula de Dança em contacto com a Natureza, a qual será uma novidade para os alunos que já se inscreveram na Atividade de B.T.T. em anos anteriores.

A produção e o envio de alguns ofícios foi novamente uma das nossas principais preocupações, principalmente aquele que era destinado à Força Policial, pois a sua presença foi indispensável, visto que andámos em algumas estradas com um tráfego considerável, ou seja, necessitávamos de alguém para cortar o trânsito em alguns pontos específicos. Também solicitámos ao professor Calado que nos acompanhasse com a sua carrinha, pois a mesma tem condições para transportar as bicicletas avariadas.

Desta feita, recrutados os materiais, era necessário divulgar a atividade (através de cartazes) e disponibilizar fichas de inscrição para que todos os professores do Departamento de E. F. inscrevessem os interessados. Também colocámos fichas de inscrição na Reprografia para que os alunos, professores, pais, ..., se pudessem inscrever.

Depois, apesar de conhecermos o percurso que iríamos utilizar para o passeio de bicicleta, mais próximo da data de realização da prova, dirigimo-nos

novamente ao mesmo com o intuito de o balizar com recurso a fitas balizadoras.

No dia que antecedeu a prova, preparámos o Sistema de Som, as Mesas (Palco), confirmámos se o percurso continuava devidamente assinalado e analisámos as condições do terreno onde a aula de dança iria ser levada a cabo. Para além disto, requisitámos a carrinha da Escola, pois seria através desta que transportaríamos tudo aquilo de que necessitávamos.

Para terminar, confirmar que estavam prontas a ser entregues, as fichas de participação, os certificados de participação, a força policial já tinha confirmado a sua presença, o lanche já tinha sido preparado pelas funcionárias da Escola, o programa era do conhecimento de todos os interessados, as fichas de avaliação estavam prontas a ser entregues a todos os participantes e toda a comunidade educativa estava “solidária” para com a nossa prova.

No que diz respeito ao dia propriamente dito, este começou por volta das 8h00 e começamos logo por nos dirigirmos às bicicletas existentes no ginásio (da propriedade do Professor Sérgio que gentilmente emprestou a alguns alunos), para proceder à realização de pequenas reparações técnicas.

À medida que os alunos iam chegando, iam sendo reunidos no campo exterior, perfilados e organizados para receberem algumas informações acerca do passeio. Entretanto, o Professor Sérgio ficou com a função de levar os lanches, as mesas e o material de som para a quinta onde iríamos parar para lanchar e efetuar a aula de dança.

Perto das 9h15 (hora prevista) e tirada a fotografia inicial do passeio, um de nós ficou encarregue de comandar o passeio, isto é, indicar o trilho e garantir que não existiam alunos que se dispersavam bastante dos colegas, outros 2 ficaram no cerra fila, para garantir que ninguém era deixado para trás e para possíveis reparações de bicicletas e por fim o Professor José Calado ia com a carrinha para levar possíveis bicicletas estragadas.

Acompanhados por 2 veículos da Polícia de Segurança Pública sempre que nos deslocávamos em estradas perigosas, rapidamente chegámos à quinta (cerca das 10h15). Depois de chegar, foram distribuídos os lanches e dinamizada a aula de dança pela Professora Maria. Terminada a aula, arrancámos às 11h15 em direção à escola.

Para terminar e como forma de reflexão, apresentarei os aspetos positivos e negativos, assim como algumas sugestões de melhoramento da atividade.

Aspetos Positivos

- Tudo foi devidamente pensado e planeado;
- Promovemos, estimulámos e incentivámos a utilização da bicicleta;
- Promovemos o gosto pela prática desportiva ao ar livre;
- O percurso estava bem balizado e nenhum dos participantes se perdeu;
- A Força Policial assegurou a segurança de todos nas estradas;

Aspetos Negativos

- A pouca presença de Encarregado de Educação na atividade
- A pouca envolvência de outros professores de outras áreas disciplinares;

Sugestões de Melhoramento

Dentro das sugestões, destacamos o maior cuidado a ter com a segurança da prova. É de todo necessário rádios móveis para assegurar o controlo do passeio, prevenindo e atuando em situações de urgência em qualquer parte do percurso.

Importa também ter mais elementos da organização no percurso para acompanhar os participantes, uma vez que existem grupos com mais e menos andamento o que potencia, de quando em vez, uma extensão demasiado exagerada dos participantes.

Com mais tempo de preparação teria sido interessante articular a atividade com a Junta de Freguesia, promovendo a participação da população em geral.

6. Desenvolvimento Profissional

6.1. Importância de ser professor investigador

“Todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor” (Alarcão, 2000, p. 24)

Ao longo de toda a minha formação académica fui vindo a ser confrontados com a importância e o verdadeiro significado do que é ser Professor. A necessidade de ser investigador assíduo com o intuito de ir melhorando, atualizando e adaptando as minhas metodologias de ensino de acordo com a minha realidade, foi um ponto de partida para muitas reflexões em diferentes unidades curriculares.

Tal como acontece com um médico ou um arquiteto, que têm a necessidade de pensar e refletir sobre qualquer decisão de imensa responsabilidade na sua profissão, o Professor deve ser um elemento social que também se questione ao longo de toda a vida profissional. Será que este exercício está adequado a este grupo de alunos? Será que os alunos apreciam a minha forma de expor os conteúdos? Se não, como a posso alterar? Pesquisando? Conversando com colegas de grupo mais experientes? Estas são algumas das dúvidas e reflexões que um professor de E. F. deve apresentar pois da incerteza e da hipótese nasce a indagação que por sua vez irá produzir conhecimento essencial para o desenvolvimento de um docente capaz, responsável e coerente que proporcione aos seus alunos momentos em que estes possam efetivamente aprender (tarefas adequadas ao seu nível de desenvolvimento).

Ao longo de toda a vida, qualquer processo de aprendizagens está subjacente a uma mudança, a uma inovação num determinado contexto, ou seja, só se constrói conhecimento quando tentamos resolver qualquer tipo de problema com que nos deparemos numa ou noutra situação. Muitas das vezes a dificuldade está em conseguir descortinar corretamente qual o problema que nos é apresentado pois só assim poderemos estudar e implementar estratégias o

mais adequadas possível para a sua resolução (que provocará inovação) (Pomar, 2011).

Qualquer Professor digno desse nome, terá que se questionar acerca das suas opções educativas, procurando encontrar justificações sólidas e científicas com o objetivo de melhorar as aprendizagens dos seus alunos. Do mesmo modo, não pode fazer das suas aulas meras “cobaias” que confirmam ou não certas opções pedagógicas, que poderão deitar por terra alguns anos de trabalho anteriores. O conhecimento não é estanque, evolui de dia para dia e cabe ao professor ir-se atualizando de modo a compreender melhor as dificuldades e virtudes dos seus alunos, assim como a sua verdadeira função da escola, como forma de potenciar ao máximo as suas capacidades (Alarcão, 2000:25).

Assim sendo, fui confrontado com diversos problemas de ordem prática e operacional no decorrer da minha lecionação ao longo deste ano letivo. Estes problemas tendem a ser ocultados e mascarados pela maior parte dos professores (minha opinião), pois não é uma tarefa simples a de ir atualizando as nossas metodologias, tendo necessariamente que existir uma produção de novos conhecimentos, um rigor científico na recolha e na análise de dados e uma partilha dos processos e dos resultados alcançados, no entanto, considero que caso este “upgrade” não exista, correremos o risco de ficar ultrapassados e desatualizados em relação à nossa realidade (Pomar, 2011).

Chegado o momento de pesquisar, analisar, refletir e selecionar todo o conhecimento que existe acerca desta problemática, penso que deverei começar por dizer que esta é uma problemática bastante estudada tanto na minha área disciplinar como em muitas outras, devendo ficar claro que me vou focar essencialmente no que à Educação Física diz respeito.

Neste sentido, o professor, digno deste nome, não se pode acomodar ao conhecimento que provém da sua própria experiência pessoal (as suas vivências) e da sua formação inicial. É necessário o professor tornar-se num investigador assíduo com o intuito de ir atualizando o seu conhecimento para o adequar à realidade atual. Assim, torna-se preponderante refletir e perceber tudo o que rodeia a própria aula de E. F. e tudo o que está adjacente à convivência com os nossos alunos (Costa, 1998).

6.2. A Investigação-Ação: A motivação dos alunos na aula de E. F.)

6.2.1. Introdução

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, integrada no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, na Universidade de Évora, foi proposto aos Professores estagiários que ao longo dos primeiros meses de lecionação fossem pensando num problema que a turma em que lecionamos apresentasse. Este problema seria algo que nos levasse a refletir, investigar, agir e por fim avaliar, ou seja, o principal objetivo seria combater uma dificuldade que encontrássemos ao longo do nosso estágio, de forma consistente e metódica, para que pudéssemos aprender com a experiência e adaptá-lo ao longo e toda a nossa vida profissional.

Visto que a turma que me calhou em sorte era constituída essencialmente por alunos de 12 e 13 anos (7.º ano de escolaridade), pensei que seria uma hipótese de tentar perceber realmente o que pensão os adolescentes acerca das aulas de educação física, o que dão mais valor nas aulas, o que pensam ser importante no professor, entre outras coisas. Esta é uma idade crucial na vida destes alunos pois é nesta altura que as suas personalidades se começam a desenvolver e poderá ser uma mais-valia enquanto futuro professor perceber o que sentem e o que admiram em relação ao contexto da aula.

Juntando a tudo isto a falta de motivação que encontrei na turma nos primeiros meses de lecionação, pensei que estariam reunidas as condições para avançar com alguns problemas específicos que se traduziram em algumas questões de partida: como posso motivar e aumentar o empenho dos meus alunos, de modo a que estes se sintam mais ativos, participativos, conscientes, empenhados e "felizes/satisfeitos" nas aulas, potenciando assim as suas aprendizagens? Será que este grupo de alunos se sente assim devido a mim enquanto professor? Ou será devido às próprias características da disciplina e aos conteúdos que a ela estão associados? Poderão estes alunos ter tido experiências anteriores negativas em relação À disciplina? Estas foram as questões de partida que tentei descortinar em relação aos alunos para que

pudesse focar-me no essencial, na raiz de todos os problemas associados aos mesmos.

Torna-se necessário então, tentar perceber quais os gostos dos alunos em relação às variadas matérias que se lecionam nas aulas de E.F. de modo a garantir que estes permaneçam constantemente motivados ao longo de toda a sessão. (Pimentel e Nunes, 2002)

Assim sendo, e focando-me mais no meu problema, a motivação têm sido um fator bastante estudado, por estar bastante associado aos resultados desportivos (de alunos e atletas), assim como das suas aprendizagens enquanto alunos. (Pereira, Carreiro da Costa & Alves Diniz, 2009)

De uma forma mais prática, podemos afirmar que os sujeitos aquando da sua realização de uma determinada tarefa, agem de acordo com dois tipos de orientações que definem o êxito ou o fracasso. Um destes tipos é centrado essencialmente na tarefa, ou seja, o sujeito avalia o seu grau de habilidade de acordo com as suas próprias características, tentando melhorar a sua melhor prestação, o seu melhor tempo, a sua melhor marca, competindo consigo próprio, digamos assim (task-involving) enquanto o outro tipo é caracterizado pelo sujeito que se centra essencialmente no seu ego, isto é, tendem em comparar os seus resultados com os indivíduos do seu contexto, sob a forma de ações competitivas como por exemplo, “tenho de tentar fazer melhor do que o meu adversário”(ego-involving) (Treasure & Roberts, 1995).

Atentando agora na forma como se poderá motivar os nossos alunos para as aulas de E. F., Pomar (2011) refere que a existência de um bom clima na aula de E. F. é fundamental para que os alunos estejam constantemente motivados para a tarefa, bom clima este, que pode ser potenciado graças à variabilidade constante das tarefas, que provoca novidade nos alunos, potenciando assim os seus níveis de atenção e de interesse para a “nova” atividade (modificações de contexto de realização, das ações motoras, dos intervenientes da tarefa, do local onde se realizam as tarefas, da forma como apresentamos as mesmas, etc.), evitando as punições físicas, isto é, não obrigar um aluno a realizar uma determinada ação só porque o seu comportamento não foi adequado, não denegrindo a imagem de um ou outro aluno só porque este não consegue realizar uma determinada tarefa e

promovendo atividades de cooperação e solidariedade entre os alunos (tarefas de equipas, por exemplo).

6.2.2. Objetivos

Definimos como objetivo principal deste estudo saber como potenciar/maximizar a motivação dos meus alunos, para que estes sentissem mais prazer em participar ativamente nas aulas de E. F. aumentando assim as suas aprendizagens e conseqüentemente o seu rendimento.

Complementarmente a esse objetivo defini como objetivo acessório a necessidade de comprovar se determinadas estratégias que poderia implementar fariam com que os meus alunos se sentissem mais motivados nas aulas.

É um facto que se pretendo também aumentar o conhecimento pessoal de cada aluno, podendo desse modo intervir mais eficazmente em situações específicas que aconteciam durante a aula. Estes objetivos fazem com que a pertinência do estudo seja significativa visto que se trata duma turma em que os seus índices de motivação são mínimos. Além disto, em conversas com alguns colegas de estágio e da escola, nos últimos anos esta é uma temática cada vez mais falada, a ausência de gosto dos alunos pela atividade física, levando inclusive a problemas relacionados com a sua saúde, nomeadamente obesidade infantil.

6.2.3. Metodologia

6.2.3.1. Participantes

Em relação ao contexto do meu estudo, este foi realizado na turma de 7.º ano da Escola Básica Conde Vilalva, onde realizei a PES, constituída por 20 alunos, 6 rapazes e 14 raparigas, sendo que posteriormente passaram a ser 19 alunos pois uma aluna foi transferida.

6.2.3.2. Desenho do estudo

Como forma de perceber o grau de motivação e o que realmente os motivava, ou seja, compreender melhor os meus alunos, optei por reajustar um questionário já existente e validado, com questões direcionadas para os objetivos que tinha. Esta implementação ocorreu no final do mês de Fevereiro. Este questionário (ver anexo XI) começava por ter uma parte para identificar os alunos e a seguinte intitulada “ Percepções e atitudes relativamente à Educação Física”. Era constituído por questões de resposta fechada, aberta e também com questões em que era permitido aos alunos escolherem opções por ordem de preferência o que me permitiu perceber a ordem de importância que os alunos davam a determinados assuntos. Depois de analisar os resultados do questionário, realizei diversas pesquisas para me “munir” de ferramentas que pudessem alterar de alguma forma a sua maneira de encarar a aula de E. F. Em conjunto com o professor cooperante Sérgio Magalhães, propusemo-nos a efetuar algumas alterações nos planos de aula, no início do 3.º Período, isto é no início do mês de abril, que passavam por criar momentos em todas as aulas de 90’ que fomentassem o gosto e a motivação pelas aulas e pelo desporto. A meados do mês de maio resolvi realizar novamente os questionários (com algumas alterações, pois pretendia consciencializar a turma para as diferenças existentes) como forma de avaliar a minha intervenção.

6.2.2.3. Programa de Intervenção

A intervenção foi efetuada com a implementação das seguintes estratégias:

- Aquecimentos o mais dinâmicos possíveis (exemplo: pequenas competições, jogos lúdicos, opções de escolha pelos alunos dentro de um leque de hipóteses, etc.);
- Todas as aulas de 90’ tinham um momento de jogo perto do formal, quer seja de basquetebol ou de futebol, pois os alunos referiram que gostavam desse tipo de tarefa;

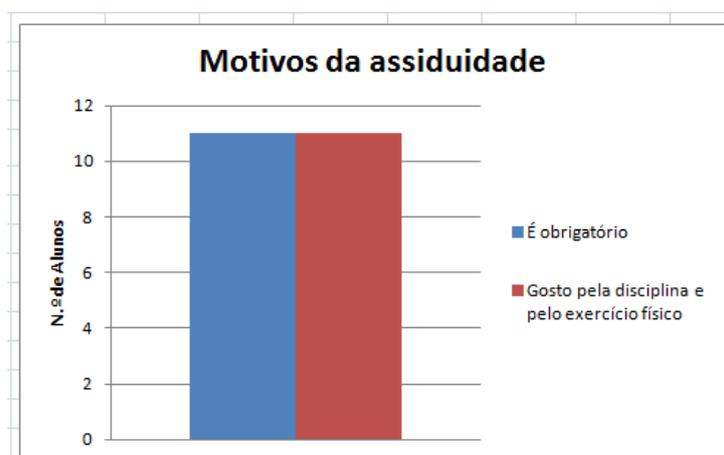
- Os momentos de condição física também foram quase sempre planejados de uma forma lúdica, ou seja, raramente existiam momentos de estar durante 30" a fazer abdominais, depois flexões pois tentei encontrar formas diferentes de abordá-los (exemplo: realizei pequenos circuitos em que os alunos tinham de trepar, saltar, rastejar, levantar objetos, pequenas corridas, etc.).
- Na parte final, os alunos foram escolhidos aleatoriamente para orientar os alongamentos (sob a minha alçada), o que fez com que os alunos estivessem mais empenhados.
- Em algumas aulas, realizei jogos para fomentar a união de grupo, como por exemplo o jogo da serpente e o jogo do descalçar com o objetivo dos alunos saírem da aula alegres e empolgados com o desenlace das aulas.

Ao longo desta fase fui percebendo que estava a resultar, dado que sentia por parte dos alunos mudanças mesmo na realização das outras tarefas.

6.2.4. Resultados e Discussão

No que diz respeito aos resultados, parece-me que o mais rentável será realizar uma discussão ao mesmo tempo que confronto os resultados iniciais com os finais. Assim, para cada uma das questões que apresentei irei elaborar um pequeno resumo com as ideias-chave que retirei de modo a orientar o meu trabalho de professor o mais eficazmente possível.

Inicial



Final

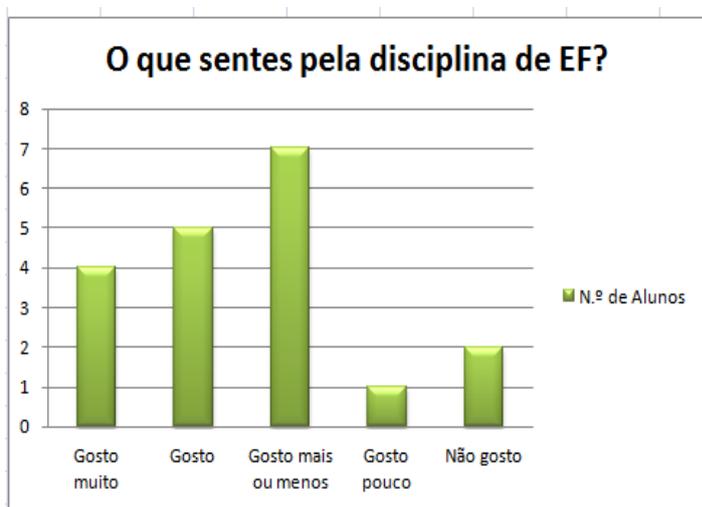


Fig.13 – Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção

Quando questionados sobre se iam às aulas de E.F. porque era obrigatório ou porque gostavam da disciplina e do exercício físico, inicialmente metade dos alunos respondeu que iam porque era obrigatório e a outra metade porque gostavam da disciplina. Existiram ainda 2 alunos que assinalaram as duas opções, mostrando que embora gostassem da disciplina eram assíduos porque eram obrigados. Em relação aos resultados finais, constatamos que existiu uma alteração significativa pois apenas 7 alunos conferem à E. F. um sentimento de obrigatoriedade sendo que inicialmente eram 11, enquanto 14

alunos referem que sentem gosto e prazer pela disciplina. Apenas 1 alunos ainda seleciona as duas opções.

Inicial



Final

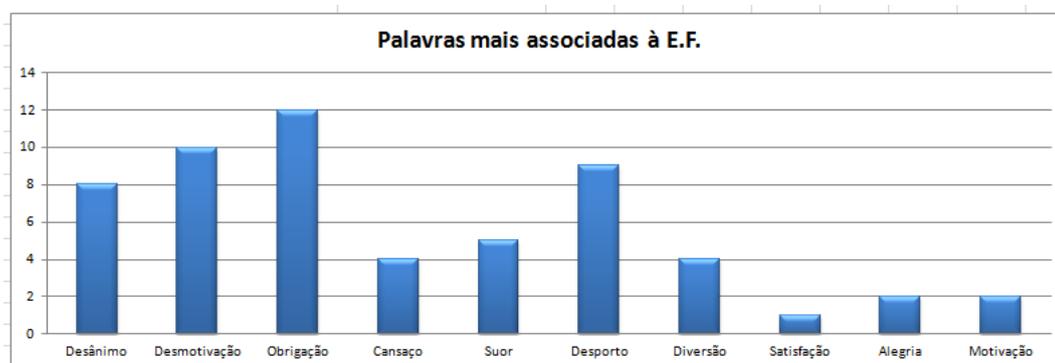


Fig.14 - Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção

Quando questionados sobre o que sentiam pela disciplina de E.F., inicialmente apenas 9 dos alunos afirmaram que “gostavam” ou “gostavam muito”. Por sua vez, 7 dos alunos tinham um sentimento de indiferença (“gosto mais ou menos”) e 3 afirmavam “gostar pouco” ou “não gostar”. Confrontado com os resultados finais, podemos verificar que são 12 os alunos que passaram a “gostar” e a “gostar muito”. Este aumento é justificado com a

diminuição dos alunos que apresenta indiferença em relação à disciplina (eram 7 e passaram a ser 4).

Inicial



Final

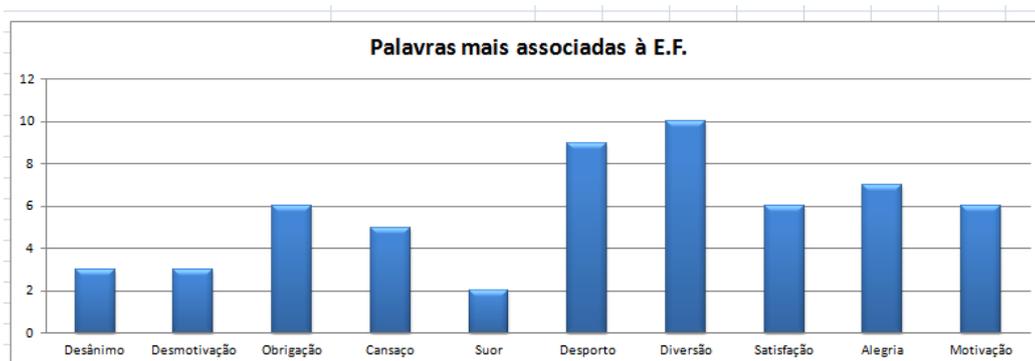


Fig.15 - Comparação entre os motivos da assiduidade no início e no fim da intervenção

Para finalizar, na figura 15, salta-nos à vista que o declive alterou-se, ou seja, ao invés dos resultados iniciais em que o declive se encontrava da esquerda para a direita, agora encontra-se da direita para a esquerda pois as palavras mais referidas foram positivas que se encontram à direita do gráfico. “Diversão”, “Desporto” e “Alegria” foram as palavras mais selecionadas pelos alunos nos resultados finais, enquanto nos resultados iniciais eram as palavras “Obrigação”, “Desmotivação” e “Desporto” as palavras mais referidas.

6.2.5. Conclusões

Partindo do princípio que o principal objetivo de todo este processo foi aumentar o índice de motivação dos meus alunos e conseqüentemente o seu empenho e os seus resultados, afirmo que foi alcançado. Sinto que cheguei ao ponto final do ano com uma ideia muito clara e precisa das estratégias ideais para o sucesso da turma, pois agora eu sei quando é que os alunos se encontram motivados, o porquê de não se sentirem motivados e a forma como devo abordar os conteúdos para aumentar essa motivação. O grande problema inicial foi, sem dúvida, a falta de experiência e de ferramentas que pudessem fazer com que as aulas se tornassem mais motivantes para os alunos.

Através dos gráficos consigo ter uma ideia muito precisa daquilo que fui alterando ao longo de toda esta intervenção, é importante ter factos, no entanto, o que fui sentindo ao longo do processo foi surpreendente. De aula para aula, existiram alunos que tinham uma atitude completamente distinta uma vez que existiam alunos que entravam na aula e mal comunicavam comigo e com os colegas, agora eram os primeiros a perguntar-me o que iríamos fazer na aula, qual era a tarefa de aquecimento e se íamos fazer um jogo no fim. Isto é um exemplo bastante claro de que algo tinha mudado.

Sabendo que cada turma tem as suas características, este processo serviu essencialmente como uma forma de me tornar um pesquisador assíduo em relação a exercícios lúdicos, motivadores que me enriqueceram ao nível profissional em situação futuras. Uma das grandes aprendizagens que retiro deste projeto está relacionada com a importância de realizar um pequeno estudo no início de todos os anos como forma de perceber rapidamente as características dos alunos e as suas motivações. Este é um processo que irei realizar ao longo da minha futura carreira pois penso ser crucial nas aprendizagens dos alunos. Por esta razão, penso relevante referir que este processo fará todo o sentido ser realizado no início do ano letivo.

7. Conclusões

Chegado o momento de redigir algumas conclusões acerca de todo o processo que passei ao longo destes últimos 2 anos letivos sinto-me na obrigação de afirmar que aprendi imenso com todos os professores que fizeram parte da minha formação académica. Mesmo tendo imensa vontade por aprender, agora que estou perto de me tornar num, sei que a forma como o professor transmite os conhecimentos é fulcral para que os alunos retenham as aprendizagens. Um professor que transmita gosto, paixão e entusiasmo, por aquilo que está a transmitir (como foi o caso dos docentes do mestrado), está no caminho certo para ser um professor eficaz.

Assim sendo, enquanto futuro profissional devo admitir que adquiri imensas ferramentas que serão fundamentais quando entrar no mercado de trabalho. Desde a forma como devo organizar o planeamento da turma, a forma como me devo integrar na escola e no departamento de educação física, a forma como me devo apresentar aos alunos que não conheço (mudaria algumas coisas em relação à experiência que tive o que demonstra a reflexão e evolução graças a experiências anteriores), a forma de organizar as aulas consoante os conteúdos que abordarei, etc., enfim, uma vasto conjunto de competências que sem experiências práticas nunca se adquirem. Ou seja, a partir do momento que consigo ter uma experiência prática, vou adquirindo novos conhecimentos, novo traquejo e novas aptidões que me permitiram adaptar-me às imensas características dos futuros alunos que lecionarei, pois sou eu enquanto professor que tenho de ter o cuidado/o dever, de adaptar a minha forma de ser e de estar em prol do sucesso dos alunos. Sabendo que só no final dos processos consigo ter noção se as estratégias que adotei foram as mais indicadas, quanto mais experiências eu tiver mais facilidade vou ter em descortinar rapidamente a forma indicada de lidar com os alunos que tenho na minha frente, embora possa ir reajustando pormenores ao longo do tempo pois alguns são irreversíveis, como por exemplo a primeira impressão que os alunos têm de mim.

Além de todas as aprendizagens que adquiri ao longo do ano em termos de trabalho pré e pós aula (planeamentos, relatórios, metodologias de avaliação, investigação, etc.), aproveitei essencialmente o facto de me poder

relacionar com alunos em contextos iguais aos que futuramente encontrarei. Uma das principais dificuldades foi, por vezes, centrar o ensino em mim e não nos alunos como é suposto, isto é, estar constantemente preocupado em fazer com que as tarefas que idealizei se realizem, sem comportamentos desviantes e sem percalços, ao invés de me concentrar em ajudar os alunos a evoluírem, conferindo-lhes imensos feedbacks e orientações assertivas, principalmente àqueles que apresentavam mais dificuldades. Mais concretamente em relação aos alunos, por vezes senti dificuldades em encontrar o equilíbrio entre uma ligação afável, meiga e amigável, com o profissionalismo que deveria apresentar, fruto certamente da inexperiência e da falta de perspicácia, no entanto, perto do final do 2.º período, essa dificuldade esfumou-se e tornou-se num aspeto intrínseco a mim. Por outro lado, no final do ano ouvir comentários do género “o professor vai ficar cá para o ano?”, “vai ser nosso professor no próximo ano?”, “eu não sabia fazer o salto ao eixo e o professor ensinou-me”, é aquilo que me faz acreditar que escolhi o futuro certo pois é reconfortante perceber que o trabalho que desenvolvemos serviu para enriquecer os alunos. Também são estes comentários que me fazem perceber que vale a pena investir em formações, ser um professor pesquisador assíduo, um professor interessado em descobrir novas estratégias, novas metodologias e novas pedagogias, para conseguir mais facilmente adaptar-me a todos os alunos que num futuro próximo ensinarei.

Em relação às aprendizagens mais significativas e objetivas que adquiri fruto de todo o trabalho gostaria de enaltecer também, sob a forma de conclusão, que aspetos relacionados com as conclusões que se devem retirar do relatório da primeira etapa (avaliação inicial) foram uma mais-valia para o meu futuro. Aperceber-me que será difícil selecionar mais do que duas matérias prioritárias para trabalhar de forma mais “afincada” ao longo do ano pois o tempo disponível para a disciplina é muito curto e dessa forma estaria a comprometer o ensino de todas as outras matérias, que por vezes é necessário planejar aulas monotemáticas em vez de politemáticas para uma melhor retenção das aprendizagens por parte dos alunos e que por vezes é preferível não recorrer ao sistema de organização por estações pois estaria a comprometer o bom funcionamento e dinâmica da aula são aprendizagens que me serão úteis no decorrer de toda a minha carreira docente.

Seguindo o raciocínio da frase anterior, em relação ao futuro próximo que falei, neste momento as perspectivas de trabalho são escassas, no entanto, tenho que estar preparado para a qualquer momento agarrar uma oportunidade que surja e caso não me tenha preparado devidamente posso desperdiçá-la, ou seja, mesmo sabendo que vai ser difícil exercer a profissão proximamente, encontrei a motivação necessária para esta fase da formação, no facto de saber que quando conseguir, mostrarei tudo aquilo que aprendi com esta importantíssima experiência.

Por último, gostaria de sublinhar que o facto de termos iniciado no ano letivo ao mesmo tempo que todos os docentes da escola, permitiu-nos iniciar o ano letivo com os alunos numa forma mais descontraída e mais familiarizada com as infraestruturas escolares, docentes, funcionários, direcção da escola e, como é lógico, com o nosso professor cooperante, criando os laços necessários a uma boa relação desde o princípio do ano letivo.

8. Bibliografia

Alarcão, I. (2000). Professor-Investigador: que sentido? Que formação? In Campos, Bártolo (org.), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Cadernos de Formação de Professores (pp.21-30). Porto: Porto Editora.

Araújo, Filomena (2007). Avaliação e gestão curricular em Educação Física- Um olhar integrado. *Boletim SPEF*, 32, 121-136.

Bento, J.O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (. Lisboa: Livros Horizonte.

Bratfische, S. (2003). Avaliação em Educação Física: um Desafio. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, 14(2), 21-31

Carreiro da Costa, Francisco. (1998). Condições e factores de ensino-aprendizagem e condutas motoras significativas: Uma análise a partir da investigação realizada em Portugal. *Boletim SPEF*, 14, 7-32.

Carreiro da Costa, F. (1995). *O sucesso pedagógico em Educação Física: Estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Cruz Quebrada: Edições FMH.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em EF. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.

CARVALHO, L. (2001). Sobre o status da disciplina de Educação Física na década de sessenta: fragmentos de um estudo empírico-organizacional. *Boletim SPEF*, 21/22, 55-72.

Decreto-Lei n.º 74, de 26 de março de 2004. Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação. Diário da República, Lisboa, 2004. Série 1-A.

Departamento de Educação Básica/Ministério da Educação (1998). *Programa de Educação Física do 2º ciclo do ensino básico: Plano de organização do ensino-aprendizagem*. Vol.II. Lisboa: Editorial do ME.

Rocha, L., Henriques, J., Mira, J., Guimarães, M. (2010) .*Documento de Apoio à Organização Curricular e Programas de Educação Física*, (2010). Ministério da Educação. DGIDC./ Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2001). Programa de Educação Física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento). Lisboa: Editorial do ME.

Façanha, L.S. (2012). A concepção estética do Pigmalião e os efeitos artísticos da *mimesis* no romance A Nova História. *Argumentos*, Ano 4, n.º 8, 171-178

Ferraz, M. et al. (1994). Avaliação criterial/Avaliação normativa. In D Fernandes (Coord.), *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*. Lisboa: IIE.

Fialho, N. & Fernandes, D. (2011). Práticas de professores de educação física no contexto da avaliação inicial numa escola secundária do concelho de Lisboa. *Meta: Avaliação*, 3(8), 168-191.

Fialho, I. & Salgueiro, H. (2011). TurmaMais e Sucesso Escolar – Contributos teóricos e práticos Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Gaspar, P.J.S. (2009). Efeitos do sedentarismo a nível cardiovascular: a importância da actividade física na manutenção da saúde. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro

Jacinto, J. (Coordenador), Carvalho, L., Comédias, J., Mira, J. (2001). *Programas de Educação Física do 10º, 11º e 12ºanos*. Lisboa: Editorial do ME/DES.

Lopes, T. (2011). Contribuição da avaliação formativa para o desenvolvimento cognitivo em alunos de física. Tese de Doutoramento em Ensino de Ciências e Física. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

LUCKESI, C.C. (2002). *Avaliação da aprendizagem escolar*. 14ª ed. São Paulo: Cortez

Neto, A. (2007). *Didáctica das Ciências Físico-Químicas*. Relatório de disciplina no âmbito das provas de Agregação (não publicado). Universidade de Évora

Onofre (1995). Prioridades de formação didáctica em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, pp. 75-97

Pereira, P., Carreiro da Costa, F., & Alves Diniz, J. (2009,). A motivação dos alunos em educação física: Um estudo na perspetiva da orientação de objetivos de realização. *Boletim SPEF*, 34 109-120.

Pomar, C. (2011). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. Documento de apoio à disciplina de Didática da Educação Física do Mestrado em Ensino da Educação Física (não publicado). Universidade de Évora.

Rosado, A. (s/d). Extraído no dia 15 de Novembro de 2012, em: http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm.

Treasure, D,& Roberts, G. (1995). Applications of achievement goal theory to physical education: Implications for enhancing motivation. *Nacional Association for Physical Education in Higher Education*, volume (2). 475-489.

9. Anexos

Anexo II – Pormenor da Metodologia das Grelhas de Avaliação Formativa

		E.B. Conde de Vilalva		5.º A	
		Avaliação Formativa		Obs.	
		Futebol			
		Aspetos Tático-Técnicos			
		Nível introdutório			
Passa oportunamente					
Nº	Nome	dirige o passe	passa a um colega desmarcado		Legenda: Aspetos Tático-Técnicos
1	[Redacted]	S	N/S		
2	[Redacted]				N: Nunca NS: Nem Sempre S: Sempre
3	[Redacted]				
4	[Redacted]				
5	[Redacted]				
6	[Redacted]				
7	[Redacted]				
8	[Redacted]	N/S	N/S		Exercício Critério: Jogo (5x5)
9	[Redacted]				
10	[Redacted]	S	S		
11	[Redacted]				
12	[Redacted]	N/S	N		
13	[Redacted]				
14	[Redacted]				
16	[Redacted]				
17	[Redacted]	N/S	S		
18	[Redacted]				
18	[Redacted]				

Anexo III – Exemplo da Metodologia da Autoavaliação por matéria

	Escola Básica Conde de Vilaça		Legenda:	
	Auto-Avaliação		F - Faço	
	Nível Introdutório		NF - Não Faço	
Badminton				
Nome:		N.º	Turma	
COMPONENTES CRÍPCAS DE AVALIAÇÃO – gestos/ações	1	2	3	4
LOB				
Avanço o pé do lado da raquete	F	F		
Faço um forte movimento de pulso de baixo para cima	NF	F		
Movimento contínuo	F	F		
CLEAR				
Raquete em cima e atrás da cabeça	F	F		
Levanto a mão livre e aponto para o volante	NF	NF		
Bato o volante no ponto mais alto com o braço em total extensão	F	F		
Forte movimento de pulso de cima para baixo	F	F		
DRIVE				
Realizo o batimento ao lado do corpo	NF	NF		
Cabeça da raquete paralela à rede	NF	F		
Movimento explosivo e rápido	F	F		
AMORTI				
Bato o volante em cima e à frente do corpo	F	F		

Anexo IV – Exemplo da Metodologia da Autoavaliação Geral

Auto-Avaliação (Ano Letivo 2012/2013)

Nome e N.º
Ano e Turma

Legenda: S = Sempre; NS = Nem Sempre; N = Nunca

	1.º Período	2.º Período	3.º Período
1. Assiduidade e Pontualidade			
Estou presente em todas as aulas de EF?	S		
Levo sempre o material para realizar a aula de EF?	S		
Chego a horas em todas as aulas de EF?	NS		
2. Atitudes e Valores			
Apresento um comportamento adequado nas aulas de EF?	S		
Estou concentrado nas tarefas da aula de EF?	NS		
Empenho-me em todas as tarefas propostas na aula de EF?	NS		
Respeito todos os meus colegas e as decisões do Professor?	S		
Coopero com todos os meus colegas e ajudo-os?	S		
3. Questionamento			
Respondo com sucesso, às questões que o Professor coloca?	NS		
4. Atividades Físicas e Desportivas			
Conheço e Respeito as regras dos jogos?	S		
Consigo realizar as tarefas destinadas à Aptidão Física?	S		
4.1. Modalidades Coletivas (Futebol, Voleibol, Andebol, Basquetebol, ...)			
Participo no Ataque? Garanto que a minha equipa fique em posse de Bola?	N		
Procuro que a minha equipa consiga o Objetivo do Jogo? Golos ou Pontos?	NS		
Ofereço linhas de passe aos meus colegas? Desmarco-me?	S		
Revelo atitude defensiva, tentando recuperar a bola?	NS		
Na defesa, ajudo os meus colegas e protejo a minha baliza?	NS		
4.2.1. Modalidades Individuais (Ginásticas)			
Procuro perceber porque não consigo fazer alguns exercícios?	S		
Procuro sempre aperfeiçoar a minha técnica? Faço os exercícios e peço ajuda?	NS		
Não faço alguns gestos por ter medo de me magoar?	NS		
4.2.2. Modalidades Individuais (Raquetes, Atletismo, Danças, ...)			
Coopero com os meus colegas?	S		
Prefiro a Competição à Cooperação?	NS		
Procuro sempre aperfeiçoar a minha técnica? Peço ajuda?	S		
Apenas quero jogar ou ter os melhores resultados? Não me preocupo com a técnica?	NS		

Observações (obrigatório fazer uma sugestão/consideração sobre o trabalho do professor e outra sobre o próprio aluno):

Anexo VI – Grelha Final de Avaliação da Turma 7.º A

Núcleos de Estagiários 2012/2013

CÁLCULO DA CLASSIFICAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Turma: 7.º A

n.º	nome	sexo	data nascimento	ACTIVIDADES FÍSICAS (60%)			APTIDÃO FÍSICA (10%)					CONHECIMENTOS (10%)		CLASSIFICAÇÃO FINAL (níveis)							
				M	I	E	A	Atitudes e Valores (20%)	classificação	voltas/ZSAF ¹ com ZSAF ²	n.º ZSAF ² com ZSAF ¹	n.º ZSAF ²	n.º testes ZSAF		classificação	0-100%	classificação				
1		2	02-01-2000	1	4	3	3	36	Sim	27	Sim	24	Não	32	Sim	2	3	53	Satisfaz	3	
2		2	07-09-2000	2	3	3	3	19	Não	35	Sim	40	Sim	40	Sim	2	3	50	Satisfaz	3	
3		2	28-09-1999	1	4	3	3	15	Não	36	Sim	33	Sim	10	Não	1	2	38	Insucesso	3	
4		2	14-01-2000	2	3	3	3	10	Não	22	Não	34	Sim	20	Sim	1	2	78	Satisfaz Bastante	3	
5		2	28-08-2000	4	1	4	4	21	Não	41	Sim	38	Sim	30	Sim	2	3	81	Satisfaz Bastante	4	
6		1	12-04-2000	3	2	4	4	53	Sim	32	Sim	23	Sim	40	Sim	3	4	83	Satisfaz Bastante	4	
8		1	07-04-2000	4	1	4	4	59	Sim	20	Sim	23	Sim	40	Sim	3	4	50	Satisfaz	4	
9		1	30-04-2000	1	4	3	3	15	Não	44	Sim	45	Sim	32	Sim	2	3	50	Satisfaz	3	
10		2	28-08-2000	1	4	3	3	35	Sim	20	Não	25	Sim	24	Sim	2	3	38	Insucesso	3	
11		2	28-06-2000	3	2	4	4	34	Sim	38	Sim	40	Sim	40	Sim	3	4	90	Excelente	4	
12		2	19-04-2000	3	3	4	4	50	Sim	30	Sim	33	Sim	40	Sim	3	4	85	Satisfaz	4	
13		2	23-07-1999																		
Transferida																					
15		2	03-03-2000	1	4	3	3	36	Sim	40	Sim	31	Sim	40	Sim	3	3	31	Insucesso	3	
16		2	01-05-2000	1	4	3	3	22	Não	32	Sim	33	Sim	35	Sim	2	3	59	Satisfaz	3	
17		1	09-02-2000	5		3	3	19	Não	29	Sim	38	Sim	40	Sim	2	3	46	Insucesso	3	
18		1	14-05-1998	5		3	3	56	Sim	26	Sim	24	Sim	5	Não	2	3	0	Não realizou	3	
19		2	23-08-2000	4	1	4	3	30	Sim	23	Não	21	Não	40	Sim	2	3	55	Satisfaz	3	
20		2	11-04-2000	4	1	5	4	40	Sim	38	Sim	37	Sim	37	Sim	3	3	77	Satisfaz Bastante	4	
21		2	18-01-2000	1	4	3	3	14	Não	39	Sim	37	Sim	31	Sim	2	3	35	Insucesso	3	
22		1	23-03-2000	1	3	2	3	15	Não	23	Sim	25	Sim	19	Não	1	3	67	Satisfaz Bastante	3	

¹topas-1

²topas-2

Anexo VII – Observação n.º1 – 08 de Abril

Observação de Aula

Escola: André de Gouveia

Ciclo de Ensino: Secundário

Ano e Turma: 12^º A

N.º de alunos: 14

Data: 08/04/2013

Tempo de Aula: 90

Observação n.º: 1/4

Professores Esbargado: Vítor Gonçalves

Comportamentos dos Alunos	Sim	Não
Assiduidade e Pontualidade		
Alguns dos alunos faltou à aula?	X	
Alguns alunos chegaram na aula e não a realizou?	X	
Os alunos chegam ao local da aula "a horas"?		X
Atitudes		
Os alunos estão em silêncio no início da aula?	Sim	Não
No tempo de informação estão atentos?	X	
No tempo de instrução ouvem o Professor atentamente?	X	
Nas demonstrações estão focados no objetivo da tarefa?	X	
Existem muitas conversas paralelas, isto é, entre os alunos?		X
Quando o Professor os repreende, mudam de comportamento? (se aplicável)	X	
Os alunos conversam sobre assuntos da aula? (dúvidas, etc.)	X	
Os alunos questionam o Professor quando têm dúvidas?	X	
Os alunos procuram destabilizar a aula?		X
Os alunos tentam alterar as regras da aula constantemente?		X
Os alunos são muito competitivos entre eles próprios?	X	
Os Rapazes tendem a afastar-se nas Reparigas na realização das tarefas ou vice-versa?		X
Interesses dos alunos		
Os alunos encontram-se motivados?	Sim	Não
Existem tarefas em que essa motivação é mais evidente?	X	
Consoante o tipo de matéria abordada, essa motivação altera-se?	X	
Quando não estão motivados os alunos não realizam a tarefa?		X
Os alunos motivam-se mais com desportos coletivos?	X	

Rotinas dos Alunos	Sim	Não
São os alunos a organizar o material para a aula?	X	
Os alunos arrumam o material no final da aula?	X	
O professor tem alguma forma de reunir os alunos rapidamente?		X
Os alunos dispõem-se no início da aula sempre da mesma forma?	X	
O Professor realiza a chamada?	X	
São os alunos a realizar o aquecimento sem supervisão do Professor?		X
Os alongamentos são realizados autonomamente pelos alunos?	X	

Observações:

- * Todos em silêncio na Introdução
- * Alguns conversam no tempo de informação e no início da aula.
- * Alguns alunos de turma não chegaram a horas no início de aula.
- * Os alunos na tarefa de aquecimento estão pouco motivados
- * Para os rapazes, o professor tenta dizer "juntos aqui", ou seja, é fácil organizá-los
- * Os alunos mantêm a atenção de imediato
- * Durante a demonstração, os alunos estão concentrados
- * A motivação dos alunos também está influenciada pelo facto dos alunos pertencerem a um curso de Desporto.
- * Os rapazes são muito competitivos entre eles
- * Os alunos mudam rapidamente de comportamento, para melhor, quando o Professor os repreende.
- * Na comunicação do material, os alunos não quis ouvir.
- * Alguns muito atenciosos nas diversas tarefas
- * Momentos de motivação mais altos e baixos (aluno muito atencioso)
- * A motivação está influenciada pelo facto dos alunos terem escolhido as matérias em que são afortunados.
- * Parvamente os alunos apresentam comportamentos de desvio

* Alongamentos são dados pelos alunos. Na lista da turma, cada uma

Anexo VIII – Observação n.º2 – 10 de Abril

Observação de Aula

Escola: André de Gouveia

Ciclo de Ensino: Secundário

Ano e Turma: 12^{TDI}

N.º de alunos: 16

Data: 10/04/2013

Tempo de Aula: 90'

Observação n.º: 2/4

Tipos de Linguagem		Sim	Não
Linguagem utilizada pelos alunos			
Os alunos utilizam frequentemente o calão?			X
Os alunos dirigem-se ao professor com respeito verbal?	X		
Os alunos utilizam uma terminologia correta e adequada às situações?	X		
Linguagem utilizada pelo Professor			
O professor apresenta uma linguagem adequada à idade dos alunos?	X		
A linguagem do professor apresenta cuidados científicos?	X		
Quando questionado pelos alunos consegue desmistificar essa linguagem? (se aplicável)	X		
Entre os alunos da mesma turma, o professor apresenta linguagens diferenciadas?		X	
A terminologia mais científica é utilizada nos momentos de informação?	X		
A terminologia mais científica é utilizada durante as tarefas?		X	
Quando repete um aluno, o professor apresenta cuidados verbais para tal?	X		
Características das tarefas			
Progressões e Complexidade			
O professor apresenta cuidados diferenciados para os alunos?	X		
As tarefas são estruturadas com recurso a progressões pedagógicas?	X		
Os alunos sentem-se motivados durante a realização dessas progressões? (se aplicável)	X		
Existem tarefas visivelmente mais complexas do que outras?	X		
Geralmente as tarefas têm mais do que uma ação motora?	X		

As instruções foram dadas de forma clara e precisa

Os alunos realizam facilmente todas as tarefas?	X	
A complexidade das tarefas está mais visível em tarefas mais coletivas?	X	
A complexidade das tarefas está mais visível em tarefas mais coletivas?	X	
Intensidade		
Os alunos realizam um aquecimento vigoroso que os prepara para a aula que vão realizar?	X	
O professor estrutura a aula de modo a que esta apresente poucos tempos de transição, instrução e informação?	X	
É evidente que os alunos saem da aula com um grau de fadiga razoável?		
Os alunos queixam-se ao professor quando as tarefas são muito intensas?	X	
Existe um momento na aula que seja específico para trabalhar a condição física dos alunos?	X	
Os alunos pedem ao professor para beber água em algum momento da aula?		X
A intensidade das tarefas está mais visível em tarefas mais coletivas?	X	
A intensidade das tarefas está mais visível em tarefas mais individuais?		X

No entanto, apesar de não ser possível fazer uma avaliação final na última hora da aula

Observações:

- * O equipamento foi utilizado, tendo inclusive sido com condições físicas.
- * Enquanto a Professora esteve no momento de informações com alguns alunos, estes já estavam na tarefa de escrita.
- * No mesmo momento, a Professora apresentou a fórmula para calcular o nível dos alunos.
- * Os alunos que estavam na Atividade, estiveram ganho e tempo todo envolvidos, muito atentos e interessados.
- * Sim, mas nem sempre.
- * Durante as tarefas, a Professora apresenta uma linguagem mais clara e acessível.
- * Durante toda a aula os alunos estavam motivados (mas no momento de fazer cálculos físicos).
- * O Tipo de linguagem do Professor é idêntico para todos os alunos.
- * As tarefas individuais são mais técnicas.
- * Os alunos na tarefa de cálculo apresentaram mais motivação.
- * Os alunos na apresentação das ideias voluntárias.

Observação de Aula

Escola: André de Gouveia

Ciclo de Ensino: Secundário

Ano e Turma: 12 TD1

N.º de alunos: 13

Data: 22/04/2013

Tempo de Aula: 90'

Observação n.º: 3/4

Motivação dos Géneros	Sim	Não
Tipo de Tarefas		
Rapazes e Raparigas preferem as mesmas matérias?		X
Destinadas preferencialmente ao gosto dos rapazes ou ao das raparigas?		X
As raparigas empenham-se nas tarefas preferidas pelos rapazes?	X	
Atitude do Professor	Sim	Não
Procura soluções pedagógicas para motivar os 2 géneros?	X	
Planifica tendo em consideração diferentes motivações?	Não Aplicável	
No Plano de Aula apresenta estratégias neste sentido?	Não Aplicável	
A sua linguagem diferente para com os diferentes géneros?	X	
O princípio da diferenciação está presente nas tarefas?	X	
Os grupos de trabalho têm alunos de ambos os sexos?	X	
Constata-se com regularidade, a existência de grupos totalmente constituídos por um género?		X
O professor requer constantemente que os rapazes cooperem com as raparigas?	X	
Os grupos de Trabalho são formulados com o intuito dos rapazes evoluírem graças ao contributo das raparigas? E vice-versa? (p.e. na dança coloca sempre os raparigas a facilitarem a evolução das raparigas)	Não aplicável	
Resposta dos Alunos	Sim	Não
Denota-se muita desmotivação em alguns alunos em virtude disto?		X
Raparigas e rapazes envolvem harmoniosamente nas tarefas?		X
As raparigas não gostam de pertencer a equipas de rapazes? E vice-versa?		X
Os rapazes sobreevalorizam-se relativamente às raparigas?	X	
Raparigas desmotivadas em algumas tarefas por falta de cooperação por parte dos rapazes?	X	
Ambos os géneros respeitam-se mutuamente?	X	
As raparigas gostam de se envolver com os rapazes nas tarefas?	X	
Progressões e Complexidade	Sim	Não
As tarefas são visivelmente mais complexas para os rapazes?	X	
As tarefas são notoriamente mais simples para as raparigas?	X	

Preocupações Pedagógicas	Sim	Não
Os alunos conhecem e dominam alguns exercícios que lhes permita realizar um aquecimento ajustado, sem que o professor interfira?		Não aplicável
Conseguem-se lecionar várias matérias em simultâneo, porque os alunos são autónomos?		" "
O professor não precisa de estar presente para que os alunos estejam empenhados e para que a tarefa seja realizada de forma perspicaz?	X	
Na existência de um "conflito", os alunos procuram o professor para resolvê-lo?	X	
Os alunos são autónomos em todas as tarefas observadas?		X
A autonomia é idêntica quando comparamos as tarefas das modalidades coletivas com as das modalidades individuais?		Não aplicável (ver observações)
O professor estimula os alunos a serem autónomos?		X
Há momentos em que o professor não intervém com o intuito de fomentar a enunciada autonomia?	X	
Os rapazes são mais autónomos que as raparigas?	X	
As raparigas são mais autónomas que os rapazes?		X
Constata-se longos períodos de tempo em que os alunos estão autónomos?	X	

Observações:

- * Durante a chamada, muitas comissões paralelas
- * As raparigas juntam-se em grupo e esperam que os rapazes as deixem para fazer parte.
- * O aquecimento faz de ser supervisionado pelo Professor.
- * Um aluno pede ao Professor para ajudar em problemas. Antes disso não seria esperado tal acontecer.
- * Os rapazes não cooperam com as raparigas
- * Por isso, os alunos necessitam de poder contar ao Professor por desmotivação as tarefas
- * No momento de trabalho, há muito de diferenciação das tarefas

Anexo X – Observação n.º 4 – 24 de Abril

Observação de Aula

Escola: André de Gouveia Ciclo de Ensino: Secundário Ano e Turma: 12 TDI

N.º de alunos: 12 Data: 24/04/2013 Tempo de Aula: 40' Observação n.º: 4/4

Caraterísticas das Turmas		Sim	Não
Competências dos Alunos			
Os alunos são geralmente competentes?			
Predomina a homogeneidade ou a heterogeneidade?			
Comparativamente com os outros ciclos de ensino, as turmas são mais homogêneas?			
Comparativamente com os outros ciclos de ensino, as turmas são mais heterogêneas?			
Comparativamente com os outros ciclos de ensino, a discrepância entre as competências exaltadas pelo PNEF e a realidade é maior (os alunos encontram-se nos níveis de ensino proclamados)?			
Comparativamente com os outros ciclos de ensino, a discrepância entre as competências exaltadas pelo PNEF e a realidade é menor (os alunos encontram-se nos níveis de ensino proclamados)?			
Constata-se a existência de grupos de níveis homogêneos?			
Verifica-se, em alguns casos, a existência de um ou dois alunos que têm dificuldades em se integrar nas tarefas propostas (mesmo que diferenciadas)?			
As turmas são mais homogêneas nas Modalidades Coletivas?			
As turmas são mais homogêneas nas Modalidades Individuais?			
Entre o género feminino existe mais homogeneidade?			
Entre o género masculino existe mais homogeneidade?			
Atitude do Professor			
Verifica-se facilmente que procura garantir a homogeneidade, pois foca-se sobretudo nos alunos menos competentes?			
Confere igual ênfase quer aos alunos mais competentes, quer aos menos competentes, evidenciando que não procura obter uma turma cada vez mais homogênea?			
Não respeita o princípio da diferenciação, mesmo quando existem alunos consideravelmente menos competentes, isto é, por vezes integra todos os alunos nas mesmas tarefas?			
O princípio da diferenciação está presente nas tarefas?			
Resposta dos Alunos			
Os alunos apreciam o facto de o professor diferenciar as tarefas?			
Os alunos menos competentes conseguem reconhecer as suas dificuldades?			

Reações ao Feedback		Sim	Não
Eficácia Pedagógica			
Os alunos apreciam e atentam mais no Feedback Descritivo?			
Os alunos apreciam e atentam mais no Feedback Prescritivo?			
Os alunos apreciam e atentam mais no Questionamento?			
Os alunos apreciam e atentam mais no Feedback Avaliativo?			
O Feedback Individual (específico) capta mais atenção que o Feedback Coletivo (geral)?			
O Feedback Verbal tem mais sucesso que o Feedback não Verbal?			
Tendo em conta as competências e a maturidade destes alunos, o Feedback é facilmente assimilado, ou suscita geralmente algumas dúvidas?			
Após a aplicação de um Feedback, os alunos procuram imediatamente ajustar as suas ações motoras ou persistem no erro?			
Os alunos menos competentes recebem mais Feedback?			
Os alunos mais competentes recebem Feedback em quantidade e em qualidade (consideravelmente)?			
Existem alunos que não recebem Feedback porque têm todas as competências adquiridas?			
Verifica-se que o professor tem dificuldade em conseguir que alguns alunos superem as suas dificuldades, através da aplicação do Feedback?			

Observações:

- * Os alunos têm geralmente as mesmas competências.
- * Os alunos encontram-se muito motivados durante o aquecimento.
- * Durante a realização da 1ª tarefa de Right, o Professor dividiu a turma em dois grupos homogêneos.
- * A Professor ~~tem~~ ^{deixou} cumprir a maior parte dos feedback aos alunos em pares (com parâmetros).
- * Durante a primeira vez que o questionamento.
- * A Professor recebeu duas tarefas, mas os alunos passaram por ambas.
- * Os alunos pensam bem o que a Professor tem de aplicar quando do seu feedback.

Anexo XI – Questionário Implementado no Trabalho de Investigação



Caro/a aluno/a,
Este questionário insere-se num trabalho de investigação-ação que pretende analisar as perceções e atitudes dos/as aluno/as relativamente à Educação Física de forma a melhorar a intervenção do teu Professor nas aulas de Educação Física.

Responde de uma forma sincera e espontânea às várias questões, pois não há respostas certas ou erradas, boas ou más. A tua verdadeira opinião será a melhor resposta.

O questionário é confidencial.

Lê com muita atenção antes de responderes. Se tiveres dúvidas solicita o seu esclarecimento.

Muito obrigado pela colaboração!

PARTE 1 – Identificação

1. Sexo: Masc. ___ Fem. _____

2. Idade _____

3. Série _____

4. Pratico desporto fora da escola: Sim _____; Não _____
4.1. Qual _____ ou
quais? _____

5. No final do ano passado a minha nota na disciplina de Educação Física foi: _____

PARTE 2- Perceções e atitudes relativamente à Educação Física

6. Qual o teu nível de assiduidade das aulas de Educação Física? (Marque com **X** a melhor opção)

a. Freqüente sempre ou quase sempre _____
a.1. Porquê/ Quais os principais motivos?

b. Freqüente às vezes _____
b.1. Porquê/ Quais os principais motivos?

c. Freqüento raramente ou nunca _____

c.1. Porquê/ Quais os principais motivos?

c.2. Sugere/indique quais os aspetos das aulas de EF que necessitariam de mudança para que frequentasse mais as aulas de Educação Física?

7. Marca com **X** a resposta que melhor corresponde á sua opinião:

7.1 Na minha escola, os espaços das aulas de educação física (pátios, ginásios e vestiários) são:

Muito bons	Bons	Regulares	Ruins	Muito ruins
_____	_____	_____	_____	_____

7.2. Na minha escola, os materiais (bolas, colchões, plintos, cordas, etc) das aulas de educação física são:

Muito bons	Bons	Regulares	Ruins	Muito ruins
_____	_____	_____	_____	_____

8. Se eu mandasse na escola, as aulas de Educação Física seriam: (Marca com X a resposta que melhor corresponde á sua opinião)

a. ___ Sempre mistas (com meninos e meninas juntos)

b. ___ Sempre separadas (só meninos e só meninas)

c. ___ Algumas seriam juntas e outras separadas

c.1. Em que matérias as aulas podem ser feitas com meninos e meninas juntos?

c.1. Em que matérias as aulas podem ser feitas com meninos e meninas separados?

9. O que sentes pela disciplina de Educação Física:

Gosto muito	Gosto	Gosto mais ou menos	Gosto pouco	Não gosto
_____	_____	_____	_____	_____

10. Qual a importância da Educação Física na tua formação global:

Muito importante	Importante	Mais ou menos importante	Pouco importante	Nenhuma importância
_____	_____	_____	_____	_____

Para mim as aulas de Educação Física devem servir para: (Marca com **X** a afirmação com a qual mais concordas- apenas uma)

<input type="checkbox"/>	melhorar minha saúde.
<input type="checkbox"/>	jogar melhor vários desportos.
<input type="checkbox"/>	aprender coisas novas.
<input type="checkbox"/>	os alunos distraírem-se, divertirem, brincarem.
<input type="checkbox"/>	descansar das aulas teóricas.
<input type="checkbox"/>	melhorar minha condição física.
<input type="checkbox"/>	participar em atividades desportivas com colegas do sexo oposto.
<input type="checkbox"/>	não tenho opinião.
<input type="checkbox"/>	não tenho opinião porque acho que as aulas de Educação Física não deviam ser obrigatórias.
<input type="checkbox"/>	nenhuma das anteriores. Escreve qual _____

11. Para que serve o que aprendes nas aulas de Educação Física? (Marque com **X** a afirmação com a qual mais concordas- apenas uma)

<input type="checkbox"/>	Conhecer e aplicar as regras dos desportos praticados nas aulas.
<input type="checkbox"/>	Conhecer melhor o funcionamento do meu corpo.
<input type="checkbox"/>	Saber utilizar as técnicas adequadas nas diferentes atividades físicas.
<input type="checkbox"/>	Ser capaz de desempenhar diferentes papéis (árbitro, capitão de equipa, suplente, etc).
<input type="checkbox"/>	Entender melhor as notícias desportivas dos jornais e televisão.
<input type="checkbox"/>	Aprender a gostar das atividades físicas e continuar a praticar depois de sair da escola.
<input type="checkbox"/>	não aprendo nada... não me serve para nada.
<input type="checkbox"/>	nenhuma das anteriores. Escreve qual. _____

13.1. Dos desportos praticados nas aulas de educação física o que **mais gosto** é:

13.2. E o que **menos gosto**

é: _____

14.1. O que **mais me agrada** nas aulas de Educação Física é: _____

14.2. E o que **menos me agrada** é: _____

15. Responde como pensas ser o teu relacionamento com o teu professor de Educação Física.

(Para cada uma das **afirmações** faz um **O** à volta da opção que melhor representa a tua opinião)

	Sempre 5	Muitas vezes 4	Às vezes 3	Poucas vezes 2	Nunca ou quase nunca 1
15.1. O meu professor elogia-me quando faço alguma coisa bem feita.	5	4	3	2	1
15.2. O meu professor trata-me de forma diferente porque sou menino (ou menina)	5	4	3	2	1
15.3. O meu professor pede-me para demonstrar os exercícios durante a aula.	5	4	3	2	1
15.4. O meu professor ajuda-me quando tenho dificuldade para fazer um exercício ou quando não entendo o que é para fazer	5	4	3	2	1
15.5. O meu professor coloca as mesmas regras de comportamento para os meninos e meninas.	5	4	3	2	1
15.6. O meu professor só se preocupa com alguns alunos	5	4	3	2	1
15.7. O meu professor é educado comigo e	5	4	3	2	1

demonstra respeitar-me.					
15.8. O meu professor chama-me à atenção quando eu não me comporto bem.	5	4	3	2	1
15.9. O meu professor chama-me a atenção quando eu faço uma coisa diferente do que ele me mandou	5	4	3	2	1
15.10. O meu professor é entusiasmado nas aulas	5	4	3	2	1
15.11. O meu professor é carinhoso e fixe comigo.	5	4	3	2	1
15.12. O meu professor de Educação Física é justo quando me avalia.	5	4	3	2	1

16.1- O que mais gosto no meu (minha) professor (a) de Educação Física é: _____

16.2. E o que menos gosto é: _____

17. Na tua opinião quais são **as qualidades de um bom professor** de Educação Física?

Numera de 1 a 5 cinco as que consideras mais importantes, sendo **o número 1 para a mais importante, o 2 para a segunda mais importante, o 3 para a terceira mais importante, o 4 para a quarta mais importante e o 5 para a quinta mais importante.**

___	17.1. Deixa os alunos fazerem as atividades que eles mais gostam nas aulas.
___	17.2. É fixe e carinhoso com os alunos.
___	17.3. Mantém a disciplina e os alunos bem comportados.
___	17.4. Não comete erros sobre o que ensina (conhece bem assunto).
___	17.5. Deixa os alunos sozinhos.
___	17.6. Incentiva e ajuda aqueles que têm mais dificuldades.

___	17.7. É exigente com os alunos.
___	17.8. Respeita os alunos, tratando-os de forma correta.
___	17.9. Explica bem para que servem os exercícios, quais são os seus objetivos e como devem ser feitos.
___	17.10. Estimula a amizade e o espírito de ajuda entre os alunos.
___	17.11. É justo nos testes e quando dá as notas
___	17.12. Estabelece junto com os alunos, regras de comportamento, o que os alunos e professor devem respeitar.

18. (Para cada uma das afirmações faz um **O** à volta da opção que melhor representa a tua opinião)

O que achas da tua **própria capacidade** nas aulas de Educação Física:

	Muito Bom	Bom	Suficiente	Fraco	Muito fraco
	5	4	3	2	1
18.1. Em relação á disciplina de Educação Física (Geral)	5	4	3	2	1
18.2. Em relação à minha condição física	5	4	3	2	1

19. Como **sentes a tua habilidade** nos desportos abaixo:

	Muito Bom	Bom	Suficiente	Fraco	Muito fraco
	5	4	3	2	1
19.1. Futebol	5	4	3	2	1
19.2. Basquetebol	5	4	3	2	1
19.3. Ginástica de Solo	5	4	3	2	1
19.4. Voleibol	5	4	3	2	1
19.5. Ginástica de Aparelhos	5	4	3	2	1

19.6. Atletismo	5	4	3	2	1
-----------------	---	---	---	---	---

20. O que achas mais importante nas aulas de Educação Física?

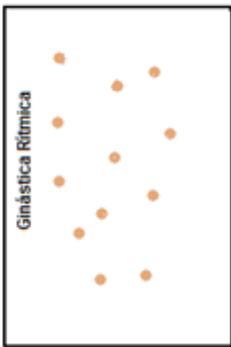
Numera de **1 a 3** as respostas mais importantes, sendo o número 1 para a mais importante, o 2 para a segunda mais importante e o 3 para a terceira mais importante (**numera apenas 3 respostas**).

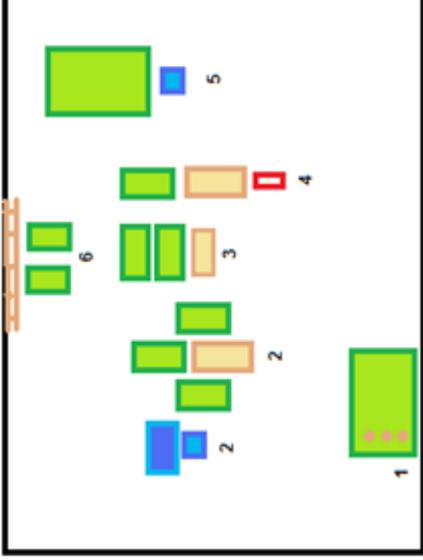
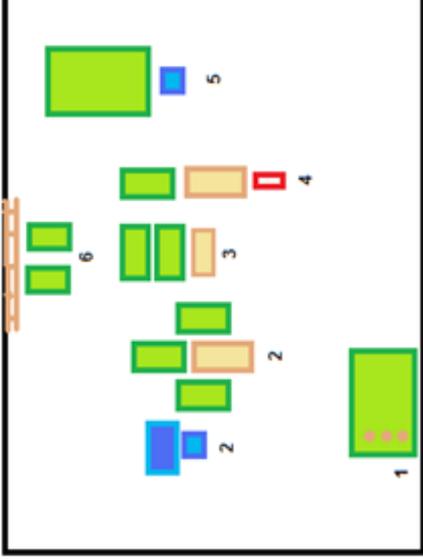
_____	20.1. Melhorar minha condição física.
_____	20.2. Participar em competições.
_____	20.3. Vir a ser um campeão algum dia.
_____	20.4. Conviver com os colegas e fazer novas amizades.
_____	20.5. Melhorar minha aparência corporal.
_____	20.6. Beneficiar a minha saúde.
_____	20.7. Fazer alguma coisa de que gosto.
_____	20.8. Passar bem o tempo.
_____	20.9. Atingir um nível desportivo mais elevado.
_____	20.10. Outro objetivo, qual? _____

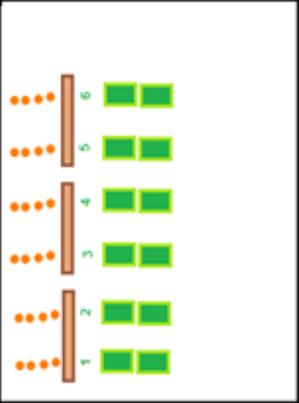
Obrigado

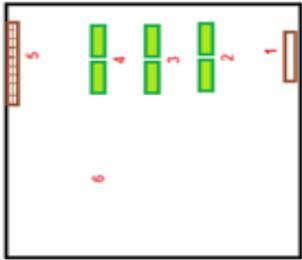
**pela tua valiosa
colaboração!**

Anexo XII – Exemplo de Plano de Aula

Escola Básica Conde de Vilaiva		PLANO DE AULA					Uo évora				
Professor	Diogo Monteiro	Ano Letivo	2012/2013	Turma	5.ªA	Data	29/04/2013	Hora	10h05/11h35	Espaço	G2
Período	3.º	N.º Aula	77 e 78	Sessão n.º	4/6	Duração:	90'	N.º Alunos	28	Etapas	3.ª
Matéria (s)	Ginástica de Solo, Aparelhos e Rítmica		Matéria Nuclear	Ginástica de Aparelhos		Nível ou Níveis de Aprendizagem	Ginástica de Solo – NI e I Ginástica de Aparelhos – NI, I e II Ginástica Rítmica – NI, I e II	Funções Didáticas	Desenvolvimento/Aplicação/Avaliação Formativa		
Conteúdos	Ginástica de Solo, NI – Rolamentos à frente e à retaguarda (Plano Inclinado ou não), terminado com os Pés juntos. Subida para pino com ajuda do espaldar ou Coliga. Ponte e Vela / I – Rolamento à frente terminando com as pernas afastadas e Rolamento Saltado. Ginástica de Rítmica – salto à corda no lugar e em deslocamento, com 1 ou 2 apoios e com o arco efetuar Trabalho de Força no nível do tronco										
Objetivos da Aula	Ginástica de Solo, NI – realizar rolamentos à frente e à retaguarda (Plano Inclinado ou não), terminado com os Pés juntos. Subir para pino com ajuda do espaldar ou Coliga, realizar Ponte e Vela / I – concretizar rolamento à frente terminando com as pernas afastadas e rolamento saltado. Ginástica Rítmica – explorar a corda, realizando saltos com ou sem deslocamento, a 1 ou a 2 pés e explorar o arco realizando movimentos de cintura para evitar que este caia no chão.										
Recursos Materiais	Apito, cronómetro, cordas, arcos, plinto, colchões , colchões, bancos suecos, minitrampolim.										
Tempo	Objetivos/Ações Motoras	Organização/Situação de aprendizagem/Esquema	Critérios de êxito/Variantes		Estratégias de Intervenção						
0'	Momento de informação, instrução e organização	Os alunos estão organizados em semicírculo à minha frente.		- Ao colocar todos os alunos em "meio-círculo", certifique-me que todos me vêm e que eu vejo todos. Esta é uma parte importante pois é um momento solene que marca o início da aula e permite verificar o material dos alunos, ou seja, certificar-me que estão reunidas condições de prática com segurança.							
5'	Tarefa de Aquecimento: Ginástica Rítmica: saltos à corda no lugar e em deslocamento, sentido da rotação da corda para a frente e para trás, com um e dois apoios, evitando que esta toque no corpo. Movimentos de cintura com o arco, de modo a que este não caia no chão. Objetivos da Tarefa: com a corda tentar dar 10 saltos com ambos os pés (depois passar para 20) e em simultâneo e com o arco fazer uma pequena competição para ver quem aquece mais tempo sem deixar cair o arco	Situação de Aprendizagem: Os alunos encontram-se espalhados pelo espaço		- Ao colocar todos os alunos em "meio-círculo", certifique-me que todos me vêm e que eu vejo todos. Esta é uma parte importante pois é um momento solene que marca o início da aula e permite verificar o material dos alunos, ou seja, certificar-me que estão reunidas condições de prática com segurança. - SOLICITAR QUE ATEM OS CABELOS, RETIREM OS BRINCOS, RELOGIOS, etc.							
		 <p>Ginástica Rítmica</p>		<p>Critérios de Êxito Ginástica Rítmica: Respeitar o ritmo dos saltos com a corda e os balanços de cintura com o arco para que estes se tornem movimentos o mais estáveis possível.</p>							

15'	Momento de transição, informação e instrução	Os alunos estarão colocados nos bancos enquanto explicarei as tarefas da segunda parte da aula.	Recomendo ao questionamento, certifico-me que todos os alunos perceberam o que é para fazer.
20'	1.ª Tarefa: Ginástica de Aparelhos e de Solo	<p>Nesta fase da aula, a turma será dividida em 6 grupos</p>  <p>Objetivos da Tarefa: NI – executar adequadamente a corrida de balanço, a pré-chamada e a chamada no reuther e no minitrampolim, realizar o Salto de Ladrão (Plinto), Salto de Coelho (Plinto), Cambalhota no Plinto, Salto em Extensão (Minitrampolim) e Salto Engrupado (Minitrampolim). I – executar adequadamente a corrida de balanço, a pré-chamada e a chamada no reuther e no minitrampolim, realizar o Salto ao Eixo (Plinto Transversal), Salto ao Eixo (Plinto Longitudinal), Salto em Extensão (Minitrampolim) e Salto Engrupado (Minitrampolim).</p> <p>Ações motoras e Hierarquização: Vou estruturar 6 estações, sendo elas as seguintes: *Garantir que os alunos dominam a corrida de balanço 1. Subida na corda até ao máximo que conseguirem e descida de forma segura 1.a) Quem não consegue apenas tenta permanecer agarrado à corda em suspensão. 2. Cambalhota no Plinto 2.a) Quem não consegue, faz rolamento à frente num Plano Inclinado (colocado ao lado desta estação – Minitrampolim desmontado) 3. Salto de Ladrão no Plinto, seguido de rolamento à frente 3.a) Quem não consegue transportar o Plinto, salta apenas para cima desde (com os pés juntos) 4. Salto de Coelho no Plinto, seguido de salto em extensão e rolamento à frente 4.a) Quem não consegue colocar</p>	<p>Momento de Informação/Instrução</p> <ul style="list-style-type: none"> - Neste momento, deverei explicar aos alunos os objetivos das diferentes tarefas, assim como será feita a rotação pelo espaço. - So indicarei os grupos depois de explicar tudo o que considero oportuno (evito momentos de confusão, o que levaria à desconcentração dos alunos aquando da instrução) - Sempre que considerar pertinente dirijo-me a cada um dos grupos em particular. <p>Momento de Organização .Forno os seguintes grupos: Grupo 1 – João, T. Fialho, T. Serra, Vera e Daniela Grupo 2 – T. Marques, T. Nunes, José, Liliana e Joana Grupo 3 – Flávio, Duarte, Beatriz e Sara Grupo 4 – Rodrigo, D. Amador, Catarina e Teresa Grupo 5 – Alexandre, Gaspar, D. Domingues, Rute e Carolina Grupo 6 – Pedro, André, Rui, Cátia e Sofia</p> <p>(critérios para formação de grupos: competências e comportamento nas aulas)</p> <p>A troca de estações será feita depois de todos os alunos terem feito pelo menos 5 repetições ou sensivelmente 5'.</p>
30'	Parte Fundamental/Central	<p>Nesta fase da aula, a turma será dividida em 6 grupos</p> 	<p>Critérios de Êxito: Grp. Solo Rolamento à Frente – palmas das mãos à largura dos ombros, os dedos bem afastados, queixo junto ao peito, nuca toca no solo, linha reta e pernas unidas. Rolamento à Retaguarda – queixo no peito, palmas das mãos tocam no chão ao lado da cabeça, repulsão dos braços, linha reta e pernas unidas. Pino – mãos à largura dos ombros, elevação da bacia até à vertical, todos os segmentos alinhados e olhar para as mãos. Pré-Chamada com 1 pé e Chamada com os 2 pés Rolamento à Frente – manter o queixo sempre junto ao peito, realizando o rolamento numa trajetória reta; nuca é que contacta com o Plinto. Salto ao eixo – afasta bem as pernas e eleva bem a bacia. Salto de Coelho – as mãos são as primeiras a contactar com o aparelho. Salto de Ladrão – mantém as pernas juntas e eleva a bacia. Salto em Extensão – dirigir o olhar para a frente, todos os segmentos corporais em extensão e colocar bacia em retroversão. Salto Engrupado – dirigir o olhar para a frente, flétr energeticamente os membros inferiores no ponto mais lto da trajetória aérea e agarrar os membros inferiores abaixo dos joelhos.</p>

	<p>primeiro os pés, coloca os Joelhos</p> <p>4.b) Colocar as mãos mais à frente.</p> <p>4.c) Para os alunos mais evoluídos (I), fazem salto de eixo no plano longitudinal</p> <p>5. Salto em Extensão e Engrupado no Minitrampolim</p> <p>6. Pino de Braços, com ajuda do espaldar</p> <p>6.a) Para os alunos que não conseguem subir o espaldar apoiando os pés e descer em cambalhota à frente;</p> <p>6.b) Os que não conseguem descer em cambalhota, tiram os pés novamente pelo espaldar</p>	<p>Nesta parte da aula, os alunos serão agrupados em 6 grupos.</p> <p><u>Situação de aprendizagem:</u> sob forma de vagas, os alunos que estiverem à frente de cada um dos grupos realiza a ação motora pretendida.</p>	<p>Crterios de Exito</p> <p>Cambalhota à Frente – queixo junto ao peito, rolar em linha reta, terminando em pé.</p> <p>-Cambalhota atrás – queixo junto ao peito, rolar em linha reta, terminando em pé</p> <p>-Vela – durante 3”, apenas braços e nuca estão apoiados no solo.</p> <p>-Ponte – Extensão dos membros superiores, extensão dos membros inferiores e cabeça acompanha o movimento de extensão da coluna.</p> <p>-Avião- Tronco paralelo ao solo, membros superiores em extensão, no prolongamento do tronco, M.I. em elevação, paralela ao solo e no prolongamento do tronco, M.I. de apoio em extensão e olhar dirigido para a frente.</p>	<p>Momento de Organização</p> <p>.Formo os mesmos grupos da tarefa anterior;</p> <p>Momento de Prática</p> <p>-Nesta fase, deve situar-me de frente para o local onde os alunos estão a realizar as ações motoras.</p> <p>. Conferir ciclos de feedback.</p> <p>. Os grupos são os mesmos da tarefa de aquecimento</p>
50'	<p>2.ª Tarefa: Ginástica de Solo</p> <p>Objetivos: apertear as diferentes ações motoras, efetuando sempre 2 a 3 repetições por cada uma delas.</p> <p>Ações motoras: cambalhota à frente, cambalhota atrás, avião, ponte e vela. Cada aluno repete 2 vezes a mesma ação motora</p>			

70'	<p>3ª Tarefa: Condição Física</p> <p>Ações motoras: apoios no banco sueco (1), abdominais (2), flexões de braços (3), dorsais (4), resistência abdominal no espaldar (5), pulos de galo (6)</p>	<p>Situação de Aprendizagem: os alunos são divididos em 6 grupos que ocuparam as 6 estações.</p>  <p>Os alunos realizam as ações durante 20" em cada estação e depois trocam para a estação seguinte. Quando chegarem à inicial, realizam durante 30" o novo ciclo.</p> <p>No final os alunos realizam o jogo da corda. As equipas são do grupo 1, 2 e 3 contra o grupo 4, 5 e 6.</p>	<p>Momento de Organização Formo os mesmos grupos da tarefa anterior;</p> <p>Momento de Prática -Nesta fase, deve situar-me de frente para o local onde os alunos estão a realizar as ações motoras.</p>
Parte final (Retorno à calma)			
80'	<p>Eu realizo alguns alongamentos, ao nível dos membros inferiores, para que toda a turma me "imite".</p>	<p>Os alunos posicionam-se no centro do campo para fazerem os alongamentos.</p> 	<p>Penso que este momento é importante, para que os alunos se habituem à existência de um momento reflexivo acerca da aula e ao mesmo tempo marcar o final da aula.</p>
83'	<p>Arrumação do material</p>		
90'	<p>Saída dos alunos</p>	<p>Este momento marca o final da aula.</p>	
Observações:			

Anexo XIII – Exemplo de Relatório de Aula



Escola E.B.2.3 Conde de Vilaiva

Relatório de Aula 7.ªA

Aula: Num. 26

Data: 19/11/2012

Hora: 11h45 – 12h30h

Local: Ginásio (G2) da Escola

Comentários

Nesta aula, em que o Professor Orientador da Universidade António Monteiro esteve presente, as matérias abordadas foram a Ginástica de Solo e de Aparelhos.

Esta aula começou com um ligeiro atraso, não por minha culpa, mas pelo facto dos alunos terem chegado atrasados. Assim que a maior parte da turma chegou, alertei os alunos para o facto de terem obrigatoriamente que trazer sapatilhas (sabinas) para a realização destas aulas, assim como para a necessidade de atarem os cabelos, retirarem os fios, os brincos, as pulseiras, os relógios e outro tipo de acessórios que os podem magoar a eles próprios e aos seus colegas. Estas são algumas medidas que garantem a integridade física dos alunos durante as tarefas, ainda mais quando falamos de modalidades como a ginástica em que o corpo está constantemente no solo.

De seguida, falei de uma forma muito breve acerca dos conteúdos que iriam ser abordados na aula. Pelo facto de ser uma aula de continuação em relação à aula anterior, não me prolonguei muito acerca dos seus objetivos, uma vez que já tinham sido abordados. Sendo assim, rapidamente comecei por explicar em que iria consistir o aquecimento. Também este já tinha sido realizado na aula anterior, no entanto, foi submetido a algumas alterações que foram explicadas aos alunos. Nesta parte da aula cometi um erro pelo facto de lhes ter dito primeiro para se juntarem em grupos de 2 e só depois recorri ao questionamento com o intuito de perceber se ainda se lembravam das tarefas, ora, com toda agitação que proporciona a junção dos alunos em grupos, pouco ou nada tiveram com atenção. Numa situação futura, deverei primeiro recordar as tarefas com eles e só depois dizer para formarem os grupos. No que concerne ao aquecimento propriamente dito, acho que os seus objetivos foram alcançados, tendo mesmo sido elogiado pelos Professores, pela sua especificidade em relação à aula.

Em relação à última aula, consegui melhorar desde já dois aspetos: tive mais cuidado com a linguagem aquando dos momentos de informação (tinha referido num contexto “o aluno que vai à frente abre as pernas...” e desta vez disse “o aluno que vai à frente afasta as pernas...”, e na última aula não tinha alertado os alunos para a necessidade de procurarem constantemente o espaço vazio durante a tarefa e desta vez realcei esse facto. Esta última, poderá ser proveitosa também para as modalidades desportivas coletivas, pois os alunos têm dificuldades em ocuparem os espaços vazios (transfer positivo).

Depois de realizado o aquecimento, decidi reunir os alunos em meio-círculo para alongarem e efetuarem alguma mobilização articular. Considero que pelo facto de ser uma aula de ginástica, poderia ter prolongado e diversificado um pouco mais esta mobilização, efetuando não só movimentos de pulsos, cotovelos e tornozelos, mas também de bacia, de pescoço, etc.

Findada a parte inicial da aula (ou de aquecimento), reuni de novo os alunos nos bancos suecos, ao canto do pavilhão para que todos pudessem ver o que iria ser pedido em cada uma das estações. Utilizei a aluna Yara, pelo facto de saber que é uma aluna com bom desempenho nestas matérias. Dois aspetos em que melhorei, em relação à aula transata: o facto de corrigir alguns aspetos que essa aluna realizava menos bem; Exemplo: na cambalhota atrás a aluna não estou as pernas para que pudesse subir e eu referi que tinham de ter esse aspeto em consideração. O facto de referir todas regras de segurança em cada uma das estações. Findada a demonstração, mostrei aos alunos como se processaria a rotação pelas estações através de um esquema que escrevi no quadro.

No momento em que os alunos estavam em exercitação, dediquei-me com maior ênfase à estação n.º1, ou seja, à estação onde os alunos realizavam o salto de eixo. Muitos dos alunos não conseguem realizar o salto, portanto optei por me colocar aí para prevenir acidentes. A estação em que me fixei mais, foi pensada para os alunos que não conseguissem transpor o boque, com recurso a um colchão de quedas e a um plano inclinado (banco sueco). Esta opção foi ganha, e digo isto porque uma das alunas que não conseguia ultrapassou o medo e saltou. Devo referir que fiquei muito satisfeito e com a sensação de dever cumprido. Bento, (2003) refere “...na exercitação, são estimulantes e despertam interesse tarefas com indicação concreta do grau de dificuldade a enfrentar. A isto associa-se o contato e calor pessoal, o encorajamento (“Experimenta, vê se já consegues! Vais ver que consegues passar o plinto! Tenta mais uma vez, consegues de certeza!”) e modificações da atividade e das tarefas”. Talvez pelo facto de estar demasiado preocupado com esta estação descurei um pouco as outras, isto é, por estar tão focado e tão decidido que os alunos tinham de

ultrapassar este medo, não conferi quase nenhuns feedback's aos restantes alunos da turma. Este é um aspeto muito relevante pois não o deverei repetir. Uma das soluções será a seguinte: quando estiverem os alunos com o nível de ensino superior nesta estação, é a oportunidade de me dirigir às outras estações, de moda a provocar e potenciar aprendizagens (feedback), que ao fim ao cabo é o papel do Professor. Sobre este aspeto saliento uma reflexão: não devo tentar estar em todas as estações ao mesmo tempo nem concentrar-me a penas numa toda a aula, o ideal é um meio-termo. Para Bento (2003), "*A organização da aula de possibilitar um curso fluente e sem perturbações do ensino, primando por uma boa ordem e disciplina de trabalho.*"

O Professor Orientado da Universidade questionou-me acerca da quantidade de estações e de conteúdos para uma aula de 45'. De facto, numa fase inicial pensei que não fossem muitas pois esta era uma aula de continuação mas de facto talvez uma ou duas estações a menos seria o ideal para poder proporcionar aprendizagens a toda a turma. Outra sugestão que o Professor me deu foi definir, numa fase mais inicial da minha experiência, um tempo preciso para a rotação das estações para que o processo se torne o mais definido possível. Em relação a esta sugestão, aceito, embora me queira justificar pelo facto de ter pensado que o melhor seria definir quantas repetições queria ver na estação que demoraria mais tempo para poder trocar os alunos de estações, ou então, ter a sensibilidade de perceber quando é que os objetivos seriam cumpridos em cada uma das estações. Tenho de admitir que nesta fase não posso, de maneira alguma, querer ter a sensibilidade apurada para tal.

Em suma, considero que no geral a aula correu bem, no entanto, terei de refletir acerca de algumas opções, nomeadamente no que diz respeito à minha função enquanto Professor, ensinar.

Anexo XIV – Exemplo de Quadro Resumo Avaliação Inicial do 5.º A

Contexto Turma - 5.º A										
Modalidades Coletivas					Modalidades Individuais					
Número de Alunos num determinado Nível										
Nível Diagnosticado	Pré-Desportivos	Futebol	Voleibol	Atletismo	Ginástica de Aparelhos	Ginástica de Solo	Ginástica Rítmica	Raquetes (madeira)	Atividades Rítmicas e Expressivas	
Não Introdutório	0	21	19	11	11	22	15	15	23	
Introdutório	0	7	9	17	17	3	13	13	5	
Elementar	23	0	0	0	0	0	0	0	0	
Avançado	5	0	0	0	0	0	0	0	0	
S/ Avaliação	0	0	0	0	0	3	0	0	0	
Total de Alunos	28	28	28	28	28	28	28	28	28	
	O nível diagnosticado está de acordo com o previsto nos PNEF									
	O nível diagnosticado não está de acordo com o previsto nos PNEF									
	Quando o solicitado é parte de algum nível (nos casos mencionados é Parte do Nível Elementar)									
	Programas Nacionais de Educação Física									
	5.º Ano									
Nível Requerido	Jogos Pré-Desportivos	Futebol	Voleibol	Atletismo	Ginástica de Aparelhos	Ginástica de Solo	Ginástica Rítmica	Raquetes (madeira)	Atividades Rítmicas e Expressivas	
Nível a Alcançar	Elementar	Introdutório	Parte do Nível Introdutório	Parte do Nível Introdutório	Parte do Nível Introdutório	Introdutório	Parte do Introdutório	Introdutório	Introdutório	
	Avançado	Elementar	Introdutório	Parte do Nível Introdutório	Introdutório	Elementar	Introdutório	Elementar	Parte do Nível Elementar	
	Nível Requerido = quando o aluno ingressa no 5.º Ano deve estar em determinado Nível, ou seja, no 4.º Ano devia ter alcançado determinado Nível - de acordo com o PNEF									
	Nível a alcançar = no final do 5.º Ano o aluno deverá ter um conjunto de competências, as quais correspondem a determinado Nível (Introdutório, Elementar ou Avançado) - de acordo com o PNEF									
	* Matéria Alternativa, como tal não se estipula um Nível para um ano de escolaridade.									

Anexo XV – Exemplo de Calendarização de Etapas do 5.º A

Plano Anual de Turma - 5.º A (Ano Letivo 2012/2013)																									
Períodos		1.º Período (14.09 a 14.12)			2.º Período (03.01 a 15.03)			3.º Período (02.04 a 07.06)			4.ª Etapa														
Etapas		2.ª Etapa			3.ª Etapa			Desenvolvimento e Aplicação			Consolidação														
Função Didática		Aprendizagem e Desenvolvimento			Desenvolvimento e Aplicação			Desenvolvimento e Aplicação			Consolidação														
Meses		Novembro			Dezembro			Janeiro			Fevereiro			Março			Abril			Maio			Junho		
Datas		29.10 a 21.11			26.11 a 12.12			07.01 a 30.01			04.02 a 27.02			04.03 a 03.04			08.04 a 24.04			29.04 a 20.05			22.05 a 12.06		
Unidades de Ensino		1.ª U.E.			2.ª U.E.			3.ª U.E.			1.ª U.E.			2.ª U.E.			3.ª U.E.			1.ª U.E.			2.ª U.E.		
N.º Semanas		4			3			4			3			3			3			4			4		
Espaços		G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1/P1			G2/P2/G1			G1/G2/P2/P1		
Materias		Fitnessgram Gin. Solo Gin. Rítmica Gin. Aparelhos (todos os aparelhos) Atletismo (corridas, saltos e lançamentos) Futebol Jogos Pré-Desportivos Voleibol A. Rit. e Expres. Raquetes A. Rítmicas e Exoressivas Conhecimentos			J. Pré-Desportivos Raquetes Luta Gin. Solo e Aparelhos Atletismo (Corrida Contínua, Salto em Comprimento, Lançamento da Bola e Velocidade) Gin. Aparelhos A. Rit. e Expres. Gin. Solo Luta			J. Pré-Desportivos Raquetes Luta Gin. Solo e Aparelhos Atletismo (Corrida Contínua, Salto em Comprimento, Lançamento da Bola e Velocidade) Gin. Aparelhos A. Rit. e Expres. Gin. Solo Luta			Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Salto em Altura, Salto em Comprimento e Lançamento da Bola e Velocidade) Voleibol Futebol			Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Salto em Altura, Salto em Comprimento e Lançamento da Bola e Velocidade) Voleibol A. Rit. e Expres. Conhecimento Futebol			Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Atletismo (Corrida Contínua e Lançamento da Bola e Velocidade) Futebol Voleibol A. Rit. e Expres. Conhecimentos			A. Rit. e Expres. Gin. Solo Gin. Aparelhos Gin. Rítmica Jogos Pré-Desportivos Futebol Voleibol Atletismo (Saltos em Altura e Comprimento, Velocidade)			Fitnessgram Gin. Solo Gin. Rítmica Gin. Aparelhos (tudo, menos Barra Fixa) Atletismo (tudo) Futebol J. Pré-Desport. Voleibol Raquetes A. Rit. e Expres. Conhecimentos		
Objetivos		Avaliar a aptidão Física de todos os alunos; Diagnosticar competências e dificuldades nos alunos; Rever algumas matérias e fomentar aprendizagens; Criar rotinas; Ponderar estratégias de			Objetivos Intermediários da 2.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.			Objetivos Intermediários da 3.ª Etapa: Definidos no Ponto 4 deste Documento.		